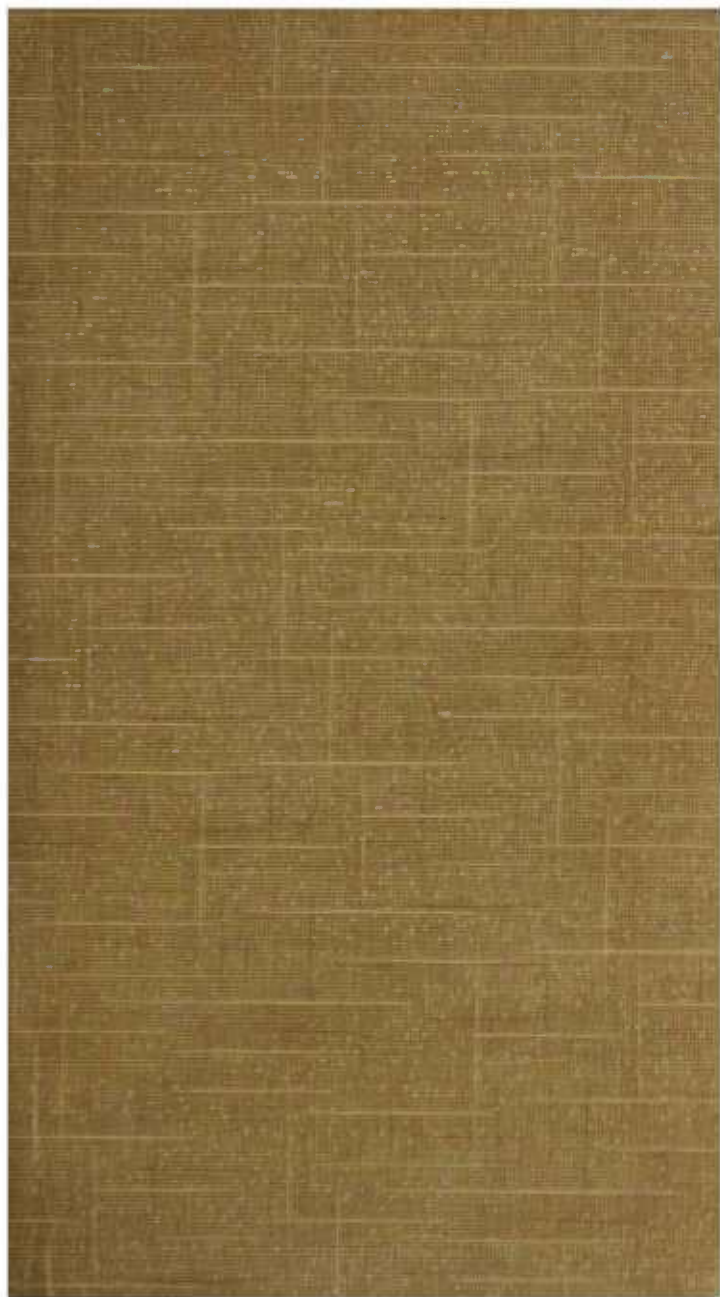




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



O MOÇO LOIRO.

POR

Joaquim Manoel de Macedo

DOUTOR EM MEDICINA.

E enfim n'estes cançados pensamentos
Passo esta vida van, que sempre dura.
CAMÕES.

TOMO I.



Rio de Janeiro.

Typ. de Carlos Haring, Rua do Hospicio N. 18.

1845,

AS SENHORAS BRAZILEIRAS.

UM LIVRE.

TREMELF EN PALME ABRITÉ SOUS VOS PIEDS.

V. HCCO.

Senhoras!

Para que nascesse o *Mço Loiro* influirão fortemente em mim ideas sobre as coisas nobres e profundos.

No empenho de escrever — a gratidão.

Na concepção e desenvolvimento do romance — a esperança.

Um anno ha decorrido, desde que um joven desconhecido, sem influencias, com poucos e limitadissimos recursos intellectuaes; mas rico de vontade e de bons desejos, temeroso e quasi a força offereceu a generosidade do publico do Rio de Janeiro um pobre fructo de sua imaginação — a *Moreninha* — que elle amava, como filha de sua alma. Esse joven, Senhoras, — fui eu.

Fui eu, que, com meos olhos de pai, a segui em sua perigosa vida, temendo vê-la cair a cada instante no abysmo do esquecimento. Fui eu, que (talvez ainda com vaidade de pai) cheguei a crer, que o publico a não engeltava, e, sobre tudo, que minha querida filha tinha achado co ração angelica, que della se apiedando, com o talisman sagrado de sua sympathia a levantarão mesmo muito aclama.

do que ella merecer podia. E esses corações, senhoras,— forão os vossos.

Oh! mas é preciso ser auctor; ao menos pequenino auctor, como eu sou, para se comprehender com que immenso prazer, com que orgulho eu scrihava vossos bellos olhos pretos brasileiros derramando os brillhantes raios de suas vistas sobre as paginas do meo livro! vossos labios côr de roza docemente sorrindo-se as travessuras da Moreninha!

E desde então eu senti, que devia um eterno votto de agradecimento a esse publico, que não engeitara minha cara menina; e que a mais justa dedicação me prendia aos pés dos candidos seres, que havião tido compaixão de minha filha.

E, pobre como sou, convenci-me para logo, que não daria nunca um penhor dos sentimentos, que em mim fervem, se o não fosse buscar no fundo d'alma, colhendo minhas ideias, e dellas organisando um pensamento.

E, acreditando, que me não devia envergonhar da offerta, porque dava, o que dar podia; e porque, assim como o perfume é a expressão da flor, o pensamento é o perfume do espirito; eu quiz escrever.....

No empenho de escrever pois influio em mim — a gratidão.

Ora, o pensamento que dessas ideias pretendia organisar era — um romance —; mas fraco e desalentado, o que poderia exercer em mim influencia tam benigna e forte, que, merce della, conseguisse eu conceber (mesmo de forme come é) o Moço Loiro, e chegasse a termina-lo? o que?... — a esperança.

Porque a esperança—é um allmento — sim! o mais doce alimento do espirito!

E tudo quanto eu esperet, espero ainda.

Espero que minhas encantadoras patricias veção no—Moço Loiro—um simples e ingenuo tributo de gratidão a ellas votado; e espero tambem que o publico, que outr'ora

me animou, e a quem muito devo, de tal tributo se apraza ; pois sei, que sempre fisonheiro lhe é ver render cultos aos astros brilhantes de seo claro céo, as mimosas flores de seo ameno prado.

Espero ainda, que meo novo filho não será lançado ao longe, como fructo verde e ingrato ao paladar..... que o Moço Loiro será, ao menos por piedade, aceito, e comprehendido.

Espero mais, Senhoras, que, generosas sempre, perdoadando as imperfeições e graves defeitos do Moço Loiro, não que rereis perguntar a seu debil pai—como ouzas escrever?—oh! não m'o perguntareis ; porque ha em vos bastante ardor, imaginação, e poesia para sentir, que as vezes o desejo de escrever é forte, qual o Instincto, que manda beber agua para apagar a sede, e comer para matar a fome : que as vezes o pensamento arde, e se consome em fogo ; e que então é inevitavel deixar sair as chammas desse fogo..... as idéas desse pensamento.....

Espero finalmente, que vos, Senhoras, dignando-vos adoptar o Moço Loiro, permittireis, que elle coberto com a égide de vosso patrocínio, possa obter o favor, e encontrar o abrigo, que a sua irmã não foi negado.

Sim ! que este pobre menino, sahido apenas do tam frio e abatido seio de seo pai, se anime e aqueça a vossa sombra !... que—por uma compensação—peia mais susprada das compensações—esse passado de gelo e de abatimento fique par a sempre esquecido ante o ardor e a felicidade do futuro !...

Oh ! que não seja uma illusão a minha esperança !...

Consenti, pois, Senhoras, que me eu attreva a dedicar - vos o Moço Loiro, como um primeiro e fraco signal de reconhecimento, que ha de durar sempre....

Inspirado peia gratidão é effe semelhante a uma innocente flor depositada com religioso respeito no altar e aos pés dos anjos.

Filho da esperança pode parecer-se com brando suspiro do coração, que almeje cair no seio da belleza....

E emfim, como um fraquinho infante, que medroso das camaradas, corre a acolher-se no materno collo, o Meço Loiro com vosco se apadrinha, Senhoras ; e a cada uma de vós repete as palavras do psalmo.

Protege-me com a sombra de tuas azas ! »

O AUCTOR.

O MOÇO LOIRO.

I.

Theatro Italiano.

Declinava a tarde do dia 6 de Agosto de 1844: o tempo estava chão e bonançoso; e com tudo meia cidade do Rio de Janeiro profetisava tempestade para o correr da noite. Como isso era, estando, como de feito estava o Pão d'Assucar com sua cabeça desublada, e livre da tal carapça de fumo, com que se agasalha, quando prevê máo tempo, é o que ainda agora mesmo poderião muito bem explicar os habitantes desta bella Córte, se não fossem, honrosas excepções para um lado, tam esquecidos dos acontecimentos, que se passão em nossa terra, como as vezes finge se-lo das contradanças; que prometto a cavalheiros, que lhe não são do peito, uma modic ha do grande tom.

Mas pois que, segundo crêmos, o caso em questão não se acha sufficientemente lembrado; justo é, mesmo para que por tam pouco a ninguem pareça ter cabido honras de profeta, dizer, que se a atmosphera não estava carregada, a anticipação, e o e-pirito de mesquinho partido havião exalado vapores, que condensando-se sobre o animo do publico, deixavão prognosticar uma borrasca moral.

Ora assim como muitas vezes succede, que rosnão surdamente as nuvens. quando está prestes para rebentar alguma trovoadá, assim também notava se, que na tarde, de que se falla, ouvia-se um zumbido incessante, e do meio d'elle por vezes resaltavão as palavras—*theatro... direita... esquerda... applausos... pateada...*—e muitas outras taes, quaes as que derão logar a scena seguinte passada em um hotel, que nos é muito conhecido, e que se acha estabelecido na rua, que por se chamar—*direita*—, effectivamente representa a antithese do proprio nome.

Dous moços acabão de entrar nesse hotel. Um delles que para o diante melhor conheceremos trajava casaca e calças de panno preto collete de seda de xadrez cõr de cana, sobre o qual se deslisava finissima corrente de relógio; gravata também de seda e de uma bella cõr azul: trasia ao peito um rico solitario de brilhante; na mão esquerda suas luvas de pelica cõr de carne, na direita uma bengala de unicornio com bellissimo castão de oiro: calçava finalmente botins envernizados: esse moço, cuja tez devia ser alva e fina; mas que mostrava ter soffrido por muitos dias os ardores do sol, era alto, e bem apessoado; seo rosto sem ser verdadeiramente bello, causava ainda assim interesse: elle tem os cabellos pretos, os olhos da mesma cõr, mas pequenos, e sem fogo: entrou no hotel, como levado a força pelo seo amigo; e sentando-se junto de uma mesa defronte d'elle, tomou um jornal e começou a ler.

O outro, que nos não deverá obsequio de ser aqui descripto, estava dando as suas ordens a um servente do hotel, quando ouviu a voz do seo amigo.

— Anna Bolena!.. Bravissimo!.. cahio-me a sopa no mel!.. ardia por chegar ao Rio de Janeiro principalmente para ir ao theatro Italiano, e eis que apenas chegado a duas horas, já leio um annuncio. que realisa meos desejos: vou hoje a opera.

— Já tens bilhete?..

— Não; mas saindo d'aqui mando vêr uma cadeira.

— Não ha mais.

— Estão não ha remedio... um camarote.

— Então vendidos todos.

— Oh diabo! irei para a geral.

— Nem um só bilhete resta meo charo.

— Pois deveras o furor é tal?.. paciencia vou encartar-me no camarote de algum amigo.

— Não, que desse susto te fivro eu: toma lá um bilhete de cadeira.

— E tu?..

— Eu hoje tenho muito que fazer na platéa.

— Aceito, que não sou pobre soberbo; porém que historia é essa?.. oh Antonio, seria possivel, que te fizeses cambista?..

— Porque?..

— Vejo-te ahí com um masso de bilhetes, que a meos que não seja agora moda dar aos porteiros uma duzia de cada vez, que se entra para o theatro....

— Nada... nada.... isto é para uns camaradas, que puz de mão para ir comigo a opera.

— Como estás tam rico!.. muitos parabens!..

— Ah!.. já sei que nada sabes, do que por aqui vai : ha dez mezes fóra do Rio de Janeiro, acabas de entrar na

cidade tam simples e bisonho, como um caloiro nas aulas. Ora, dize lá; tu és Candianista, ou Delmas-trista?...

O Senhor Antonio fez essa pergunta em voz bastante intelligivel; pois um movimento quasi geral se operou no hotel: os olhos do maior numero dos que abi se achavão, fitarão-se nos dous parladores: um moço que na mesa fronteira, jogava o dominó, ficou com uma peça entre os dedos e a mão no ar, immovel, estatico como um epileptico: um velho militar, que proximo estava, e que para assoar-se já tinha posto o nariz em posição, deixou-se estar com o lenço estendido diante do rosto e prezo entre as duas mãos, não desarranjou mesmo a horrivel careta, que se habituára a fazer na acção de limpar-se do monço, e assim como se achava lançou os olhos por cima dos oculos, e os pregou na mesa da questão.

— Dize-me tu primeiro, o que significa isso, responde aquelle, a quem fora dirigida a pergunta.

— Octavio, tornou com muito fogo o Senhor Antonio, pergunto-te, de qual das duas-primas donas és tu partidario, se da Delmastro, se da Candiani.

— Mas se eu ainda não ouvi a nenhuma, homem!

— Pois faz de conta, que já as ouviste: é preciso decidir-te, e já!..

— Essa agora é mais bonita!..

— O Rio de Janeiro em peso se acha extremado!.

— E isso que me importa?..

— Oh!. exclamou o senhor Antonio com voz sepulchral, oh! oh! «quando se diz acerca dos negocios do

estado — que me importa — deve-se contar, que o estado está perdido!!!»

— Ora eis o que se chama uma citação a proposito.

— E' preciso! é justo!, é inevitavel!. deves pertencer a esquerda, ou a direita do theatro; continuou o dilettante com enthusiasmo, e sem notar, que se fazia o objecto da geral attenção; sim!.. mas, octavio, recche o conselho de um amigo, que não quer vêr manxada a tua reputação, nada de sentar-te na direita. ... nada de Candiani!. . escuta: a Delmastro tem por si o prestígio da sciencia, e o voto dos peritos: quem diz Candianista, diz creança, estouvado, estudante! A Candiani tem uma voz... e mais nada: e uma voz.... triste.. sem hemões, nem sustentidos.... lamentavel... horrivel... detestavel!... fulminante.... que faz mal aos nervos!..

— Apoiadissimo! gritou o velho concertando os oculos, que com o gosto de ouvir o Delmastrista, lhe havião cahido do nariz no queixo.

— O moço do dominó a muito tempo que não dava conta do jogo.

— Ora fico-lhe obrigado, dice-lhe o parceiro aqui está um seis, e o senhor ajunta-lhe um quatro... inda peor, um dous?.. então que é isso?.. um tres?.. outro quatro... um cinco?.. o senhor quer divertir-se a minha custa?.. mas... o que tem, meo amigo?.. está tremendo... e tam pallido...

Com effeito o moço tremia convulsivamente. E o senhor Antonio sem attender a coisa alguma, proseguia:

—E a Delmastro?... a Delmastro é doce, e bella, melodiôsa e engraçada: sua voz subjuga, arrebatá, amortece,

vivifica, encanta, enfeitica, derrota, fere, e mata, quem a ouve!.. sua voz cahe no coração, e de lá toma parte no sangue da vida!. e sobre tudo, professora incontestavel... professora até a ponta dos cabellos, adivinha os pensamentos de Donizetti, corrige-lhe os erros, adoça-lhe as rudczas, e diviniza-lhe as armonias! sabe musica... muita musica... toda a musica!..

— E' falso!.. é falsissimo!.. é falsississimo!. bradou espumando de raiva o moço do dominó e fazendo voar pelos ares todas as peças do jogo.

O Senhor atreve-se a dizer-me, que é falso?!

— E' falso!.. repito, é falso!..

— Que diz, Senhor?, exclamou o velho atirando-se sobre o novo dilettante, é falso?.. essa palavra é motivo sufficiente para um duello: retire pois a expressão, e não se peje de o fazer; porque isto de retirar expressões é muito parlamentar.

— Retire a expressão! retire a expressão, gritarão alguns.

— Não retire!.. não retire!. bradarão outros.

— Não retiro!.. aceito todas as consequencias!.. repito, que é falso!. digo, que a Delmastro nada sabe de musica, estudou pelo methodo de Jean Jacques Rousseau, tem voz de assobio de creança em domingo de ramos; em quanto a Candiani é um rouxinol!.. um milagre de armonia!.. um anjo!..

—Apoiado!.. bravo!.. bravo!.. muito bem!..

—Não!. não!.. ahi o senhor Antonio é quem tem rasão!

E' de notar, que apenas o moço declarou, que não

retirava a expressão, o velho Delmastrista foi-se pondo pela porta fóra, murmurando entre dentes:

— Não se póde argumentar com elle!.. não é parlamentar...

— Senhores, acudio com muita prudencia um servente do hotel, por quem são, não vão os do cabo aqui... isso desacreditaria a casa!...

— Não, tornou o Candianista, é preciso dizer a este senhor, que estou prompto a sustentar, o que avancei, onde, como, e quando elle quizer!...

— Pois bem, respondeo o senhor Antonio, até a noute no theatro!...

— Aceito a luva! até a noute no theatro. Sim! e lá terei o prazer de rebentar estas mãos batendo palmas, quando ella... quando eu digo ella, já se sabe, que é da doce Candiani, que fallo, entoar com a ternura, com que costuma, o seo

Al dolce guidami

Castel natio

E o apaixonado do moço começou a cantar acompanhado por todo o rancho de Candianistas, que se achava no hotel; o que vendo o senhor Antonio, para nada ficar devendo ao seo competidor, exclamou:

—E eu hei de ter a gloria de fazer em postas esta lingua, dando entusiasticos bravos, quando ella..... quando eu digo ella, já se sabe, que é da ineffavel Delmastro que fallo fizer soar a branda voz no seo

Ah! pensate che rivolti
Terra e Cielo han gli occhi in voi ;

E com o mais detestavel falsete poz-se a estropiar o sem duvida bello—*Ah pensate*—, que não só por elle como por todos os outros Delinastristas presentes foi completamente desnaturado.

A bons minutos trovejavão de mistura no hotel o—*al dolce guidami*— com o—*ah pensate*—; quando a esforços inauditos dos criados do hotel, sairão para a rua os dous bandos, esquecendo-se o senhor Antonio no fogo do enthusiasmo, que deixava com a maior sem cerimonia o seo amigo.

Mas nem por tal se escandalizou Octavio; que antes deo-se parabens da boa fortuna, com que havia escapado do meio d'aquella cohorte de maniacos; e deixando o hotel procurou passar divertidamente duas horas, que lhe faltavão para ir ouvir Anna Bolena.

Passarão ellas, e Octavio se achou no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Não se via um só logar desoccupado; as cadeiras estavam todas tomadas, a geral cheia, e abarrotada, e de momento a momento ouvião se as vozes de alguns dilettanti que bradavão:—travessas! travessas! ..

As quatro ordens de camarotes se mostravão cingidas por quatro não interrompidas zonas de bellas; dezejosas todas de testemunhar desde o começo o combate dos dous lados theatraes, tinhão vindo ornar, ainda antes da hora suas felizes tribunas; nenhuma mesmo d'entre as que ostentavão mais rigor no bello tom, se havia adrede

deixado para chegar depois de começado o espectáculo, e, fazendo, como é por algumas uzado, ruído com as cadeiras e banco ao entrar nos camarotes, desafiar assim as atenções do publico.

No entanto ellas derramavão a luz de seus lumes sobre essas centenas de cabeças ferventes, que debaixo se agitavão: desassocegadas, e anciosas, como que em seus olhos inquirião, d'aquelle publico, até onde levaria sua exaltação, e com a ternura de suas vistas parecião querer aquietar a hyena, que a seus pés rugia.

Finalmente o 1.º violino com toda a sua respeitavel authoridade de general d'aquelle immenso esquadrão armonico, deu o signal da marcha, batendo as tres symbolicas pancadas com sua espada de crina: d'ahi a momentos o panno se havia levantado, e a opera começado.

Não se passou muito tempo, sem que o nosso conhecido Octavio se convencesse, de que sabia do theatro como havia entrado: isto é, sem ouvir a sua tam suspirada Anna Bolena.

— Alguns d'ittanti da capital depois talvez de haver muito parafusado, tinhão descoberto um meio novo de demonstrar o seu amor pelas inspirações de Euterpe, e a sua paixão pelas duas-primas donas: era sem mais nem menos isto: para ap'audir ou patear não é necessario ouvir: de modo que batia-se com as mãos e com os pés, ao que ajuda não se tinha ouvido: applaudia-se, e pateava-se, apenas alguma das pobres cantarinas chegava ao meio de suas peças; não se esperava pelo fim... applaudia-se e pateava-se o futuro: era uma assembléa de profetas:

uma assembléa que adivinhava se seria bem ou mal executado, o que restava para se-lo.

Octavio tinha por sua má sina, ficado entre dous extremos oppostos: o que estave do seo lado direito Canadianista exagerado era um mocetão com as mais bellas disposições físicas; porém dergraçadamente gago, e tam gago, que quando dezejava soltar o seo-bravissimo-fazia tam horriveis caretas, que em derredor delle ninguem podia deixar de rir-se, e por consequencia era is-o motivo para dar-se ruido tal, que a mesma predilecta por interesse proprio deveria, se adivinhasse, que estava de posse de tam infeliz dilettante, conseguir que elle engolisse silencioso os assomos de seo entlusiasmo.

Se pela parte direita Octavio via-se mal acompanhado: pela esquerda estava talvez em peiores circumstancias: sentava-se ahi um ultra-Delmastrista: homem de quarenta annos, barbudo, e gordo, fazia ressoar por todo o theatro seos bravos e applausos, mal começava a sua querida prima dona; razão porque o moço gago, de quem a pouco se fallou, já o tinha chamado ao pé do rosto: «monstro! alma damnada!.. e fêra da Hircania!..» felizmente porém disso não podia surdir resultado algum desagradavel; pois o ultra-Delmastrista era completamente surdo; e tanto o era, que uma vez, em que a sua predilecta devendo guardar silencio, mas para o devido desempenho da scena, tendo de demonstrar admiração ou não sabemos que, abriu um pouco a boca, arregalou os olhos, e dobrou-se para diante, o nosso apaixonado, que só por taes signaes conhecia, quando ella cantava, pensou que com effeito o estava então fazendo, e exclamou:

mou todo a remexer-se: — Assim! assim serea! derrota-me esta alma petrificada!..

Em taes circumstancias mal podendo gozar as brilhantes inspirações do immortal Donizetti, e menos ainda apreciar as duas cantirinas, por quem tam fóra de proposito, e desajuizadamente, pleiteava o publico do theatro de S. Pedro d'Alcantara, Octavio resolveo-se a empregar o seo tempo em alguma coisa proveitosa, e entendeo que o que melhor lhe convinha era admirar os triumphos da natureza em'algum rosto bonito, que por aquelles camarotes deparasse.

Não gastou Octavio muito tempo em procurar objecto digno desuas attentões: em um camarote da 1.^a ordem, que lhe ficava um pouco para traz, vio elle um engraçado semblante que atirava seo tanto para o moreno (typo, com que, aqui para nós, sympathisa muito certo sujeito do nosso conhecimento) e que além do mais era animado por dous olhos vivos... hellos... faiscantes... emfim dous olhos brasileiros; porque, seja dito de passagem, tanto orgulho pôdem ter as hespanholas de seo pequeno pesinho, e delgada cintura, como as brasileiras de seos lindos olhos pretos, que parecem haver passado para suas vistas todo o ardor da zona, em que vivemos.

O tal camarote, onde estava a moça morena, era sem por nem tirar nm viveiro de originaes. Junto della ostentava seo brilho, esplendor, e não sabemos que mais uma senhora, que pelo que mostrava, e não pelo que diria, devia andar roçando pelos seos cincoenta annos e que apezar de tal endireitava-se na cadeira, e taes ade-mães fazia, como poucas meninas, que querem casar, os

fazem: vestia um vestido de seda verde cruelmente desgollado: tinha na cabeça uma toucã de cassa da India ornada com laços de fitas azues &c: segurava com a mão direita em um ramo de bellos cravos, e conservava a esquerda esquecida sobre o elegante oculo de pinto no parapeito do camarote.

A segunda e ultima fila era formada por tres marmanjos, começando pela esquerda via-se um homem avelhentado magro, alto, de rosto comprido, a cuja barba fazia sombra um enorme e afiado nariz, muito cuidadoso das senhoras, e tendo sempre derramada no semblante uma especie de praser, que a mais simples observação descobria ser fingido, era necessariamente o pobre peccador, que de antemão curtia todos os seus peccados passados, presentes, e futuros com a penitencia de ser o chefe d'aquella familia.

O que estava no meio era por força um d'aquelles homens, que pertencem a todas as idades, que são conhecidos de todo o mundo, e apparecem em todos os logares: tinha cara de hospede d'aquelle camarote.

O terceiro enfim era um rapaz de seus vinte annos amarello, cabelhudo, de enorme cabeça, e que não fazia, senão dar a taramellia, e comer doce.

Em menos de cinco minutos a attenção de Octavio foi sentida no camarote e quasi ao mesmo tempo pela menina morena, e pela senhora. . . idosa (velha é palavra, que está formalmente reprovada, sempre que se trata de senhoras).

— Rosinha, dice aquella ao ouvido da primeira, não

ves como aquelle moço de gravata azul-celeste tem os olhos embebidos no nosso camarote?

— Não, minha mãe, responde a moça com fingimento, ainda não reparei.

— Pois attende, menina.

— Sim... parece, que sim, minha mãe.

— Chamem-me velha, se aquillo não é com alguma de nós.

E a boa da senhora idosa levou até o nariz o seo ramo de bellos cravos, que fizerão um terrivel contraste com seo infeliz semblante.

— Oh senhor Bras, continuou ella fallando com o segundo dos homens, que forão descritos, conhece aquelle moço, que está ali de gravata cor azul-celeste?..

— Perfeitamente... é o senhor... .

— Basta: dir-me-há depois: ha um mysterio na minha pergunta, que só mais tarde lhe poderei descortinar... .

No entanto a moça morena já tinha olhado seis vezes para o moço, tres cheirado suas flores, e duas limpado a boca com seo lenço de cambraia.

Pela sua parte Octavio vingava-se do furor dos ultra-dilettanti, lembrando-se poucas vezes, de que viera ou vir Anna Bolena.

O fim do primeiro acto veio suspender por momentos tudo isso: Octavio saio do theatro para tomar algum refresco; e ainda mais para ter occasião de mudar de vizinhos. Versado em todos os segredos da arte, mercê da qual os homens conhecem, se tem ou não merecido particular attenção das senhoras, elle, entrando de novo para as cadeiras, tomou uma em direcção contraria a-

aquella, que primeiro occupara: um instante depois de levantar-se o panno, tirou logo resultado de sua estratagemas; a senhora idosa, e a moça morena davão tratos aos olhos para descobri-lo: depois de algum trabalho derão por fim com elle; desgraçadamente porém o moço achava-se em peiores circumstancias, do que no primeiro acto.

Com effeito Octavio via-se então sitiado pela direita, pela esquerda, pela frente, e pela retaguarda: erão quatro dilettanti de mão cheia.

▲ direita ficava-lhe um-dilettante sentimental: que no meio das melhores peças puxava-lhe pelo braço, e exclamava: ouça! como é bello isto! aquella vulata! esta tenuta! então de qual das duas mais gosta?.. olhe, eu gosto da ambas... sou epiceno... quero dizer commum de dous: — e enfim fallava, fallava, e fallava mais que tres moças juntas, quando conversão sobre seos vestidos.

▲ esquerda estava um-dilettante estrangeiro-que apontava ao infeliz Octavio os logares onde mais brilhava a Grize, aquelles em que primava a Pasta, e os pedaços armonicos em que se fazia divina a Malibrán. que elle tinha ouvido em Paris ainda em 1843.

Na frente sentava-se um-dilettante perito-que era um écho, de quanto se cantava: tinha a Anna Bolena de cór e salteada, e ia por entre os dentes estropiando em meia voz todas as peças, que se executavão; de modo que de redor delle ouvia-se—Anna Bolena dupla.

Na retaguarda enfim um-dilettante parlamentar resmungava com o seo compadre sobre a marcha dos negocios publicos; exasperava-se de que esse mesmo povo,

que tanto se exaltava por duas cantarinas, deixase em olvido as elleições, e por tal fórma, que elle que se fizera candidato a juiz de paz mal tinha podido até esse dia fazer assignar trinta e duas listas muito conscienciosamente.

Em tal posição o pobre Octavio nem mesmo tinha licença de votar-se ao bello camarote; pois se voltava para elle a cabeça, logo o dilettanti da direita puxava-lhe do braço, e dizia, quasi gemendo:

— Não pérca... não pérca este pedacinho... oh que agudos!..

E o da esquerda dava-lhe uma cotovelada, exclamava:

— Aqui a Grize! eu a ouvi na cidade de Moscow mezes antes da invasão de Bonaparte... olhe fez furor! um furor tal que o proprio Imperador de todas as Russias mandou-lhe o seo querido cavallo, para que ella fugisse, duas horas antes do incendio.

Com semelhante companhia não era possivel nem ouvir musica, nem vêr moças: Octavio resignou-se; porém apenas veio o pauno abaixo, sem se dar com os gritos de Candiani a scena! a scena!—com que os Candianistas celebravão o triumpho de sua maioria firme, compacta decidida, e o que é mais, patriótica, correo para fóra com tenção de esperar a sahida dos camarotes a moça morena.

Mas parece que o destino estava de candeias as avessas com o pobre moço: ao passar pela parte da platéa o senhor Antonio agarrou-o pelo braço.

— Larga-me, deixa-me, Antonio.

— Não! é impossível! é preciso dizer a qual das duas pertences:

— Eu a nenhuma: deixa-me.

— Mas é preciso! é justo! . é inevitavel! . .

— Pois amanhã te direi: peço-te esta noite para resolver-me.

— Não: não! é necessario dizer já!

— Então... sou Candianista.

O Senhor Antonio recuou tres passos. e dice com voz lugubre.

— Octavio, falla serio, quero dizer sisudo, com seriedade!

— Sou Candianista, rep-tio Octavio.

— Senhor Octavio, exclamou depois de momentos de reflexão o senhor Antonio, todas as nossas relações estão quebradas! esqueça-se, de que sou vivo: e lembre-se que tem um amigo de menos, e um inimigo de mais.

E dito isto retirou-se; mas talvez que tive-se de voltar mais exasperado que nunca, se a algasarra que fazião os Candianistas dentro do theatro não cobrisse a gargaalhada, que soltou Octavio, ouvindo as ultimas palavras do senhor Antonio.

Quasi ao mesmo tempo sahia a familia, que Octavio vinha esperar: elle correo para junto da escada, e a moça morena apenas o lobrigou, olhou para traz e dice com voz bem alta ao ancião que mostrou ser seo pai.

— Ora está, meo paisinho; porque eu digo , que vir ao theatro tem seos prazeres, e seos desgostos: é na verdade um desgostó ter de ir a taes horas, e a pé a rua de... onde nós moramos.

E apenas acabou, olhou para Octavio, e sorriu-se. O moço tirou do seo album e escreveu—rua de.... — A senhora idosa, a quem nada escapava, bateo com o leque no hombro da filha, e disse-lhe ao ouvido.

— Tu és a minha gloria! honras a bella arvore, de que és vergontéa.

No resto da noite apenas se fazem dignos de lembrar-se dous actos praticados pelo senhor Antonio, e pelo moço, que com elle havia disputado no hotel.

O moço acompanhando a sege, que conduzio a sua Candiani a casa: vio-a apear-se, e quando a porta se fechou, e a rua ficou solitaria, elle chegou-se a aquella, ajoelhou-se, e beijou tres vezes a soleira em toda a sua extensão depois erguendo-se, e retirando-se, di-se:

— Agora já posso dormir: beijando toda a soleira da porta, por onde ella entrou, beije por força o lugar, onde tocou com seo sapato o pé de um anjo!...

O Senhor Antonio levou adiante o seo sacrificio: ficou todo o resto da noite grudado com a porta da casa de sua ineffavel Delmastro, tendo o nariz enterrado na fechadura: ao amanhecer, elle a custo abandonou o difficil posto, e retirou-se, murmurando.

— Não dormi; porém ao menos com o meo nariz metido na fechadura d'aquella porta, respirei por força alguma molecula de ar, que já tivesse sido respirada por aquella Musa do Parnaso.

II.

Agastamentos conjugaes.

Um homem de cincoenta annos, magro, alto, pallido, calvo, e de grande nariz, é o senhor Venancio, marido da senhora D. Thomasia, e pai do senhor Manduca, e da senhora Dona Rosa.

Venancio é um empregado, sem exercicio, não nos lembra de que especie; na vida, que vive ve-se obrigado a ser sómente isso; pois que em tudo mais é a sombra de sua mulher. Aos vinte e oito annos cazou-se; porque seo pai lhe disse, que era preciso fazel-o, com uma senhora, que se acompanhava de alguns mil crusados de dôte, como de facto os trouxe a senhora dona Thomasia, que pela sua parte, segundo ella mesma o diz, casou-se para se casar.

E este casal representou logo e continuou a representar o mais interessante contraste: Venancio é debil, condescendente, e pacato; se algumas vezes se empina é para logo dobrar-se mais humildemente que nunca: Thomasia é forte, decisiva, arrogante, e valentona: não sabe, se não mandar, e quer sempre ser obedecida: vendo de longe a sociedade elegante, trata de arremeda-la e fez-se uma completa caricatura, do que ella chama, grande tom; conhecendo cedo o genio e caracter de seo esposo, tornou-se a despota, a tyranna, do pobre homem: e para servirmos-nos de uzi pensamento della

mesma, esereveremos suas próprias palavras: «Venancio, diz ella mil vezes, nesta casa a tua vontade é uma colonia, de que a minha voz é a metropole» E o pobre Venancio casado ha vinte dous annos, ha vinte dous annos que faz inuteis planos de independencia: todos os dias levanta-se com disposição de sustentar a pé firme uma batalha decisiva, mas ás primeiras cargas do inimigo larga armas, bagagens e tudo e põem-se a correr, ou mais das vezes ajoelha-se e implora amnistia.

Ultimamente havião escaramuças diarias: a rasão aqui vai. Thomasia tivera nos primeiros cinco annos dous filhos; depois parece que a natureza lhe gritou—stop—: passarão-se des-e-seis, e ao correr o decimo septimo veio, contra a expectativa de Venancio, mais uma-pequeniça para fazer a conta de tres. Thomasia saudou com enthusiasmo esse acontecimento. Segundo certa arithmetica exclusivamente feminina, algumas se-nhoras quando chegão aos quarenta annos contão a sua idade no sentido inverso, do que até então praticarão: isto é no anno, que segue a aquelle, em que fizerão quarenta, contão ellas—trinta e nove—; no outro que vem—trinta e oito, até que chegão—segunda vez aos trinta, em que costumão fazer uma estação de um lustro. Ora Thomasia, mais velha que seo marido tres annos, já tinha exactamente tres annos de estação; mas vindo inesperadamente a nova menina—entendeo lá consigo que era precis) contar menos de trinta para ter filhos, e pois foi dizendo, que se enganára na conta de sua idade; pois que não tinha mais que vinte e nove annos. Todavia essa importante revelação não ficava bem sabida, confiando se somente

as visitas, e visinhas, e por tanto Thomasia declarou a seu marido, que sua filha seria baptisada com estrondo: e que se daria um elegante sarão em honra da recém-nascida; Venancio oppunha-se a isso pelo máo estado em que se achavão seus negocios financeiros; a mulher bradava; Rosa votava pelo sarão, Manduca também; e a casa andava de poeira levantada. Também jámais Venancio se mostrara tam valente.

Na manhã do dia, que seguiu a noite tempestuosa descrita no capitulo antecedente, Venancio achava-se na sala de sua casa sentado no canapé, triste e silencioso como um marido infeliz, que se vê a sós: vestia uma calça de brim escuro, e uma nisia branca, tinha no pescoço um lenço de seda, de dentro do qual surdião enormes e ponteagudos collarinhos: junto delle descansavão seus oculos sobre o Jornal do Commercio, e tendo de esperar que se levantasse sua mulher, Venancio com uma perna descansada sobre a outra, e exhalando sentidissimos suspiros, empregava o tempo em passar meigamente os dedos sobre o grande nariz, que devia á natureza, e que depois, de seus filhos, era o objecto que mais idolatrava no mundo.

No dia anterior Venancio tinha tido um bate barba com sua mulher; porque ao ve-la entrar na sala com os cabellos desgrenhados não lhe fizera a menor reflexão sobre isso: d'ahi passarão a questão da ordem do dia, e gritou-se sobre o baptisado, como se grita em certo corpo collectivo, quando se trata de elleições.

As idéas do dia passado assustavão por tanto ao pobre Venancio, que temia ver reproduzidas as mesmas scenas;

além disso tinham soado dez horas e Thomasia com suas filhas dormião a somno solto: o infeliz homem soffria em silencio todas as torturas da fome, quando, passada ainda meia hora, uma porta se abriu, e por ella entrou Thomasia com os cabellos soltos, e o vestido desatado. Venancio lembrou-se logo, que por não reparar nesse detalhinho, fora já accommettido, e pois ergueo-se para receber nos braços o seo flagello, e cruelmente risonho exclamou:

— Oh querida Thomasinha!.. pois assim te ergues, e saes de teu gabinete sem te penteares, e. . . .

— E que tem o Sr. com isso?... bradou a mulher, por ventura quer que eu durma penteada, ou já me facilitou, um cabelleiro para tocar-me apenas me levanto da cama?.. é impossivel!. não se pôde viver socegada com um velho impertinente, como o senhor!

Está bem, minha Thoinasia.... não te aflijas... eu disse aquillo só por dizer.

— Isso sei eu; porque o senhor é um desenxabido.... tanto lhe faz, que eu ande mal vestida, mal toucada, ou não..... para o senhor é a mesma coisa.... não tem gosto... não presta para nada....

— Pois mulher... eu já não disse, que....

— Pois se disse, é o mesmo, que se não dissesse, porque o senhor não sabe dizer, senão asneiras.....

— Thoinasia... estás hoje cruelmente imper.... Infe.... zanga....

— O que é que diz? .. o que é que eu estou?.. em?..

— De máo humor, Thoinasia, de máo humor...

— Por sua culpa! vivemos em guerra aberta....

como dous inimigos; mas deixe estar, que hei-de perder um dia a paciencia: eu sou uma pomba, tenho o melhor genio do mundo; mais o senhor é um dragão, uma furia!..

Venancio já torcia-se até não poder mais: fualmento depois de muito espremer-se contentou-se com dizer:

— Sim... sou eu, que sou a furia.... ha de ser assim mesmo.

— Isto é um martyrio!.. uma tentação!..

O velho não respondeo palavra.

O silencio de Venancio contrafazia talvez a Thomasia, que sentando-se em uma cadeira longe do marido, deixou-se ficar por muito tempo muda, como elle; depois como se tomasse nova resolução, soltou um suspiro e disse:

— Quando eu estou prompta a viver em paz eterna com elle, o cruel volta-me as costas!..

— Eu, Thomasia?!..

— Sim, tu, tornou ella com voz menos aspera, e eu não posso viver assim... isto me envelhece.... tu me fazes cabellos brancos.

Venancio olhou espantado para Thomasia, que deixando o logar, que occupava, foi sentar-se ao lado do marido, passando-lhe amorosamente o braço em derredor do collo. O fenomeno espantava: tam rapida mudança da rabugem para os affagos era para admirar; mas Thomasia o fazia de plano.

Vendo, contra os habitos de vinte dous annos, que o marido resistia a sua vontade; e que apesar de todo o esforço a festa do baptisado continuava duvidosa; a mulher pensou, durante a noite, em um ataque de nova

especie contra Venancio: ella devia entrar enfadada na sala, exasperar o marido até faze-lo gritar, fingir-se então pela primeira vez temerosa, humilhar-se, enternece-lo, e depois a poder de lagrimas conseguir o que então não havia podido o seo-querero-absoluto.

A paciencia de Venancio tinha neutralizado o estratagemma de Thomasia: o cordeiro sem saber, e sem querer, oppoz-se admiravelmente a raposa; e pois conhecendo a mulher, que seo marido não se assomava com as loucuras, que lhe foi dizendo, para levar a effeito o plano, que concebera, fez-se por si mesma carinhosa e meiga.

O pácalo velho começou por espantar-se, do que observava; quando emfim Thomasia passou gradualmente da meiguice a submissão, elle mirou-se todo inteiro a vêr se havia alguma novidade de metter medo em sua pessoa; não descobrindo nada, que lhe explicasse o phenomeno, e tendo de dar-se necessariamente uma explicação, imaginou, que nesse dia sua voz tinha um timbre assustador, que de seos olhos talvez partissem vistas magneticas... fulminantes... terriveis.

Sucedeo para logo a Venancio, o que acontece a todo homem medroso: apenas acreditou que sua mulher recuava, concebeo a possibilidade de chegar a sua vez de valentão, e determinou aproveitar-se della; elle! a bigorna de vinte e dous annos passar milagrosamente a ser martello!.. semelhante idêa desenhou-se brilhantemente aos olhos do velho, que de prompto cerrou as sobrance-lhas, fez-se carrancudo, e dispoz-se a representar o papel de mão.

Thomasia, que tinha assentado de pedra e cal fechar

a discussão calorosa, que a tantos dias era debatida entre seu marido, e ella, não perdia um só dos movimentos deste, bebia-lhe todos os pensamentos com vistas fingidamente timidas, e ao conhecer que o adversario cabia nas suas redes, disse com voz terna,

— Pois bem, meo Venancio, dehoje avante viviremos em completa harmonia.

— Se a senhora o quizer... seja!—respondeo com máo modo o pobre homem.

Thomasia reprimio a custo uma gargalhada; tal era o pouco caso que fazia do marido: Venancio ergueo-se e erusando as mãos atras das côstas começou a passear ao longo da sala, a mulher levantou-se tambem, e acompanhando-o de perto travou com elle o dialogo seguinte.

— Estimo achar-te disposto a paz, disse ella, por tanto, meo amigo, tratemos de estabece-la com bases solidas: queres?...

— Se a senhora o quizer... isso para mim é quasi indiff:rente.

Venancio não cabia em si de alegre com a sua inopinada victoria, e promettia-se aproveitar-se della.

— Pois para isso, continuou Thomasia, troquemos penhores de paz: peçamos um ao outro uma prova de amor... um extremo de ternura: então, tu o que exiges de mim?..

— Coisa nenhuma.

— Não sou eu assim: tenho que te pedir, meo amigo...

— Vã dizendo.

— E ainda não advinhaste, ingrato?..

— Ora adivinhem lá, o que quer a senhora dona Thomasia! então, não está boa?..

— Cruel, não comprehendes, que quero fallar do baptisado de nossa filha?..

— Baptisar-se-ha.

— E daremos um sarão digno de nós, não é assim?..

— Não é assim, não senhora.

— Ah! já vejo que estás brincando: tu não havias de querer, que o baptisado de nossa querida filhinha se fizesse, como o de qualquer l-h-e lhé.

— Indefirido.

— Meo Venancinho!..

— Não ha que defirir, não ha que defirir.

— O que dirão as familias, que nos conhecem?... que conceito farão de nós?..

— Sustento meo primeiro despacho.

— Ingrato, em troco do amor, que te consagro, não me dás, se não desgostos!.. desvelo-me em te adorar, e tu me pagas com rigores.... ah! sou pobre flor sem jardineiro, que fenece na espessura!..

Venancio, que sempre continuava a passear ao longo da sala, seguido por Thomasia, ouvindo aquella modesta comparação, voltou-se para ver a pobre flor sem jardineiro, que fenecia na espessura, e achou diante dos olhos a cara de sua mulher feia, e desbotada: então para não expor-se a perder a posição, que occupava, teve de comprimir uma risada, e continuando o seu passeio, respondeo:

— Não péga a labia, minha senhora.

— Oh ingratidão! oh crueldade! e elle disse, que

queria a paz!... pobre de mim, que sou a victima...

E Thomasia desatou a chorar horrivelmente.

Venancio cheio de si, perdido nas alturas de seus triumphos, não parou em seu passeio, antes o continuou dizendo:

Não é possível! não pôde ser!

Thomasia não pôde conter-se por mais tempo: vendo esgotados até as lagrimas todos os meios brandos, com que contava fez com toda a habilidade propria das senhoras desaparecer o pranto n'um momento e levantando a cabeça, disse:

— Ai! peor está essa!.. Venancio, olha, que já me vai subindo o sangue a cabeça! cuidado comigo.

Venancio sentio-se abalado; mas não querendo mostrar-se desanimado, elevou a voz mais, que nunca, e gritou:

— **Requeira em termos!...**

— Venancio!.. bradou Thomasia com essa voz estrepitosa, com que costumava enterrar o marido tres brazas pela terra dentro.

Venancio não se metteo tres brazas pela terra dentro; mas cahio completamente de sua elevada nuvem de superioridade: aquelle brado de Venancio-soou em sua alma terrivelmente, e despertou a consciencia de seu nada.... foi ainda ensaiando um derradeiro esforço, que elle exclamou com voz de falsete:

— **Tenho defirido.**

Thomasia já não estava boa, agarrou nas abas da nisia, que seu marido vestia, e obrigando-o a voltar o rosto para ella, gritou-lhe na cara:

— Ouviste?.. quero, que se dê um sarão! quero? comprehendes-me bem?..

E dito isto cruzou, como fizera Venâncio, as mãos atraz das costas, e se poz a passear, por sua vez; e o marido, que estava completamente por terra, foi quem teve então de accompanha-la, dizendo-lhe com toda a humildade.

— Vem cá, mulher impaciente; não sabes que eu sou um empregado sem exercicio, que o meo ordenado e todos os nossos rendimentos não chegam a dous contos de réis, e que por consequencia não tenho dinheiro para dar sarãos?..

— Pois que tivesse: hade haver sarão.

— Não sabes, que sem necessidade e só por tua vontade aluguei uma chacafa, de cujo aluguel já devo seis mezes..

— Pois que não alugasse: hade haver sarão.

— Ignoras, que para comprar teteias francezas, e vestidos de seda para ti, e para tua filha fiquei no fim deste anno empenhado em um conto de réis?..

— Pois que não ficasse: hade haver sarão,

— Ignoras que hoje mesmo se venceo a lettra de oitocentos mil réis, que por teu respeito assignei, e que por tanto, quem não tem, como eu, dinheiro para pagar, o que deve, tambem não tem dinheiro para funcões inuteis?..

— Pois que tivesse: hade haver sarão.

— Então estas rasões não valem nada?..

— Não quero saber della

— Devo eu querer saber. E portanto o dia do baptisado passará como tantos outros, com a diferença unica de hebermos mais um cópo. . .

Thomasia não pôde mais conter o seo furor; voltou-se de repente, e esbarrou-se cára a cára com Venancio.

— Um cópo de um dardo que te atravesse! . . bradou ella batendo com o pé.

— Oh senhora! exclamou Venancio pondo a mão no nariz a ver se corria sangue, oh senhora! veja lá como me trata! olhe que ia escapando de esborrachar-me o nariz.

Com aquelle desgraçado encontro, Venancio, que amava o seo nariz sobre todas as cousas, tornou-se exasperado.

— Quero o saráo! bradou Thomasia.

— Não pôde ser! um milhão de razões. . . enfim não ha dinheiro!

— Pois cubra o deficit com um credito sup'ementar! . .

— Vou fazer banca-rotá. . . já não tenho credito na praça.

— Hade haver saráo por força! gritou Thomasia com toda a força de seos pulmões.

— Não hade! . . não quero! . .

— Quero eu! . . hade! . .

— Não hade! . . bradou Venancio, que ainda furioso se lembrava da narigada.

— Veremos. . . vou já fazer os convites. . .

— E eu saio logo a desavisar os convidados. . .

— Oh bregeiro? . . hade haver saráo! . .

— Não hade!.. õigo-lh'õ eu!..

— Patife!.. maróto!..

— Patife!.. maróto a mim!.. a mim que tenho sahido juiz de paz em todas as elleições?.. é muito!.. isso não se pôde soffrer!..

— Eu te ensinarei!.. lambazão insolente!..

— É ella! tartaruga!.. velha!.. feia!..

Venancio nunca se havia atrevido a tanto: as dores que sentia no nariz produsirão aquella explosão de furor; mas ao nome de-velha-Thomasia foi as nuvens... era o maior insulto, que se lhe podia fazer: tornou-se louca, enraivada; e levantando a mão, avançou contra o marido.

— Quem é velha?.. quem é tartaruga, e feia, grandissimo bregeiro?..

— Senhora, disse Venancio recuando, sentido!.. olhe, que eu perco-lhe o respeito!..

Mas Thomasia saltou sobre elle, agarrou com a mão na gola da nisia, e com a outra começou a malhar-lhe as costas.

— Então quem é velha?... quem é tartaruga e feia?... hade haver sarão ou não?..

— Prudencia, senhora, veja que eu...

— Não quero saber de prudencias continuou a boa da mulher; hade haver sarão ou não?..

As costas do pobre marido soavão, como um zabumba, fazendo horriveis caretas, elle exclamou:

— Oh senhora Thomasia olhe que eu dou-lhe uma dentada!..

Mas a senhora Thomasia, a quem já doião as mãos

de tanto socar as costas do infeliz Venancio, mudou-lhe os tormentos, e a fortes puchões do resto de cabellos que havião em sua calva caheça, continuou grãando;

— Hade haver sarão, ou não..?

Nesse momento baterão palmas na escada: Venancio respirou com a esperança de escapar das garras de sua mulher, e disse em voz haixa:

— Largue-me, senhora, estão hatendo, deixe ver, quem é.

Mas Thomasia não estava disposta a abandonar assim a sua victima, antes continuou no mesmo genero de martirio, clamando, hem alto para ser ouvida:

— Deixe bater... hei-de esgana-lo primeiro... ou resposta, hade haver sarão ou não?..

As palmas soarão de novo; mas desta vez acendeão ellas não a esperança no coração; mas a vergonha no rosto de Venancio.

— Largue-me, senhora, murmurou elle.

— Hade haver sarão ou não?.. gritou ella.

As palmas forão pela terceira vez ouvidas.

— Esta hom disse Venancio, quero ser prudente... haverá... haverá sarão... e o que quizer.

— Eis ali o que se chama um bom marido, exclamou Thomasia largando-o, e rindo-se: vou fazer as cartas de convite: oh Micaella!. vê quem hate.

E sem mais oihar para Venancio sahio da sala. A escrava foi abrir a porta da escada, e o misero marido aproveitou esse momento para concertar-se.

Quando Venancio sentio que a visita acabava de subir a escada, lembrou-se do ditado antigo, e com terrivel ironia feita a si proprio; mas para esconder um pouco a sua vergonha, pronunciou com voz bem intelligivel:

— As vezes não ha remedio, se não a gente sair fóra do serio!...

E entrou na sala o senhor— Bras mimeso.

III.

Bras-mimoso.

Bras chamava-se o homem que havia acabado de entrar : tinha talvez a mesma idade de Venancio , mas era tal o seo parecer e o seo trajar , o seo viver e o seo praticar , que em toda a parte se fazia conhecer pelo nome de Bras-mimoso. Tudo nelle era com effeito mimoso : estatura muito menos que ordinaria , pequeninos pés , delicadas mãos . . . pisar subtil . . . e até juizo curto. Com o melhor genio do mundo , vivia com tudo em guerra declarada com a natureza , e se não lhe era possivel vence-la , ao menos escondia os triumphos , que ella sobre elle obtinha.

Assim : o pezo dos annos tinha conseguido começar a dobrar-lhe o corpo , pois Bras-mimoso comprou um espartilho , e se pôz tezo , direito , e gracioso , como uma palmeira.

Os cabellos lhe forão pouco a pouco caindo , Bras-mimoso usou para logo de cabelleira ,

Os dentes se lhe cariarão , e se perderão , Bras-mimoso appellou para uma dentadura postica .

Com o crescer da idade conheceo que se ia tornando pesado , Bras-mimoso não perdeu mais em sarão algum occasião de dançar a valsa de corropio , e por ultimo fez-se mestre nos sapateados da polka .

Lembrou-se que poderia ir ficando rabugento e frio ,

Bras-miñoso não deixou mais a companhia das moças, tornou-se namorado ; como nunca , recita versos, canta modinhas , e escreve cartas de amor.

Tambem não lhe falta tempo para nada disso : official reformado no posto de capitão , elle passa vida de anjo : almoça, janta, e cêa sempre, e muitas vezes dorme em casa dos amigos : demanhã vai para os hoteis ler periodicos ; se é tempo de legislatura, as dez horas gruda-se no melhor logar de uma das galerias , e ouve, e decora para repetir nos circulos, que frequenta, os mais fortes discursos da opposição : se as câmaras estão feixadas, passeia, ou lê romances, nas quintas feiras vai ao muzeo , de tarde ao passeio publico , e de noite as assembléas , ou ao theatro no camarote de algum conhecido. Frequenta muito a rua do Ouvidor, sabe de modas, e de vestidos, como Mme. Gudin, de flores como Mme. Finot, de cosmetieos e pomadas como Mr. Desmarais. Possui uma lista de todas as moças bonitas do Rio de Janeiro com a notta de suas moradas, tem a modestia de se crer amado por quasi todas : conhece meio mundo, vai a toda a parte, e come, bebe, e falla, como... só elle.

Nós o vamos encontrar almoçando com a familia de Venancio : estão a meza cinco pessoas.

Venancio, que almoça com a boa vontade, de quem sabe, que a meza é o unico prazer que lhe resta no mundo.

Thomazia, que devorando, quanto vê diante dos olhos, assegura a todos os momentos, que nunca tem fome, mas que se vê obrigada a alimentar-se por causa

de sua querida filha, que deseja amamentar com os seus próprios seios, medrosa dos inconvenientes do leite mercenário.

Felix, moço de vinte e seis annos, de estatura ordinaria, magro, pallido, com as mãos muito brancas, e bem feitas, desconfiado e melancolico de natureza, mas com taes qualidades modificadas pela frequencia das sociedades: vestia calças e colete branco, e uma sobrecasaca, que perfeitamente lhe assentava: tinha ao pescoço uma gravata de côr muito haixa, e bordada com igualdade mathematica por uma estreitissima dobra do collarinho: sobrinho de Thomazia, frequentava elle com admiravel assiduidade a casa da titia: comendo com a rapidez e boa vontade de um caixeiro, de cada vez que levava o hocado a boca, Felix atirava uma olhadura fulminante sobre a prima Rozinha.

Roza é a mocinha, a quem já conhecemos do theatro: com seus dez-e-seis para dez-e-sete annos é ella uma menina das moreninhas capazes de fazer andar com a cabeça a roda a mais de meia duzia de rapazes a um tempo: pouco alta, esbelta, com lindos e vivos olhos pretos, com suas pequeninas mãos, proporcionados pés-sinhos, Roza que se vê ao espelho tresenta e duas vezes por dia, gosta muito de si mesma, e animada pela perigosa educação, com que foi creada, é sem mais nem menos conquistadora, loureira, e esertinha de mais: como tem ás suas ordens a chave da despensa, e o dia inteiro por seu, ella come menos que um passando diante dos hospedes, e serve o chá tomando as

taças com as pontas dos dedos, mostrando assim muito bem um rico anel de brilhante, que nunca deixa.

E finalmente Manduca, com quem igualmente já temos conhecimento no theatro, era o predilecto de Thomazia, rapaz apaxonadissimo por pão com manteiga, com a qual então já tinha emplastrado trez partes de seo escarpado rosto.

Tomando a ultima gota de chá, Venancio ergueo-se, como quem se supunha de mais naquella roda, e retirou-se.

Apenas acabava de sahir o velho marido, Bras-mimoso voltou-se para a dona da casa, e disse ;

— Devo confessar-lhe, Sra. D. Thomazia, que tenho dado tratos ao pensamento para penetrar aquelle mysterio, do qual me fallou hontem a noite.

— Mas... não me recordo.

— Ora... quando me perguntou se eu conhecia o moço de gravata cor azul celeste,

— Veja só!... pois inda se lembra disso? estou pensando que só para fazer-me essa pergunta veio dar-nos o prazer de almoçar connosco: vês, Rozinha, nós as mulheres somos exclusivamente as curiosas...

— Mas como me havia promettido a decifração do mysterio...

— Sim... sim... porem eu disse isso somente para acender algum ciume-sinbo no coração do meu Venancio... bem sabe, que o ciume é o adubo do amor... eu por mim sou ciumenta como o mouro de Veneza.

— Bravo, minha mai!.. bravo! exclamou o interessante Manduca.

— Cala-te Manoel-sinho, diz Thomazia, não é bonito interromperes a tua mãe.

— Apesar de toda a sua modestia, tornou Bras-mimoso, eu juro pelos olhos da senhora D. Roza, que não é de um ciúme; porém de uma conquista, de que se tratava no theatro.

— Muito bem! disse Roza, então jura por meos olhos?..

— Pois não, minha senhora, sempre se jura por alguma objecto sagrado,

— Ora...

— Deixemos isso, acudio Thomazia; mas já que o senhor Bras levantou a ponta do véo, é melhor que o rasguemos todo.

— Minha mãe, fallou Roza em segredo, olhe meu primo...

— Que importa?... oiçã, meu sobrinho, Roza tem medo que se falle em sua presença... dir-se-hia, que você e ella são dous apaixonados.

— Apparencias, minha tia, apparencias...

— Tambem o que se vai dizer não é mais, que um desses casos de todos os dias...

— Um desses casos que succedem a minha prima todos os dias?... perguntou o tal primo Felis.

— Hade ser pouco mais ou menos isso, respondeo a moça ressentida.

— Estavão hontem a noite em um camarote, disse Thomazia dirigindo-se a Bras-mimoso, duas senhoras; uma casada, e outra solteira: um moço, que se achava na superior, gastou a noite inteira em prestar-lhe a

mais obsequiosa attenção : esse moço vestia-se elegantemente; tinha uma rico relógio, um excellente alfinete de brilhante, gravata côr azul celeste, luvas de pelica côr de carne, enfim trajava com o ultimo apuro de bom gosto : d'aqui tirão-se tres conclusões : primeira— o moço gostou de uma das senhoras : segunda— o moço parece não ser pobre : terceira—o moço é adepto ao culto do bom gosto.

— Eu tenho reparado, disse o primo Felis, que minha tia é logica até a ponta dos cabellos : prima Rozinha deverá aproveitar muito ; pois mostra grande capacidade.

— Ora, proseguio Thomazia, o casamento é o negocio da mulher : casar é ganhar sempre ; mas casar bem é ganhar trezentos por cento : se pois a senhora casada, que estava nesse camarote, podia esquecer o moço logo ao voltar-lhe as costas, não succede o mesmo á moça solteira : provavelmente ella desejará saber qual o estado desse homem : se é casado, passe muito bem : mas se pelo contrario está livre, não se perde nada em traze-lo para perto... estuda-lo... observa-lo, e se conveniente for deitar o anzol no mar a ver se cahe o pexinho.

—Agora, minha tia, esperamos pelas consequencias.

— A consequencia é esta ; o Snr. Bras que é amigo de familia, e que se não o fôra, não me ouvia fallar com tanta liberdade, conhece esse moço, dir-nos-ha se é solteiro ou casado. e nos fará o obsequio de offerer-lhe um convite para assistir ao sarao que daremos no dia do baptizado de minha filha.

— Pois minha senhora, disse Bras-mimoso, pôde contar com o moço da gravata azul-celeste, que é sem mais nem menos o meo amigo Octavio.

— Octavio!... exclama Felix.

— Tambem o conheces?..

— Perfeitamente.

— E por tanto pôdes dizer-nos... .

— Sem duvida, tudo quanto minha tia quizer: bem entendido, se o Snr. Bras der licença, e minha-prima Rozise ameigar um pouco.

— Pois anda, sobrinho, dize-nos, o que sabes

— Sei que o senhor Octavio vai fazer trinta annos...

— Pois que! é quasi da minha idade?.. perguntou Thomazia, não deixando passar aquelle ensejo de cas-soar com o tempo.

— Pouco mais ou menos, proseguio Felix rindo-se, vai como disse fazer trinta annos, posto que mais moço pareça: é rapaz de optimas qualidades de muito bom gosto, e ainda mais negociante rico.

— Mas como é possível que nós não o conhecessemos?.. eu então, eu que conheço todos os homens solteiros e ricos, desde que a minha Rosinha fez quatorze annos: como? como me escapou este?!

— Facilmente, minha tia: Octavio era, ainda ha cinco annos, guarda livros de seo pai: não tinha licença para frequentar nem sarões, nem assembléas: não contava amigos, eu era o unico, que o podia visitar, e ser por elle visitado: ha cinco annos mor-reo-lhe o pai, e depois...

— E depois?..

— Elle teve de embarcar-se para arranjar certos negocios... emfim para facilitar o commercio de certas fazendas, que não pagão direito na alfandega ; porque desembarcão em praias desertas, e...

— Entendo... entendo...

— Tem sido por isso obrigado a repetir miudamente suas viagens, e apenas hontem chegou: eis o que lhe posso dizer, minha tia ; o resto pertence a prima Rosa.

— Vamos lá...

— Priminha, Octavio é solteiro..., bonito... bemfeito... rico... sensivel... e provavelmente não poderá resistir aos seus olhos pretos.

— Optimamente ! disse Thomazia, será um convite de consequencias !

— Mas espere, minha tia: continuou Felix, posto que devamos contar muito com o poder dos olhos da prima Rosa, com tudo...

— Com tudo o que?..

— Quem é a madrinha da menina?..

— Pois já te não disse que era D. Lucrecia?!

● primo soltou uma risada.

— De que te ris, Felix ?

— De uma coincidencia, minha tia.

— E qual?..

— Paciencia, prima Rosa ; mas a madrinha de sua mana é ha dous annos a dama dos pensamentos de Octavio.

— E' possivel?..

— Tam possível, como a minha prima tirar-lhe o lance.

— Ora... quem diria?!.. mas enfim, senhor Bras, não se perde nada em trazê-lo para perto de nós.

— Sua comadre, minha tia, ha de agradecer-lhe muito..

Thbmazia arrastou sua cadeira para perto da de Brasmimoso, e com elle travou uma conversação cerrada, e em tom, de quem não queria ser ouvida.

Felix escondia debaixo de sua fingida jovialidade de uma dose de ciume, que já muito cruelmente o incommodava; Rosa affectava ter tomado pouco interesse no que dissera sua mãe, e Manduca continuava a devorar pão com manteiga.

— Rosa aproveitou aquelle momento e dirigio-se a Felix, fallando-lhe tambem em tom baixo.

— Mas você não tem razão, meu primo, que culpa tenho eu, que me achem bonita?..

— Mas você não tem razão, minha prima, eu ainda não a accusei de falta alguma.

— Sempre lhe conheci ciumento..

— Ora... quando se ama uma moça tão firme, como minha prima.

— Senhor!.. basta de ironias!

— Senhora! eu estou fallando, como Salomão, com o coração na mão.

— Eu não desço de minha dignidade para fazer caso do que o Snr. diz...

— Bravo, mana Rosa! bravo! exclamou Manduca com a boca cheia.

— Então que é isso? perguntou Thomazie.

— Era uma historia, que eu contava, respondeo Felix!

— É verdade, minha mãe, era uma historia, que elle contava a minha mãe.

— Pois se era uma historia, nós todos queremos ouvi-la.

— Agora meo primo! exclamou outra vez Mau-duca, conte a historia a minha mãe.

Pois lá vai, disse Felix, sem hesitar; é uma historia muito verdadeira, e o que é mais, acontecida ha pouco tempo: ia eu hontem para S. Christovão nos omnibus das cinco horas da tarde: quando chegavamos a ponte do acerrado vimos vir um homem, que montado em vivo cavallo, todavia acompanhava a custo uma joven, que cavalgava branco palafrem, boleado, ardido, e fogoso: nem eu, nem nenhum dos que nos omnibus vinha, se importou mais com o cavalleiro, que a seguia: nossos olhos ficarão embebedos na jovem cavalleira.

Isso é muito natural!, disse Bras-mimoso.

— O vestido da moça era verde-escuro: nada mais engraçado do que sua cinturinha delicada, do que o corpinho justo de seo vestido, que desenhava as mais encantadoras, e voluptuosas formas: ella trazia na cabeça um simples boné preto, que muito pequeno para esconder seos cabellos, deixava cair uma multidão imensa de bellos aueis de madeixas negras, que voavão pelos ares na impetuosidade da carreira que trazia o cavallo: oh!... ella passou junto do omnibus!...

— E então?...

— Oh! minha tia, é cruel, mas emfim os anjos devem passar assim, rapidos e brilhantes como o relampago!...

— Por tanto não sabes, se é bonita ou feia?...

— Sei, sei muito bem: nesse curto instante nós admiramos desprendendo um leve chicotinho uma pequena mão de cherubim.

— Mas o rosto?.. o rosto?..

— O rosto será talvez pallido; mas a agitação lhe acendia o rubor nas faces... meigo sorriso estava deslisado em bellos labios côr de nacar... e seus olhos grandes... negros... ardentes... brilhavão como o sol no mais claro dia; oh!.. palavra de honra, minha tia, é o rosto mais bonito, que tenho visto!

Rosa soltou uma gargalhada, e disse.

— Continue a sua história, meo primo, na verdade está muito bonita.

— Essa moça causou-nos, como era de esperar a mais viva impressão, e um joven poeta que com nosco ia, exclamou:—eis o typo romantico!— e em toda a viagem não fallamos, senão na moça romantica.

— E depois?..

— Voltando de S. Christovão para a cidade, achei a noticia, de que meo amo, o Snr. Hugo de Meudonça havia chegado, e partido logo para Nitheroy, onde tinha mandado alugar uma chacara: fui immediatamente vê-lo: e quem o diria?... o homem que seguia a joven cavalleira, e de quem desviei os olhos, para só emprega-los nella, era meo amo!

— E a joven cavalleira?..

— A joven cavalleira é filha dell'a, a quem não conheci sem duvida pela grande rapidez, com que passou junto do omnibus.

— Pois bem : e como a achou?

— Desgraçadamente não a pude ver : estava descaçando.

— Foi na verdade uma desgraça enorme!.. disse Rosa.

— Certamente, acudio Felix; mas foi uma desgraça, da qual eu espero, que minha tia tome o cuidado de vingar-me.

— Como?..

— Já que minha tia não se furta a offerer con-vites para o seu sarão a pessoas, a quem não conhece, eu lhe rogo, que me encarregue de levar uma carta ao Snr. Hugo de Mendonça, meo amo.

— Eu sei... mas...

— Não o deve fazer, minha mãe, disse Rosa.

— Oh minha prima ! não se perde assim uma moça bonita, quando se trata de um sarão.

— Temos muitas, e muito bonitas!

— Sim minha mãe!.. ha-de-se convidar a moça romantica, eu quero dançar com ella.

— Eu entendo, que ella deve produzir effeito. disse Bras-mimoso, sempre é uma novidade...

— Não ceda minha mãe!..

— Ora... dir-se-hia que minha prima tem medo da concurrencia...

— Com effeito!.. meo primo está hoje... in-suportavel...

— Porque minha bella prima?... por faltar na concurrencia?... não, eu tenho a certeza, de que minha prima não tem medo...

— Eu vou mostrar-lhe, que não tenho medo!.. minha mãe mande convidar essa gente que veio do campo!

— Pois sim, convidar-se-ha.

— Bravo, minha mãe!.. gritou Manduca.

— Estou louco pelo saráo; disse Bras-mimoso.

Os dous primos estavam exasperados um contra o outro: Thomazia quiz vê-os fazer as pazes.

— E vocês, meninos, parecem creanças! andem, engajem-se ahí para dançar a primeira contradança.

— Não posso, minha mãe, disse Rosa.

— E' impossivel, minha tia, acudio Felix.

— Oh! e porque?..

Porque eu quero guardar a primeira contradança para o Snr. Octavio,

— Porque eu fiz votos de dançar a primeira contradança com a moça romantica.

— Que loucos!.. exclamou Thomazia.

IV.

Honorina e Rachel.

A pouca distancia desse mar sereno e amoroso, que lambe as brancas orlas da voluptuosa Nictheroy, se levanta uma graciosa casa cercada de lindos jardins e meio escondida por tras de sibilantes casualinas e froudosas mangueiras, e olhando como namorada para a cidade do Rio de Janeiro, defronte da qual se terminão seos curtos e floridos dominios por um gradil a cavalleiro do mar, para quem abre passagem engraçado portico campestre ladeado de bancos de relva.

Alta já a noite: o silencio das deshoras derramava não sabemos que feiticeiro encanto sobre essa pequenina e delectosa cidade adormecida ao clarão de cheio luar, por entre seos valles e bosques, pelas encostas de seos montes, e com uma de suas faces banhada por mansinhas ondas, e toda ella cunfim embalada em seo dormir pelo susurrar dos zephiros, que velavão galanteando as flores de seos mil jardins.

Mas contrastando com esse geral silencio, como dous beilos genios da noite, duas moças conversavão recostadas a uma janella da casa, que ficou a cunha notada; perto e defronte dellas um pé de casualina se elevava, e a ella apontando por entre seos galhos

espargia se gostosa sobre os semblantes de ambas: ao clarão do luar parecião igualmente pallidas, e em descuidoso desalinho, que a hora e a solidão desculpava. longas madeixas, negligentemente soltas, cahião como espessa nuvem negra sobre espaduas cor de leite: dir-se-hião duas sombras encantadas e bellas.

Depois de separaçãõ dilatadã essas duas moças de novo se abraçavãõ: quem sabe, quem tem sido testemunha do affan, com que se dizem mil coisas duas amigas da infancia, que ha muito tempo se não veem, comprehenderã facilmente o porque velavãõ em taes deshoras Honorina e Rachel.

Depois de longos mezes passados no campo Honorina, a joven romantica, de quem havia dado noticias Felis, tornava para sua bella Córte, e pela primeira vez a sós com Rachel, a camarada de seus jogos da infancia, a companheira de suas travessuras de menina, a comadre de suas bonécas, ella olvidava, que a noite corria, e conversavãõ juntas.

Um momento haviãõ ficado ambas em silencio: quando Rachel, que até então só tivera de responder a sua amiga, entẽdo que cumpria por sua vez interrogar.

— Mas, Honorina, d'ora avante deixarás tu de ser freira?..

— Eu devo crer, que sim, Rachel: pois que é morto meo avô, e meo pai não olha para o mundo como o encarava aquelle.

— E por tanto tu vãs ser a bella princeza de nessas festas.

— **Pensas isso ?..**

— Com tam lindos olhos, e tam bello rosto, disse-lhe Rachel dando-lhe um beijo, impera-se nas sociedades, e escolhe-se um escravo para marido.

— Mas casar-me-hei eu?..

— Que pergunta?.. terás medo de não achar quem jure que te ama?..

— Quem sabe?. e tambem, Rachel, chegarei eu a amar?..

— Em conclusão, e ainda que tu e eu fossemos feias, é tudo isso muito indifferente para acharmos quem nos proteste amar, e queira casar connosco.

— Mas porque?..

— Porque somos ricas.

— Oh Rachel, isso é horrivel!..

— E todavia nada ha neste mundo mais verdadeiro, e como é neste mundo, que devemos viver demos graças a Deos, que nos deo fortuna e riqueza.

— Permitta Deos, Rachel, que tu me estejas mentindo; porque eu teria vergonha de viver em um mundo como esse.

— Escuta, Honorina, a diversidade de nossos pensamentos a tal respeito, nasce da differença de educação, com que se nos fez crescer. Ambas temos dez-e-seis annos; mas tu és muito mais nova que eu. Nossos pais nos amão com amor igual quizerão ambos dar-nos a maior felicidade possivel ricos, como são. desejarão que nós tivéssemos todas as prendas peculiares do nosso sexo, e mais ainda, que

Vol. I. 7

nosso espirito fosse affincadamente cultivado, de modo que nós, adquerimos o dobro da instrucção, que soem ter nossas patricias, com a educação ordinaria.

— Rachel, continua.

— Mas para conseguir esse fim nós trilhamos caminhos absolutamente oppostos: começarei por ti, Honorina. Tu tinhas um avô que te idolatrava com excesso, homem do seculo passado, que chegára até o nosso com todas as velhas idéas firmes, e inabalaveis: elle combateo a vontade de teu pai, oppoz-se ao genero de educação que se te queria dar, e para que este conseguisse ver-te instruida, foi preciso conceder, que toda a instrucção te fosse dada debaixo dos olhos de teu avô. Esse bom velho via o mundo cheio de mentiras e traição de perigos e de enganos; e tremendo pelo seo querido anjo, temendo que o bafo do vicio manchasse a flor do seo coração, elle te escondeo dos homens: tu eras a sua bella violeta... modesta, occulta entre suas folhas: providente elle fugia contigo em sua alma, quando sonhava um perigo; escolhia a casa, em que devias passar uma só hora em uma noite; cobria teu rosto com um véo para te levar a Igreja; tinba os olhos fitos sobre teos mestres; e ensinou-te a amar a virtude no seio da solidão: e tu cresceste; e aos quinze annos eras bella, sem saber, que o eras; alegre sem conhecer o mundo, e pura e innocente, como a florzinha; porque enfim nunca se havia queimado a teos pés o thuribulo lisongeiro dessas reuniões perigosas, onde reina uma febre de vaidade tam fatal, como contagiosa; porque

e assim nunca fallára a teos ouvidos o galante mancebo, que jura, quando mente; que festeja, quando a traição; que diz, que ama, e vai rir-se!.

— Oh! foi assim! exclamou Honorina abraçando sua amiga.

Rachel proseguio.

— Ha um anno tu perdeste teu avô, e teu tio: forão dous golpes de uma vez: teu pai teve de sair da Côte para tomar conta de fazendas e bens, que seos dous parentes havião deixado: dez mezes passaste no campo, e agora voltas mais bella, mais interessante que nunca: teu pai, que não desposa os costumes dos velhos tempos, vai atirar-se comtigo no meio do tumulto da Côte: e pois as sociedades te vão abrir suas portas, e tu entrarás por ellas com o receio no coração, e um mundo novo se apresentará a teos olhos: has de corar ao mais simples cumprimento, tremerás ao mais leve gracejo, e não comprehenderás tam cedo esse viver de illusões e de mentiras, que se vive nas sociedades elevadas, essa arte preciosa, e naturalmente cortesã de encobrir a fresa do coração com o fogo dos olhos, e occultar a indiferença ou a maldade dos sentimentos com o sorriso dos labios; poderás tu passar pela noite de um sarão, como um raio de luz atravez de um corpo diaphano?... não levarás nenhuma lembrança delle?. dormirás sem sonhar, acordarás sem suspirar?. não te chegará a alma nenhum olhar, e não irão em alguma vez até ella as palavras ardentes do homem, que te requestar uma noite inteira?... Oh! Honorina, tu não comprehendes, o que é um homem, que nos tenta enganar!.. no seio da paz e da so-

idão, onde cresceste, tu sonhaste com o mundo... e o sonhaste nobre, puro, sincero como tu mesma; julgaste todos os homens por teos pais e teos mestres: acostumada com a verdade, não sabes desconfiar da mentira, e até ha pouco creada e associada só com a virtude, tu a ves... tu pensas encontra-la por toda a parte; e não sabes pensar, que neste mundo se apresentão semblantes, que se parecem com o della; mas que não o são; que são mascarar traidoras, que escondem o aspecto horrivel do crime!.. e portanto, Honorina, sendo bella, como o dia, tu és ainda innocente como a pomba do valle, pura como o favonio da madrugada: sim, graças a tua educação, tu és a propria virtude, não conheces o vicio; mas ah! por isso mesmo difficilmente escaparás de suas redes!..

Honorina occultou o rosto no seio de sua amiga, e só passados alguns instantes disse:

— E tu, Rachel?..

— Comigo, Honorina, passou-se o contrario de tudo isso: Meo pai vio tambem medroso o mundo cheio de mentiras e de traições, de perigos e de enganos; tremeo por mim, que me ama tambem, como o seo avô; mas em lugar de esconder-me dos homens, levou-me para o meio delles; em vez de fugir comigo dos perigos, conduzio-me a borda dos abismos, e fez-me medir com os olhos o seo fundo até recuar horrorizada!. amante, carinhoso, pai, e amigo ao mesmo tempo, elle procurou e soube ganhar a minha confiança inteira; oh Honorina elle lê no meo coração, como no seo livro; meo pai e uma segunda consciencia, que eu tenho.

— Oh! falla mais, Rachel!

Com effeito, Honorina, desde a mais tenra idade eu comecei a não ter segredos para meo pai, a ser a seos olhos tam transparente, que elle lia, quanto se passava na minha alma; era em tal que baseava todo o edificio de minha educação moral. Aos doze annos eu pizei no grande mundo, meo pai me fazia frequentar as sociedades, os sarãos, e as festas: Honorina, erão lições, que me elle dava: quando voltavamos a casa, interrogava o meo coração, a verdade fallava por meos labios, e meo pai me mostrava a acção, em que havia um erro, as palavras doces, que eu tinha ouvido, e que erão uma vil lisonja, uma perigosa mentira, ou que vestião uma traição! diante do espelho elle me convencia, de que eu não era encantadora, como me tinhão dito; a força de um raciocinio simples e vehemente elle fazia vir a flor d'agoa. a verdade, que fora submergida no mar de loucos e falsos protestos, de exagerados obsequios, e dessas primeiras e temerosas supplicas, que nos fazem, e que são sempre a chave, que abre a porta a mil atrevidas pretensões. Honorina, meo pai nunca voltou as costas ao perigo, nem os olhos ao vicio; era para ao pé de ambos, que elle gostava de me conduzir: eu dancei eu passeei cem vezes ao lado do homem depravado, do homem, de quem toda a mulher devia reear; e depois quando me achava a sós com meo pai, elle me dizia: «Rachel dançaste e passeaste com um miseravel; os seductores fallão e praticão, como elle.»

Honorina, eu vi a mulher perdida, observei-a em todo o horror de sua vida, de seos martyrios e de suas ver-

genhas e era meo proprio pai, quem m'a apentava com o dedo para dizer-me depois: «Rachel, eis a mulher pervertida!» E assim, Honorina, eu aprendi a conhecêr o seductor, e vi com terror os effeitos da seducção.

— Deve ser assim, Rachel, mas falla ainda...

— E por tanto, Honorina, tua educação te faz muito mais nova, do que eu; eu vi o mundo desde que racioncei, e tu até agora sómente ouviste fallar delle: tu temes o vicio pelos seus espinhos, oh Honorina, é preciso teme-lo ainda mais pelas suas flores!... e então este nosso mundo, que hoje nos está lambendo os pés para amanhã cuspir-nos no rosto!.. este nosso mundo, em que as mulheres são sempre nossas rivaes, que nos observão, e nos estudão para morder-nos, e perder-nos; e os homens quasi sempre sacerdotes de um culto horrivel, que nos ornão as cabeças com flores insanas para logo depois immolar-nos no altar de seo deos de ter-pesas!...

Honorina respondeo a essas palavras de Rachel com um puigente gemido. Em seos feiticeiros sonhos de moça ella tinha imaginado modesto e nobre, virtuoso e alegre esse mesmo mundo, cuja descripção, talvez exagerada, lhe fazia agora estremecer de espanto e de horror.

Rachel ainda proseguio:

— E que pensarás tu, minha Honorina, ou ainda melhor, que pensa a rica herdeira, a quem se corteja n'um sarão?.. oh! . se acredita sómente na decima parte . do que lhe dizem. . . . é já uma louca.

— Como!

— E é quasi impossivel não enlouquecer, Honorina;

porque ali cerca-se de todos os lados uma moça rica; não se lhe fallia, se não com a linguagem da adulação; trata-se de affogar-lhe o bom senso com o fumo perfumado da lisonja: vem dez, vinte, cem elegantes mancebos jurar-lhe amor e ternura.... e ella... ella, já louca, conta por victorias de seos olhos os triumphos do seu dinheiro!...

— E portanto só as ricas são amadas?. perguntou in genuamente Honorina.

— Oh! lá não se perde nada!.. a senhora de grande dote é o amor.... o calculo do futuro: a bella joven de fracos teres é o amor.... o passatempo do presente: vivemos em um seculo de frias idéas, em uma época de algarismos: tudo é positivo.... o commercio tem invadido tudo: negocia-se tambem com o sentimento.

— Ah Rachel! e no entanto tu estás sempre alegre!

— Porque é preciso rir. Honorina já que o chorar não dá remedio;.. e tambem com animo e virtude as-oberba-se a tempestade. Olha, nós somos amigas dos primeiros annos, caminemos pois juntas, e nos ajudaremos mutuamente: além de que, Honorina, e para tornar ao ponto, donde sabemos, nós pertencemos ao pequeno circulo das mais felises: em te dizia temos ricos dotes.

— Mas essa idéa de devermos tudo ao nosso dinheiro, não te acanha, Rachel?

— Eu sei, Honorina; porém nesta vida não nos dão licença de pensar senão no casamento; e a esperança deste está mais em um bom dote, do que

em dous bonitos olhos; portanto demos graças a providencia, já que nem por feias espantamos, nem por pobres desesperamos.

— Oh! porém é torpe, Rachel, disse com enthusiasmo Honorina; é torpe, que um homem venda seo coração ou pelo menos a liberdade por um cofre cheio de ouro! é um horrivel sacrilegio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar, receber a benção do sacerdote, estender a mão para uma triste mulher, com os olhos em seo rosto, e o pensamento no seo dinheiro!.. e mais baixo, e mais torpe que tudo isso é um homem negociar com a desgraçada sympathia, que lhe tributa uma infeliz mulher, engana-la quando ella conta com o seo amor; e quando a conduz do templo para casa, antes de outorgar-lhe o primeiro beijo de esposo, correr a seo escriptorio e escrever no livro de suas contas mais uma parcella na columna dos rendimentos!.. Rachel, se eu me casasse com um homem desses, daria todo o dote, que tivesse de meo pai, para que elle se não assentasse junto de mim; porque eu teria nojo de sua alma!.. Rachel, diz, que zombavas de mim, quando fallavas ha pouco, ou então eu te juro, que melhor me fôra ser pobre!..

— E pensas, Honorina, que ganharias muito com isso?..

— Pelo menos, Rachel, quando eu chegasse a ser amada, teria a certeza de se-lo por mim mesma.

— E no entanto com esse teu bello rosto mais, que a nenhuma outra, te armarião traições, e cava-

rião debaixo de teos pés um abismo, de que escapa-
rias, eu sei, com tua virtude; mas tamhem com tra-
balhos, soffrimentos, e lagrimas: Honorina, o pen-
samento dos homens a respeito de nós outras é
este» venda-se o homem pelo ouro da mulher rica para
com esse ouro tentar perder a mulher pobre:» re-
pito, o nosso mundo é este; vivamos pois com elle,
e tanto mais, que não vejo razão para a ceulema,
que tens feito.

— Oh Rachel! quando se nos quebra contra o co-
ração o unico sentimento, que pôde fazer a ventura
da mulher neste mundo!... quando se nos apaga no
espírito a unico luz, que nos pôde tornar brilhante
o caminho da vida!.. quando parece, que nos está
dizendo» mulher! não ames!..

— Meo Deos!.. mas tu és romantica. Honorina!

— O amor!.. o amor!... o amor!... exclamou Hono-
rina com sentimento, e fogo.

— Amor, minha chara amiga, é uma vã mentira,
amor não é mais que uma das muitas chiméras .
com que a fantasia nos entretem na vida, como a
bonéca, que se dá a creança para conserva-la qui-
eta no berço.... o amor não é mais que a flor
de um só dia, que abre de manhã; e antes da noite
está murcha...

— Rachel!... pensar assim com dez-e-seis annos!...
dizer que amor é uma chiméra! flor de um só dia...
oh! pois hem! mas essa flor tem um aroma que
hade embriagar; que deve adormecer-nos n'um bello
somno cheio de lindos sonhos, do qual só deve-

Vol. I.

riamos acordar para passar de suas delicias para as delicias do paraizo!.

— Honorina! eu tenho medo de ti!.. pensa bem nisto: o amor é uma hora de felicidade em chammas, que levantão altas labaredas; mas que se extinguem cedo para deixar apóz a cinza e o fumo da indiferença ou do aborrecimento que tolda para sempre o horisonte da vida dos amantes, se o zefiro da amizade não vem a tempo para limpá-lo.

— Oh pois bem, Rachel, a desgraça de toda a minha vida... o horisonte della toldado pela indiferença, ou pelo aborrecimento; mas uma só hora dessa felicidade em chammas, que tam cruelmente pintaste!.. oh sim!... o amor de um homem, que se misture com minha vida e com o meo fucturo; que comigo faça um só ente; que se esqueça de meo ouro; desse ouro vil, para se lembrar de mim só... como eu me lembrarei só delle!.. ah Rachel, um amor de poeta!.. um amor de fogo ainda que acabe na desgraça e na morte; mas que seja sempre o mesmo amor deve ser bem bello!...

Os entusiasticos e nobres pensamentos da moça forão interrompidos por soluços que quasi a sufocavão. Ella chorava, e tinha razão para chorar.

Alma tam ardente e angelica tam cheia de poezia, e de imaginaçã devia doer-se. aentindo-se preza em um mundo todo de materia, de gelo. e de torpe positivismo.

A educação tinha arrojado essas duas moças para dous extremos, ambos perigosos. Uma acostumada a

ouvir com sancto amor filial todos os conselhos de seu pai desde os primeiros annos; affeita a olhar para o mundo sempre pelo lado peor; tendo aprendido a amar a virtude, menos pelos encantos desta, do que pelo horror, que deve inspirar o vicio; escutando a todas as horas a voz de uma moral franca, grandiosa, mas fria e melancolica; abafou, sem talvez o querer, dentro do coração os sentimentos brilhantes, arrojados, e ardentes, proprios de sua idade: O amor é por ella considerado uma mentira, ou um abismo: e orgulhosa de sua educação, e de sua prudencia ri-se do mundo, e para o mundo.

Uma moça pensando, como Rachel, pôde causar surpresa: mas certamente faz entristecer; porque sua sensibilidade parece embotada: e a sensibilidade é o perfume da belleza.

▲ outra, creada longe do bulicio da sociedade, separada do grande mundo pela vontade de sua familia, porém ao mesmo tempo instruida com esmero; tendo até então conversado sómente com os livros, imaginou, o que não podia ver; cresceu na solidão, como uma flor, pura, innocente, cheia de delectosas fragancias; e a solidão alimentou, acendeu, inflammou sua imaginação brilhante que voou livremente..... ella sonhou pois com um mundo... com cem amigas.... com um bello mancebo... esposo e amante, e todo o seu sonho era encantador... feitiçeiro.... adoravel! tanto tempo, dez-e-seis annos fechada consigo mesma.... com a alma repleta de ternos e ardentes sentimentos, e sequiosa de gene-

rosas impressões, ella que lera romances, e poesias, ella que se fisera poeta na soledade e no retiro... pensava em amor com religioso encantamento; separava desse ente ideal, mavioso, angelico, e viviificante toda a idéa material, e bruta... não, não separava; antes nunca se tinha lembrado ella, virgem e innocente, que se podesse ligar uma só dessas miseraveis idéas, com aquelle filho mimoso do coração amamentado, creado, embellecido, endoosado pela imaginação.

E por tanto ambas essas moças se enganavam com o mundo, e talvez que seo erro seja para ambas funesto.

E' possivel que um dia desperte no coração de Rachel o sentimento, que ahi dorme e nesse caso terrivel deverá ser a reacção.

E Honorina achará nesse mundo, em que vai entrar, seo bello sonho de poezia? haverá nesse mundo, que sem talvez estar tam pervertido, como o pinto Rachel, é todavia egoista, máo, e enregelado haverá nelle ainda um homem que comprehenda a alma dessa mulher-anjo, que pede ao céu um amor de poeta e de fogo? dessa nobre moça que com a ponta de seo pé arrojara para longe de si o cofre de ouro do homem que ella não amar, e que preteader possui-la?..

Oh!.. se a realidade fria e negra apparecer sempre desmentindo sua imaginação alva e fervente!.. quanto não custará a essa creatura angelica o arrastar a vida por isto nosso campo de miserias!.

Mas Rachel, que primeiro escutara admirada a linguagem sentimental e entusiastica de sua amiga, apertou-a contra o peito, vendo-a chorar tam tristemente; e como se antevisse os perigos, que ella tã horror com tam inflammado espirito, exclamou quasi sem sentir:

— Infeliz da minha Honorina!

— Sim, sim, Rachel, bem infeliz; porque vivo neste mundo de ambições e de vergonhas, onde, tu dizes, que se ama a mulher pelo seu dote.

— Nada de tristezas agora.... e tanto mais, que se fores enganada no teu amor, saberás olhar de bem alto para o homem, a quem comprares com o teu dinheiro.

— Rachel, e pois que a solidão me fez tam sensível, e tam capaz de amar, perdoa; mas preciso é confessar, que tambem o aspecto e as lições do mundo tem embotado em tua alma o mais fino dos sentimentos! nós temos tocado os extremos, arrebatadas pela educação, que nos derão nossos maiores: eu serei demais innocente; mas tu ficaste sabia de mais.

— Aceito o cumprimento, Honorina, e te offereço toda a minha sciencia: façamos um contracto: segundo as necessidades do momento eu te emprestarei metade de minha malicia, ou tu me darás algumas dúzias de tua innocencia. Ora pois: realizemos os votos de nossa infancia; soldemos para sempre os laços de uma amizade velha, como a nossa vida; celebremos uma dupla aliança offensiva, e defensiva, e primeiro, que tudo, Honorina, — confiança por confiança—

— Sim, Rachel, coração por coração.

E as duas moças acabavão de sellar com um beijo o tratado de alliança; quando sentirão rumor. como o que faria algem que furtivamente se retira-se por entre os arbustos do jardim.

— Meu Deos!..é alguem..

— Honorina! eu tenho medo...

As duas moças instinctivamente cerrarão a vidraça, trancarão a janella, e depois de escutar se de novo fasiao algum ruido no jardim, lançaão-se ambas sobre o mesmo leito.

Ellas dormião ainda no momento, em que Lucia entrou no quarto, e as acordou dizendo:

— Já são nove boras da manhã, senhora!..

As duas moças erguerão-se, e tratarão de vestir-se; depois lembrando-se da noite, que havião passado, ellas forão a janella, recostadas a qual tinhão tanto conversado. Debaixo da vidraça dessa janella estava um papel, Honorina o puxou...era uma carta.

Lucia já as tinha deixado a sós.

— E' uma carta...disse Honorina, admirada.

— E sem sobrescripto...nem sello, disse Rachel.

— Portanto.... que faremos?..

— Abril-a sem dúvida.

— Mas... eu não sei se devo....

Porém quando Honorina disse—mas... — tinha os dedos na carta... chegando ao pronunciar— eu não sei ... — começára a abri-la; e ao dizer o —

se devo...;— ja a carta estava completamente aberta.

A carta escripta com lapis, e dirigida a Honorina, era assim concebida: «Honorina! Eu ouvi os teos pensamentos da noite passada; e por tanto eu te amo! eu te amo com esse amor de poéta, com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem bello! Sim: eu te amo! e tu me verás em toda a parte, seguindo-te, beijando as pisadas de teos pés, obrigando-te a amar-me ainda contra a tua vontade, e não me deixando conhecer senão na hora, em que tiveres de ser minha para sempre... oh! moça cheia de imaginação e de sensibilidade... querias um amor de poéta?... uma paixão de louco?... em mim a tens.—»

— Mas meo Deos, isto é inconcebivel! murmurou Honorina toda vermelha de pejo, um homem amar uma mulher só por te-la ouvido!..

— E' verdade.... porém não te lembras, que fallamos tanto na tua riqueza?..

— Oh!... exclamou a moça indignada, e executando um movimento para rasgar a pobre carta.

— Honorina, disse Raebel suspendendo-a, um papel destes guarda-se para fazer rir as amigas.

— Não, respondeo a joven romantica, mas guarda-se; porque o homem, que nelle escreveo tem talvez de ser o bom anjo, ou o genio máo de minha vida.

Hugo.

Era quasi meio dia : Rachel já havia partido com seu pai ; quando Honorina entrou de novo na sala. Duas pessoas ahí se achavão : Emma e Hugo : a avó e o pai da moça.

Emma era uma estatua do seculo passado : uma mulher de setenta annos, gorda, respeitavel, coroada por seus cabellos brancos, com seu rosario na mão direita, trajando as vestes negras da viuvez, e com uma expressão de bondade misturada com orgulho em sua fisionomia.

Hugo era, posto que as vezes timidamente, um representante da nova epoca : o primeiro que de sua familia, abandonára antigos habitos, e velhas idéas, foi por isso menos estimado de seus pais, que um irmão, morto ha alguns mezes, e via-se então chefe da casa : era o contraste de sua mãe ; pois pensava, falava, e vestia-se segundo a ordem do dia.

E Honorina é sua filha querida. Ella tem dez-seis annos, é de estatura regular ; longas e negras madeixas se mostrão prezas em avultada trança, ao mesmo tempo que dos lados lhe caem como esquecidos bastos anneis dellas, que voão em caracol beijando-lhe o nascer dos seios : a fronte é liza, branca, e elevada ; os olhos pretos, grandes, cheios

doçura e languor; a tez de seo rosto é alva, fina transparente mesmo, sem fogo, e deixando apenas adivinhar longiquo rubor, e entrever neste ou n'aquelle ponto um azulado ramusculo venoso, que para logo desaparece, no entanto admira-se ali essa pallidez, que interessa, e arrebatá: nada mais magestoso que seo collo, nada mais perigosamente bello do que seo peito cõr de leite com a mais feliz perfeição encarnado, transpirando amor e desejos de cada vez que respirando se eleva: sua compleição é fraca e delicada; e ha em seo sorrir, em suas menores acções, em todos os seos traços, enfim, um não sei que de tocante e melancolico, que quem a vê, a observa, a estuda por força: sua voz é doce, meliflua, como o gemer saudoso da frauta nocturna e affastada; e pela angelica pureza de suas vistas pela celeste candura de seo semblante parecem transluzir todos os pensamentos de sua alma: seo pizar é subtil, e imperceptivel; dir-se-hia ao vê-la passar silenciosa, que não é uma mulher, que anda; mas a imagem de um anjo, que refletida em um espelho, se desliza por elle, e desaparece impalpavel e bella.

Posto que já um anno tivesse decorrido depois da morte de seo avô e tio, trajava Honorina ainda nesse dia vestido preto, que mais fazia realçar a alvura de suas mãos, perfeitamente torneadas, e a encantadora palidez de seo rosto; o bico de um sapatinho tambem preto, que furto tinha escapado por baixo da barra do longo vestido, deixava adivinhar um pé ao delicado, como bem feito.

Na manhã desse dia lêra Honorina a carta mysteriosa, que com Rachel achára na janella de seo quarto: ella estava pensativa e melancolica.

Apenas Honorina acabava de sentar-se junto da sua avó, seo pai, que ao pé da janella lia com avidéz uma estensa carta. voltou-se para ellas, e exclamou :

— Loucuras sobre loucuras!...

— Eu o previa, disse a velha, elle é um fructo degenerado !... o que diz-nos por tanto nesse papel?...

— E' uma longa historia; quer minha mãe ouvi-la?..

— Seja: meos derradeiros dias são votados ao desgosto de ver uma a uma perdidas todas as bellas heranças de nossos velhos pais! ouvirei pois a carta desse, que foi o primeiro a ferir-me no coração.

N'aquellas palavras havia uma indirecta atirada contra Hugo, que fingindo não entende-la para não entrar em novas questões com sua mãe, arrastou uma cadeira, e sentando-se perto della começou a ler.

« Meo tio. — Depois de sette longos annos de ausencia de minha familia, que julgou dever tam
« completamente esquecer-me, que nem ao menos me
« quiz dar parte da morte de minha adorada mãe,
« que succumbindo um anno depois de minha partida
« foi talvez victima das saudades de um carinhoso filho, horrivel e injustamente lançado fóra da casa de seus pais, recebi finalmente uma carta de vossa mercê, em que me mandou a fatal no-

« ticia da morte dos meos amados avô . e pai: foi
« portanto preciso, que a mão da desgraça pesasse
« sobre nós todos para que eu fosse lembrado por
« aquelles, a quem o dever ordenava, que de mim
« muito se lembrassem. Eu já respondi com todo
« o sentimento , com toda a dor pungidóra da or-
« fandade a essa funebre carta.

« Ultimamente, vossa mercê escreve-me de novo.
« mostrando-se admirado de me não ver chegar ao
« Rio de Janeiro para tomar conta dos bens, que
« devo herdar de meo avô e de meo pai, os quaes
« segundo vossa mercê diz, devem montar a mais
« de sessenta contos.

« Meo tio : ha sette annos, que eu soffro em si-
« lencio todos os meos infortunios ; ha sette an-
« nos que engulo meos gemidos ; mas o gemido é a
« expressão da dor, e tarde ou cedo é necessario
« que o homem gema, quando seo padecer é lon-
« go, e não acaba. Lêia pois esta carta como se
« fosse um gemido que estivesse ouvindo, e dê-me
« seo perdão, se em algum ponto della eu abusar
« de sua bondade.

« Meo tio ; declaro que não voltarei ao Rio de
« Janeiro, que não apparecerei diante de vossa mercê,
« nem de minha avó em quanto lhes não pòder
« provar, que foi uma calumnia infame de que se
« servirão para perder-me, esse crime, que meo
« pai, e todos os meos parentes não duvidarão de
« julgar-me capaz de o haver commettido.

« Vossa mercê lembrar-se-ha que no fim do anno de

« 1837 tinha eu feito des-e-sette annos e concluido
« os meos estudos preparatorios ; quando desappa-
« oco do gabinete de minha prima Honorina , me-
« nina então de nove annos de idade uma cruz ,
« chamada por todos nós—a cruz da familia—toda
« crivada de riquissimos brillantes. Um joven cai-
« xeiro de nossa caza accusou-me de a haver furtado ;
« algumas apparencias parecerão justificar essa infame
« imputação ; e apezar de todos os meos protestos de
« innocencia, apezar do grito sahido do coração de
« minha mãe, que então vivia , e que unica deffen-
« deo seo filho eu fui lançado fóra da casa dos
« meos maiores, e se escapei das mãos da justiça, foi,
« porque pensarão elles, cumpria esconder a vergonha,
« de que participavão todos.

« Eu me lembro perfeitamente, do que então se pas-
« sou : meo avô disse : — Vai-te para sempre de
« meos olhos ! e se tens piedade de nós^z, mdua teo
« nome.

« Minha avô disse:—Torne-se em pedra o pão,
« que comprares com o dinheiro, pelo qual vendeste
« os brillantes da cruz da familia. O ladrão não me
« faça corar de vergonha apparecendo ainda diante
« de mim.

« Meo pai me disse : — Consuma o fogo todas as
« minhas riquezas antes que tu possas tocar em uma
« só moeda de meos cofres.

« E minha mãe disse : — Vai, meo filho ; mas vel-
« ta um dia com o rosto descoberto para provar tua
« innocencia.

« Na sala estavam ainda tres pessoas que nada dis-
« serão : vossa mercê, meo tio que hesitava; Hono-
« raria, minha prima, que nada parecia comprehen-
« der ; Lucia, que me tinha dado de mamar, e que
« chorava como minha mãe.

« Quando eu sahi da sala ouvi as maldições de
« meos maiores ; quando eu me apartei de casa vi, que
« as portas se fecharão para mim : deliante e exas-
« perado corri para o mar : eu ia vingar-me suicidando-
« me ; quando uma escrava fiel me veio entregar uma
« bolsa , e um anel dos cabellos de minha mãe ; então
« eu me lembrei de suas palavras :—Vai-te, meo filho ;
« mas volta um dia com o rosto descoberto para pro-
« var tua innocencia.—

« Eu tornei a vida ! guardei o precioso anel, guar-
« dei a bolsa, oh !... era a bolsa de minha mãe
« que podia receber sem corar !.. eu tornei a vida,
« um anjo me tinha arrancado do suicidio : isto não
« é um sacrilegio ; uma mãe é o segundo anjo da
« guarda do filho.

« Agora, meo tio, vossa mercê consentirá, que eu
« conte em poucas palavras, quanto me tem succedi-
« do de então para cá.

« Sem plano algum de vida, sem destino, e sem
« meios eu me vi só no mundo, e na idade das lou-
« curas : era preciso seguir um caminho, tomei o pri-
« meiro que se me apresentou. A cidade da Bahia
« se achava em braços com o genio da revolta ; o go-
« verno chamava soldados; eu me offereci, como volun-
« tario, vesti uma farda, tomei uma espingarda, e parti.

« Lá , no empenho do jogo dos combates , em
« que tantas mil vezes um homem defronté de outro
« pára a vida contra a vida, eu estive cem vezes a
« ponto de perder a partida ; mas fosse porque o
« anel de cabellos de minha mãe seja um talisman
« sagrado, ou porque a morte fuja d'aquella que a
« não teme, e antes a procura, eu ouvi assobiar por
« cima de minha cabeça, e em derredor de mim mil
« balas inimigas, sem que uma só me tocasse. O
« corpo, a que eu pertencia foi um dos primeiros,
« que entrou na cidade.

« Houverão scenas horribéis, que é necessario esquecer.

« Uma porém d'entre todas preciso eu lembrar :
« porque teve ella benefica influencia, sobre a minha
« vida.

« Sabe-se que o desespero, e o delirio dos vencidos
« ateou o archote do incendio : em certa occasião
« uma força, na qual eu me contava, era empregada
« em apagar as chamas que estavam terrivelmente
« devorando algumas casas: defronte de uma
« dessas eu vi um homem velho, respeitavel,
« com os vestidos queimados e caído por terra :
« ouvi suas vozes... erão gritos de dor indizivel..
« — minha filha !.. — dizia elle.. depois uma mulher,
« tambem velha, tambem respeitavel, que uma, duas,
« e tres vezes se havia atirado as chamas, e tres
« vezes cahido para traz suffocada, avançou para nós,
« e com lamentos, que repassavão o coração . dos
« que a ouvião, com accento de afflicção tam pro-

« funda, como o amor de uma mãe, ella, apontan-
« do para uma janella, exclamou;—minha filha!..
« minha filha!..

« Eu olhei e vi atravez das chammas apparecer e
« debruçar-se na janella uma moça que recuou
« pela força do fumo.... ella tinha estendido seus
« braços, implorando compaixão... pedindo que a
« salvassem... e a morte, a morte com cem linguas
« de fogo ia prestes devora-la...

« Era uma scena horrivel!.. e na minha a'ma
« brilhou o pensamento de salvar essa moça...

« Outra vez olhei... as chammas tinhã) conqui-
« tado toda a casa... phantasmas de fumo differ-
« dião as portas... o instincto da conservação me
« empurrava para longe d'aquelle inferno... ge-
« neroso pensamento de salvar a moça ia apagar-
« se...

« E a mãe da desditosa chorava... pedia... man-
« dava... bradava convulsa e delirante...

« Seo grito era um... unico... cruel, e despe-
« daçador... sempre o mesmo, e mil vezes repetido.
« ella bradava:

« — Minha filha!

« Oh!.. mas aquella dor de mãe cahio no me-
« u coração, e se espãhou na minha alma... lem-
« brei-me de minha mãe! e beijando o anel de seus
« cabellos, gritei — eu a salvo! — e desappareci nas
« chammas.

Eu ouvi o susurro da multidão, que se espanta-
« va de minha temeridade... quasi suffocado....

« subi o primeiro andar... a pobre moça tinha ca-
« ido desmaiada... levantei aquelle precioso fardo,
« e desci...

« No. entretanto o que eu soffria era inexplicavel:
« uma nuvem de fumo densa e ardente me suffoca-
« va e me abrasava as entranhas.. aqui a escada ce-
« dia debaixo de meos pés, e eu tombava com o
« meo pobre fardo... ali bavia um caminho de bra-
« zas a atravessar com os meos pés nús.., acolá uma
« taboa caio sobre mim.., uma parede estava pres-
« tes a esmagar-nos.. oh! era horrivel!.. e só a
« bondade de um Deos, e a lembrança de minha
« mãe me derão forças... chegava-mos a porta... eu
« ia outra vez passar por um mar de chammas:
« mas.. um monstro de fumo,, immenso,, abra-
« zador... insuperavel me empurra para longe!..
« oh!.. eu senti um desespero horrivel no coração..
« minha cabeça pezava-me... minha bocca se abria..
« as narinas se me dilatavão... e o fumo, o fumo
« entrava por ellas para queimar-me! um não sei que
« brilhou diante de meos olbos.., um amor da vida,
« um desejo de salvar-me, forte, e irresistivel se
« apossou de mim... abracei-me com a infeliz moça..
« fechei os olbos, atirei-me as chammas, e não vi
« mais nada.

« Quando eu abri os olhos, achei-me n'um quarto
« decentemente mobiliado: eu estava deitado, e uma
« joven senhora velava junto de meo leito.

« A essa moça tinha eu salvado das chammas com a mi-
« nha temeridade, e ella por sua vez me salvava então
Vol. I. 10

« com seus cuidados e sua dedicação, Ella chamava-se
« Emilia.

« Graças a mil obsequiosos desvelos eu me res-
« tabeleci promptamente: o pai de Emilia alcançou
« a minha baixa; e me empregou em sua casa;
« pois que elle é um rico negociante da Bahia.

« Vendo pela minha educação por essa fraca
« instrucção que eu tinha adquerido, que só um
« grande infortunio me poderia ter obrigado a fa-
« zer-me soldado, perguntou pela minha familia,
« pelo meo passado: eu abaixei os olhos, e guardei
« silencio: o pai de Emilia respeitou o meo segredo,
« e deu-me sua estima.

« Emilia era bella, e eu sensivel: nós nos amamos;
« a gratidão de sua familia alimentou o nosso amor.
« Ao tempo coube fazer o resto.

« Em janeiro de 1842 eu estava casado com Emi-
« lia: paeece-me: que a fortuna começava a sor-
« rir-se para mim...

« Era illusão! a fortuna tinha apenas preparado
« um novo golpe para ferir-me no coração.

« Ha dezoito mezes que sou viuvo.

« Por consequencia, meo tio, agora estou livre:
« podia voltar ao Rio de Janeiro; mas ha alguma
« outra prisão, que eu não posso quebrar: é essa
« scena, que teve logar na ultima hora, que eu passei
« na casa de meos pais. Meo tio minha resolução
« é irrevogavel.

« Ein falta de um nome illustre, na carencia de
« tradições de antigos parentes, condes, marquezes,

duques, ou elevados fidalgos, nossa familia, meo
« tio, alimenta seo orgulho com a lembrança de
« certas qualidades, com a memoria de um caracter
« forte e talvez extravagante, com que sempre se tem
« apresentado todos os que tem o sobrenome, que
« eu tive.

Quando algum de meos antigos parentes se
« compromettia a alguma coisa, cumpria a promessa
« por força, quaesquer que fossem os sacrificios, a
« que devesse sujeitar-se.

« Um de meos velhos avós porque uma vez em
« Lisboa não vio o Rei, que passava, e um soldado
« lhe fez tirar o chapéo, tratando-o vilmente, jurou
« que nunca mais traria chapéo sobre a cabeça :
« viveo ainda cincoenta annos, e cumprio á risca o
« juramento.

« Um outro, sendo levado á inquisição para ser
« obrigado a descobrir um segredo que jurara
« guardar, cortou a lingua com os dentes, temendo
« que as torturas o podessem n'algum momento .
« fazer esquecer sua palavra.

« Uma de nossas antepassadas; porque seo filho
« mais velho se havia portado sem valor em um en-
« contro com os infieis, tomada de vergonha, pro-
« testou que nunca mais sabiria de seo quarto: só
« dez annos depois sabio pela primeira vez... em
« um esquife para enterrar-se.

« Meo avô e meo pai derão exemplos da mesma
« vontade forte, da mesma força de caracter.

« Dizião elles porém, que a arvore já de velha

começava a perder o antigo viço: que em vossa
« mercê começava ella a definhar; e que eu não
« era mais que um fructo degenerado.

« Mas eu quero mostrar, que se não sigo em
« tudo os passos daquelles, que me repelirão, acom-
« panho-os todavia em alguma coisa: que se não
« tenho as velhas idéas, os velhos costumes, os velhos
« prejuizos, que elles trouxerão do seculo passado, e
« querião fazer vigorar no presente; herdei delles a
« mesma fortaleza de eoração, e firmeza de vontade

« No meio de todas as extravagancias, de que eu
« proprio accuso o meo genio, sei tornar-me inaba-
« lavel n'aquillo, a que uma vez me determino.

« E pois, meo tio, eu jurei a mim proprio e
« aqui o declaro a vossa mercê para o fazer pre-
« sente a minha avó, a minha prima, e a pobre Lu-
« cia, declaro, digo, que cumprirei as ordens que
« recebi de meos maiores, executarei suas vontades,
« modificando-as apenas em um ponto para obe-
« decer tambem a minha mãe.

« Assim meo avó disse: «vai-te para sempre de
« meos olbos, e se teus piedade de nós, muda teu
« nome:» eu cumpri, e cumprirei, o que elle quiz
« pois eu nunca mais lhe appareci, e se não mudei
« meo nome, pelo menos até agora ainda ninguem
« me vio assignar o—sobrenome— que eu tinha de
« familia.

« Minha avó disse: «Torne-se em pedra o pão
« que comprares com o dinheiro, pelo qual vendeste
« os brilhantes da cruz de familia. O ladrão não

« me faça corar de vergonha apparecendo ainda
« diante de mim. O meo pão se não tem tornado
« em pedra; porque o dinheiro, com que o com-
pro, é ganho com o suor de meo rosto; mas
« cumprirei tambem a vontade de minha avó; pois
« em quanto ella se não convencer, que eu fui vil-
« mente calumniado, não terá, eu o juro, não terá
de envergonhar-se, vendo-me diante de seos olhos.

« Meo pai disse: «consume o fogo todas as mi-
« nhas riquezas, antes que tu possas tocar em uma
só moeda de meos coffres.» Não quero por tanto
um seutil da herança, que me deve caber pela
« desgraçada morte de meo avó e de meo pai:
« cedo todos esses bens para dote de minha primã,
e se vossa mercê os não quizer aceitar, divida-os
com a minha boa Lucia, e os pobres. Quanto a
« mim respeitarei a vontade de meo pai, nada que-
« rendo de suas riquezas.

E minha mãe disse:— «Vai meo filho; mas volta
« um dia com o rosto descoberto para provar tua
« innocencia.» Eis aqui emfim a ordem de minha
« mãe, que eu ainda não cumpri; mas que ainda
« espero cumpri-la toda inteira, sim, minha mãe!
« para ir, beijandó a sepultura, em que descansas,
« dizer a tuas cinzas— já tenho o rosto descoberto!
« já provei minha innocencia!

« Mas em quanto a vontade de minha mãe não
« for executada á risca não nenhum d'aquelles
« que injustamente me condemnarão me tornará á
« vér.

« R vossa mercê, meo tio, que nessa hora de
« maldições, estava tambem na sala e não pra-
« gueju contra mim; porque hesitava.... não he-
« site, e creia, que me caluniarão.

« E minha prima, que tambem ahí estava, e
« parecia nada comprehender, do que se passava
« comprehenda agora, que ha no mundo uma ser-
« pente enormemente venenosa, que morde na honra
« do homem! é a calúnia: foi ella quem me morde-
« deo.

« E Lucia, que chorava; porque sabia, que eu
« não era capaz de commetter uma acção infame:
« não se arrependa de haver chorado; ella me fa-
« zia justiça; e depois de minha mãe, foi o della
« o unico coração que eu tive, onde minha inno-
« cencia achasse abrigo.

Mas eu vejo que tenho abusado da paciencia
de meo tio; esta carta já vai sendo por demais
« extensa. Meo tio fica por ella sabendo minhas
« inabalaveis resoluções, e portanto eu a termino
« aqui. A benção de minha avó, e a amizade de
« meo tio, outr'ora as pedi eu inutilmente: agora
« só por outra maneira as pretendo conseguir: con-
« segui-las-hei. Ha porém alguma coisa, que me não
« envergonho de mandar, é uma saudade a minha
pobre Lucia.

« Cidade da Bahia..... Junho

«..... de 1844

Janro.

— E então, minha mãe, exclamou Hugo, o rapaz está louco ou não?... vão agora arranca-lo de lá.

— E faz bem em não vir, disse Emma ; porque eu me esconderia para não ser obrigada a ver-lhe outra vez o rosto.

— Mas, minha mãe, elle escreve de modo tal que custa muito a não pensar, que o caluniarão!

— Tambem tu, Hugo?..

— Minha mãe, é que ha uma força tal nas palavras deste pobre Lauro!

— Palavras!.. disse Emma, e não é este tempo de escandalo, de irreligião, e de liberdade, o tempo das palavras?.. todos vós fallaes bem, fallaes assim; mas outr'ora um só cabello da barba de um homem valia mais, do que valem os vossos mais sagrados juramentos!

— Eis ahi minha mãe mortificando-se sem razão.

— Pois não é assim?.. tantas leis, tantas constituições, tantas camaras, e para que?.. para desmoralisar o povo, para perverter a mocidade; como se perverteo aquelle rapaz até chegar a roubar um objecto sagrado!

— Porém minha avó, se fosse uma calumnia, como elle jura, que é?..

— Até tu, Honorina?.. até tu, quando foi a ti mesma, que elle roubou?..

— A mim, minha avó?... mas como eu não me lembro..

— Oh! era preciso, que não fallassemos nisso

como não fallamos, para occultar no silencio a nossa vergonha: lembrar que um filho nosso commetteo tal crime, é aprofundar ainda mais uma chaga que não pôde sarar nunca; mas emfim..... eu quero contar-te: e tanto mais que de direito te pertencia o objecto sagrado: e cuta.

Honórina chegou-se para sua avó com viva demonstração de curiosidade

VI.

A herança paterna.

Honorina, disse a velha Emma depois de empregar alguns instantes em coordenar suas idéas, foi ha muito tempo, talvez ha seis seculos passados, que succedeo o que te vou contar.

Nas immediações da cidade de Lisboa havia uma familia que se compunha de marido e mulher, cujos nomes não poderão chegar até nós, e de uma moça filha delles, que se chamava Arabella: pobre, mas temente a Deos, essa familia passava seos dias sosegada e felismente.

Arabella porém era o que dizia a terminação de seo nome: tam encantadora e engraçada, que quando passava por alguma rua os que estavam á janella gritavão para dentro das casas —lá vem ella— e todos corrião para vê-la; porque já sabião, que quem vinha era Arabella: tam carinhosa e humana, que não havia no seo bairro, quem pela ventura de Arabella não rezasse algumas orações.

Tambem nunca em tam fresca idade, pois que bem moça era, se vira unidos a tanta innocencia character tam firme, prudencia tam consumada, e tam seguro e são juizo: por isso todos a tinhão em grande respeito e estima: seos proprios pais com ella se aconselhavão nas conjuncturas difficeis, em que as

vezes se achavão: as palavras de Arabella são para elles oráculos infalliveis; sua vontade como uma ordem sancta, que com prazer à risca se cumpria.

Apezar de sua pobreza tam formosa Arabella se mostrava, que era conhecida de todos pelo nome de —rosa do Tejo—; porque o rubor de suas faces semelhava o aspecto, e a virtude de sua alma o perfume da flor.

Arabella, tinha feito dezoito annos, e via-se cercada de apaixonados requestadores, que a porfia se extremavão em dar-lhe mais altas provas do amor que os consumia, e que surda ou insensivel achando-a, corrião della para os pais, a pedir-lhes a filha.

Os pais de Arabella porém, sabendo o quanto era a moça prudente e recatada jámais fizerão por dignificar-lhe a vontade para aquillo, de que ella parecia querer fugir.

Entretanto appareceo entre os pretendentes de Arabella, um rico e joven fidalgo, que levado dos lindos olhos e perfeições da pobre moça, esqueceo-se de que alta era sua linhagem, elevados os seus teres, e descendo de seu brilhante palacio a uma rasteira casinha veio pôr seu coração de grande senhor aos pés de uma humilde aldeã.

Embalde seu muito ostentar de galas, e louçainhas, embalde seu alto despende de agrados e extremos, o grande senhor passava por debaixo dos olhos da pobre aldeã com seu amor tam mal attendido, como os outros: ainda não era a D. Ruy Vas, que devia pertencer a alma innocente de Arabella.

Mas o amor de Ruy Vas era tam ardente como puro ; e pois foi elle , a despeito das repulsas da moça, offerecer seo nome a familia della : era um partido immensamente brilhante : era um nome de fidalgo que ia cobrir o desconhecido e simples da popular: era um palacio, que se trocava por uma cabana: era um fucturo, que se offerecia, a quem não tinha passado, e só podia contar com um pobre presente. Os pais de Arabella forão entusiasmados à applaudir a filha; mas recuarão espantados ; porque ella lhes respondeo:

— Não foi para este, que eu nasci.

— Mas olha, Arabella, disse o pai, que se trata do senhor D. Ruy Vas, rico fidalgo de alta linhagem.

— Que hoje me ama, tornou a moça, que comigo casando-se me ha de ainda amar um anno; e depois se envergonhará de meos pais, e terá emfim pejo de andar comigo a seo lado.

Os pais calarão-se; porque era isso em verdade, o que havia de acontecer; mas depois a mãe disse:

— Pensa, Arabella, que feito tens deoito annos, e que é já tempo de tomar um marido, que te proteja: cumpre pois escolher um noivo.

— Eu já o tenho escolhido, minha mãe.

— E quem é?..

— Gil-Mendonça.

— Bom mancebo é elle minha filha ; mas tam pobre!

— Como eu tambem o sou, minha mãe; porém ambos nos amamos.

— Homem disse a mulher ao marido, irás levar a resposta de Arabella ao senhor D. Ruy Vas.

— Irei mulher; posto que me pareça loucura preferir um aldeão a um fidalgo; mas Arabella tem mais juizo, do que nós pensamos; e ella que assim o fez; é porque assim o devia fazer.

A vontade de Arabella foi promptamente cumprida; e ao mesmo tempo que D. Ruy Vas se sentia despeitado de sua má fortuna; tudo se dispunha para o casamento da linda popular com o feliz Gil-Mendonça.

Na vespera do casamento em derredor de uma tam frugal como alegre mesa estavam os noivos e os pais de ambos; quando entrou o fidalgo, que tentar vinha o derradeiro esforço.

Convidado a tomar parte na parca cêa, elle sentou-se comeo com boa vontade, e depois de levantados da mesa, pôz em acção quanto podia para desviar Arabella de casar-se com Gil-Mendonça e aceitar a sua mão; pretendeo chamar a seo partido os pais da moça, dando-lhes conta de suas immensas riquezas, e ganhar o mesmo Gil-Mendonça, apellando para sua generosidade e dizendo-lhe que se elle muito e sinceramente amava Arabella devia sacrificar o seo amor para vel-a feliz na posição elevada, que se lhe offercia.

Os pais de Gil-Mendonça ficaram duvidosos: os de Arabella inclinados a favor de D. Ruy Vas; porém calados; porque tinham sua filha na conta de muito

prudente e sabida, e pensavão, que tudo quanto ella fazia, era sómente o que devia ser feito.

Gil-Mendonça silencioso e com os braços crusados esperava frio e impavido a resposta de Arabella.

— Senhor D. Ruy Vas disse Arabella, eu sou reconhecida a seos extrémos; e provar quero que os não desmereço : a mulher que esquece o pobre, a quem ama, pelo rico a quem apenas estima tem coração, que com dinheiro se compra !

— Oh! não... bradou o fidalgo.

— E o coração da mulher . proseguiu a meça deve ser thesoiro sagrado, que nunca se venda, nem vender-se possa : e que só se troque por outro coração igual a elle: senhor D. Ruy Vas eu vos dedico a minha estima : Gil-Mendonça tu és o dono do meo amor.

— E tu, Gil-Mendonça , disse o fidalgo, tu que dizes ?...

— O que ella disse; respondeo o rustico.

— Pois bem, tornou Ruy Vas ; pois bem ; Gil-Mendonça , eu te dou metade de minhas riquezas , eu te armarei cavalleiro, eu te offereço duas de minhas villas, e um de meos castellos, e o mais rico de meos palacios ; mas em troca de tudo isso . tu que és dono do amor de Arabella: cede-me o seo amor.

— Mais vale, senhor D. Ruy Vas, o coração de Arabella.

— Pois tudo, Gil-Mendonça, tudo que é meo. . . . eu te cedo tudo. . .

— E' pouco ainda.

— Oh!.. dize! dize pois com que se pôde comprar esse amor; que eu aspiro e a posse d'aquella moça?...

O popular sacudio friamente a cabeça, como quem dizia :

— Amor nem se compra, nem se vende.

— E elles nem pensão no futuro d'aquella linda moça!.. exclamou o fidalgo tomando o chapéo Gil-Mendonça! pobre Gil-Mendonça! que darás tu por herança ao filho de Arabella?.. oh!.. pobreza.. sempre pobreza!..

O rosto do plebeo pareceo anuviar-se : passado um momento, elle levantou a cabeça, e disse :

— Nobre senhor D. Ruy Vas, o filho de Arabella não herdará de mim nem palacios, nem castellos, nem um collar de cavalleiro; porque plebeo nasci, e plebeo morrerei; mas aqui juro, a face de Deos, que dia e noute trabalharei por elle, e para deixar-lhe uma herança, que o livre da miseria e do infortunio.

Depois, voltando-se para sua noiva, acrescentou com voz grave, e firme :

— Arabella! a Deos o juro!

No dia seguinte Arabella era á face dos altares nupcial de Gil-Mendonça.

Alguns dias depois o nobre e leal cavalleiro senhor D. Ruy Vas tinha desaparecido das terras de Portugal: era um ioven fidalgo, que aos vinte e cinco annos de idade aborrecia o mundo....

Ao lado de Arabella Gil-Mendonça senhor de seu coração, e certo de sua fidelidade vivia feliz e sociegado: tres annos se passarão, em que elle pedia ao Céu um filho, e na esperança de vir a te-lo trabalhava com ardor indizível para preparar-lhe uma herança.

Elle não esquecia nunca o seu juramento.

E no fim de tres annos Arabella concebeo; e Gil-Mendonça festejando com enthusiasmo tal acontecimento, sentio todavia com tristesa, que se achava ainda tam pobre, como d'antes. E trabalhou mais ainda..

No fim de nove mezes Arabella deo a luz a uma linda menina, a quem pözerao o nome de Isabel.

No dia, que se seguiu ao do baptisado, Gil-Mendonça fallou a sua mulher.

— Arabella, tu tens visto, com que ardor eu trabalho, e como mal nos paga a fortuna : todos os dias parece-me estar ouvindo as palavras d'aquelle fidalgo, que te amou:—que darás tu por herança ao filho de Arabella?... — enfim tu me deste uma filha, e eu me lembro tambem, que por Deos te prometti dar-lhe uma herança: vejo, que nada faço na minha terra, e vou partir.

— Partir para onde?..

— Vou correr mundo, Arabella, e conseguirei sem dúbida uma herança para deixar-mos a Isabel.

A despeito das lagrimas e dos conselhos de Arabella, Gil-Mendonça, fez de sua roupa uma trouxa, tomou um bastão, e o chapéo, e recebendo a benção

de seus pais, beijou a sua filha, abraçou ternamente a sua esposa, e partio.

Gil-Mendonça não sabia escrever e pois não esperava Arabella noticias delle: contentou-se com chorar suas saudades consolando-se com o lindo anjinho que de suas entranhas recebera em nome do Céu.

O tempo foi correndo: os dias e semanas foram passando, depois mezes e annos, sem que chegasse noticia alguma de Gil-Mendonça.

No entanto ia crescendo Isabel: linda e engraçada como fora Arabella nessa feliz idade, sua mãe espolhava os seus antigos encantos infantis no rosto, e suas virtudes no coração de Isabel.

Com toda a sublime ternura do amor maternal Arabella perdeu primeiro suas noites velando junto do berço querido, bebeo depois enthusiasmada os sorrisos meigos e innocentes da filha de sua alma, escutou e decorou sua primeira palavra, ensinou-lhe a repetir o nome de seu pai, dirigio seus primeiros passos, e quando Isabel começou a fallar, aprendeo para logo de sua mãe a pedir a Deus o regresso de Gil-Mendonça.

Ao amanhecer de todos os dias Arabella levava Isabel pela mão á porta da rua e mostrando-lhe uma estrada, que fronteira ficava, dizia-lhe:

— Foi por ali, Isabel, que por amor de teu futuro se partio teu pai, é por ali, que elle deverá voltar: todas as manhãs viremos esperar por elle, todas as tardes tambem: no entanto, Isabel, continuava ser boa menina, para que elle te ache bonita, e te ame como eu.

E depois Arabella voltava o rosto para esconder suas lágrimas de Isabel, que poderia chorar também, e affligir assim seo coração maternal. Ainda se passou muito tempo sem que murchasse na alina de Arabella a esperança de vêr chegar seo marido e sem que este tornasse: finalmente chegou o dia do natalicio de Isâbel.

Tinhão-se passado nove annos depois que se fôra Gil-Mendonça em demanda de melhor fortuna.

Ao amanhecer Arabella, como costumava, levou pela mão a Isabel até a porta, e disse:

— Isabel, fazes hoje nove annos, ha quasi outro tanto que teu pai por amor de teu fucturo deixou-nos partindo por ali..... e é por ali que elle deverá voltar: esperemós.....

O dia se passou como tantos outros, e ao quebrar da tarde Arabella, que se sentia abatida e afflicta, sem comtudo adivinhar a causa do que soffria, recolheo-se a seo pobre quarto e mandando sua filha para a porta, ficou só, chorando em segredo suas saudades.

Isabel foi, segundo costumava fazer com sua mãe, sentar-se a porta da casa, e fitando os olhos na estrada fronteira, como não tivesse a seo lado sua mãe para repetir-lhe as palavras, que sempre lhe ouvia repetir-as ella mesma:

— Foi por ali, que por amor de meu fucturo se partio meu pai, e é por ali que deverá voltar: continuarei a ser boa menina; para que elle me ache bonita e me ame como minha mãe.

E então ella vio vir chegando em direcção a sua casa um velho peregrino, que parou a dous passos diante della.

— Boa tarde, minha menina! disse o peregrino.

— Boa tarde, meo velho! respondeu ella.

— Olhavas com tanta curiosidade para mim, que me lembrei de vir perguntar a causa.

— Ora... é que o senhor vinha pelo mesmo caminho, por onde deve vir meo pai.

— Teo pai?... e como te chamas, menina?..

— Isabel, meo velho.

— Isabel?!.. repetio o peregrino com violenta commoção; e depois continuou; Isabel, eu tenho fome. dar-me-has, que comer?..

— Sim, sim, entre: nós lhe daremos pão, ovs, bollos, e vinho.

O velho peregrino entrou, e d'ahi a pouco foi cercado por toda a familia; que lhe offereceo uma frugal refeição. O semblante desse homem era respeitavel: sua cabeça estava toda branca, sua voz era tremula, e compassada.

— Boa gente, disse elle depois de dar fim a sua alimentação, é hoje o dia, em que faz nove annos aquella menina?..

— Sim...sim... e como sabeis?..

— Eu vos trago novas do senhor Gil-Mendonça.....

Um grito de Arabella interrompeo o peregrino:

— E onde está elle?.. perguntou.

— Na eternidade, Arabella! respondeu o velho.

— Morto!.. morto!... Isabel! tu és orfã! e eu sou viúva!. miuha misera filha!...

Arabella abraçada com sua filha soluçava de um modo terrível: era a expressão de uma dessas dores profundas, que se trocaria em amargoso e despedaçador silencio, se ao pé não estivesse uma filha para desfazer-la em lagrimas.

— Minha filha! minha pobre Isabel! exclamou depois de muito tempo Arabella, que te resta agora?...

— A herança de seo pai; respondeu o peregrino: a herança de seo pai que trazer-vos venho.

Todos olharão admirados para aquelle homem,

— Arabella, continuou elle, modera tua justa afflicção, e escuta-me; vós todos ouvi-me; Isabel socega tua mãe, e attende-me tambem. Gil-Mendonça, casando-se com Arabella, jurou que á força de seo braço saberia ganhar bastante para deixar ao filho, que tivesse, uma herança, que o tirasse da miseria e do infortunio. Trabalhando sem descançar, trahalhando com ardor admiravel, Gil-Mendonça não deo um passo avante, e no fim de tres annos o Céu lhe havia concedido uma filha; mas elle achava-se ainda tam pobre como d'antes. Então entendeu, que lhe cumpriria ir buscar em outras terras a fortuna: deixou patria, esposa, filha e familia, deixou tudo, e com sua vontade de ferro no coração vagou pelo mundo oito annos; mas parece que sua estrella o tinha condemnado a ser pobre, de modo que haldados todos os seus esforços, elle se via sempre o mesmo, tendo por unicos bens a trouxa de seus vestidos, e o bordão de peregrino.

Sempre animoso, sempre trabalhando elle correo a Hespanha, a Italia, grande parte da Allemanha, e voltou de novo a Italia, entrou na França, sem que a fortuna lhe tivesse sido um dia menos adversa. Ha seis mezes passados enfim elle estava em Provença, e se dirigia a cidade de Aix.

Passava perto de uma ermida, vio sua porta aberta, e a ella se dirigio para offerter suas orações ao altíssimo. Dentro da ermida havia sussurro; e passavão-se scenas de horrivel profanação. Gil-Mendonça entrou; e ficou pasmado do que via: o altar estava destruido, imagens sanctas feitas pedaços rolavão pela terra... homens furiosos... uma horda de demonios em delirio, que em uma mão trazião um facho, e na outra um machado, parecião querer levar a destruição inda além.

Erão os manicheos, os devastadores dos temp'os e das imagens, os genios de destruição, e do horror!

Um pobre e velho eremita, um desgraçado munge, coberto de cabellos brancos, e meio caído em um canto da ermida se abraçava com ardente devoção com uma pequena e santissima cruz de ouro que tinha arrancado do altar, destruido logo depois, para assim salva-la das mãos sacrilegas dos manicheos.

Esse velho indefeso e inermc estava cercado por vinte miseraveis, que contra elle despejavão pragas, maldições e ameaças.

— Tem ainda uma cruz nas mãos! exclamou um delles, seja quebrada! seja destruida!

— Não! não!. não. exclamou o pobre monge, matai-me antes! ..

Mas uma onda de manicheos cahio sobre elle, e um desses monstros arrancou-lhe a cruz d'entre as mãos.....

O monge caio de joelhos, e levantando as mãos para o Céu, pôde apenas exclamar:

— A cruz de Jezus Christo!. .quem salva a cruz de Jezus Cristo!?.

O Sacrilego, que arrancara o saneto lenho das mãos do monge, estava a dous passos de Gil-Mendonça, em quem os manicheos não tinhão reparado: e levantava uma pedra para quebrar a cruz; quando com voz de trovão Gil-Mendonça bradou:

— Judeo! pára!..

Sua voz resoou terrivelmente no seio da ermida: uma multidão de braços se levantou contra elle.... mas Gil-Mendonça sem exitar descairegou o seo bastão sobre a cabeça do sacrilego, e ao mesmo tempo, que este caia desanimado elle se apossava da cruz. Então os manicheos avançarão sobre Gil-Mendonça, que nobremente defendeo-se; emfim cercado de todos os lados, depois de ferido cem vezes, tendo sempre a cruz em seo peito, e já tinta com seo sangue, o valente christão caio debaixo de tantos golpes; quando tambem uma centena de religiosos agricultores entrando na ermida começarão a bater, e lançar por terra os manicheos.

Meia hora depois os sacrilegos tinhão sido completamente postos em fuga, deixando muitos dos seus

companheiros mortos: no meio desses cadáveres o monge foi levantar o frio corpo d'aquelle, que sacrificára sua vida em deffesa do sanctissimo lenho.

Gil-Mendonça ainda respirava, e com força indissolvel apertava a cruz contra o coração.

Graças aos cuidados, que lhe forão prodigalisados, elle abriu os olhos, vio ao pé de si o monge, e pôde fallar: contou então em poucas e entrecortadas palavras a historia de sua vida: disse ao Monge o nome de sua mulher, e de sua filha, ensinou-lhe o logar, onde moravão, e concluiu dizendo:

— Monge! eu vou morrer; mas esta cruz é minha! esta cruz é o fructo de perto de nove annos de trabalho! esta cruz é a herança, que deixo a minha filha: ella será feliz. Monge, tu me deves talvez a vida, serve-me pois, no que te vou pedir: irás a Lisboa, sabes já onde morão meos parentes: de hoje a seis mezes faz Isabel nove annos, tens cento e oitenta e um dias contados para lá ir: tu, lhe entregarás nesse dia, a cruz, que passo agora a tuas mãos, dizê-lhe, que foi resgatada com o sangue e com a vida de seo pai, que lh'a deixa por herança.

Uma herança havia eu jurado legar-lhe.... herança, que a pòzesse a salvo do infortunio e da miseria..... perto de nove annos trabalhei para cumprir meo juramento ... eu buscava ouro... ouro para minha filha... e graças a Deos, eu deixo mais do que ouro, mais do que tudo.... a ella... e a todos os meos descendentes. Essa cruz deyerá faze-los felizes!.. protegerá a innocencia e a fraqueza!... dizê

a minha filha, que sempre que nascer para o futuro uma herdeira do nosso nome, se lhe entregará a cruz, quando fizer nove annos, até que venha uma nova herdeira, e complete tambem essa idade..... Monge... a herança de minha filha é sagrada!... cumpre, o que te peço..... leva minhas despedidas a meos pais.... a Arabella... e a Isabel. e emfim... reza por minha alma....

Gil-Mendonça deixou então cair a cabeça, e expirou: o monge rezou duas horas ao lado de seu cadaver, e erguendo-se depois, disse em voz baixa

— E elle morteo sem reconhecer-me!

Agora Isabel, tu já ouviste as disposições de teu pai; recebe pois a herança, que te pertence.

E isto dizendo o velho peregrino tirou do seio uma cruz de ouro, que entregou a Isabel.

Toda essa historia tinha sido ouvida com a maior attenção, no mais profundo silencio. No fim della, a cruz foi por todos beijada, e o pranto da familia recommçou.

Ao amanhecer do seguinte dia o velho peregrino abençoou a triste familia, e partio para mais nunca voltar.

Quando, ao quebrar da estrada a casa de Arabella tinha de desaparecer para sempre a seus olhos, o peregrino voltou-se, e limpando duas grossas lagrimas, disse;

— E Arabella vio-me!.. ouviu-me!.. e não me reconhece!...

E esse monge, cujos cabellos estavam completa

mente brancos,.. esse monge pallido.. magro... com o rosto, enrugado... as mãos tremulas... o andar mal seguro... esse monge, que todos julgariam octogenario....., tinha apenas trinta e oito annos.

Oh!...é porque ha alguma coisa que envelhece e gasta o homem ainda mais do que o tempo..... é a paixão desgraçada. que não se estingue nunca... que escondida no fundo do coração. acabrunha o espirito e muda o aspecto do homem.

E aquelle monge.....

Gil-Mendonça esteve nos seus braços.... viu-o.,. ouviu-o.... e não o reconheceo!

E esse peregrino.

Arabella hospedou-o em sua casa.... viu-o... ouviu-o.... e não o reconheceo!

Nunca mais se tinha ouvido fallar, e mais nunca se fallou em D. Ruy-Vas.

VII.

A cruz da familia.

Sibida tinha sido a attenção, com que Honorina escutava aquella velha historia; espalhou-se no seo espirito ardente e romanesco aquelle firme e inabalavel proposito de um homem, que a todo o custo queria uma herança para sua filha, e que exotado de seos lares pela má fortuna, foi correr mundo, até que a preço de seo sangue e vida conseguiu haver e deixar a herdeira de seo nome um legado tam novo, como sancto: achára em fim echo em seo coração esse amor puro e nunca vencido de rico fidalgo; que por não aceito pela pobre aldeá, olvidára nome, riquezas, e mundo, eremita se fizera e em tam poucos annos tanto o pungira sua paixão vehemente e desgraçada, que lhe enrugara o rosto, que lhe tornara grizalhos os cabellos, e prematuramente o envelhecera por tal modo; que nem seo proprio rival, nem sua antiga amada póderão conhecer no habito de eremita o antigo senhor D. Ruy-Vas,

Passados alguns momentos, e quando ainda duas lagrimas, mimosas perolas de ternura alvejavam pendentes nos negri-tongos cilios da bella moça, Emma proseguio, dizendo:

— Eis ahí pois, Honorina, a origem dessa cruz,
Vol. I.

que em tão grande amor, e devoção tínhamos . e que tanto devemos eternamente chorar.

« E certamente ; uma sagrada cruz arrancada por semelhante maneira das mãos de homens loucos e feroces , tinha de ser o talisman protector dos descendentes desse homem, que seo sangue derramara, e déra a sua vida para não ve-la menoscabada.

« E assim foi, porque, minha filha, Deos não se esquece d'aquelles que delle se lembrão, e nelle confião.

« Desde que o sagrado lenho entrou em casa de Arabella a ventura começou a sorrir-se para sua familia as privações forão desapparecendo, como por encanto seos bens se augmentarão de dia em dia, e o socego e o prazer presidirão de mãos dadas a corrente de seos annos.

« Os desejos, e a recommendação de Gil Mendonça forão completamente satisfeitos : a cruz de sua filha fez-se a cruz da familia a cruz que aos nove annos de idade recebia a herdeira de seo nome : essa obrigação comprio-se religiosamente durante talvez seis seculos; essa herança chegou ainda até nos puros, como a tinha recebido Izabel de Mendonça.

« E nunca uma herdeira dessa cruz houve, que não passasse vida feliz e socegada.

Emfim, forçados pelo imperio das circumstancias, nós que jámais havíamos deixado nossa patria, viemos buscar seguro azilo na terra de Sancta Cruz, fugindo dos horrores, da destruição, e da impiedade, que a todos os cantos da Europa levava a espada terrivel de um monstro que se chamou Bonaparte.

« Alem de um tam cruel desgosto um outro, Honorina, me acompanhava. Eu não tinha tido se não dous filhos : o Céu me havia negado uma herdeira para a cruz da familia ; casamos pois a Raul de Mendonça , nosso filho mais velho ; porém o primeiro fructo desse hymenêo, foi ainda um varão , e minha nóra não concebeo mais : restou-nos uma unica esperança, era Hugo . nós o casamos tambem, e graças a Deos, Honorina, um anno depois desse casamento, nasceste tu para socegar-nos, para ser a herdeira da cruz da familia.

Suspendeo-se por um momento Emma na relação que fazia, e voltando-se para Hugo, disse com voz pausada e grave :

— Hugo, eu heide dizer tudo o que penso, e que sinto a Honorina ; se te não achas disposto a ouvir-me , ou se temes incommodar-te com o que vou dizer, será melhor que te retires.

— Pois bem, minha mãe, respondeo Hugo sorrindo-se, eu me vou para deixar-lhe em completa liberdade : Honorina fará justiça a seo pai.

Logo que Hugo sahio, Emma continuou,

« O mundo, minha filha, tinha passado, estava e está passando por uma revolução espantosa ; revolução que nada respeita, desde a politica e a religião até mesmo as mais nobres e generosas crenças de ideias individuaes. Demonios eloquentes, pennas temperadas no fogo do inferno tinham annos antes espalhado, e pregado, segundo mil vezes me repetto o meo sancto confessor, principios fataes a humanidade,

desorganizadores dos thronos e do altar : maximas ardentes e perigosas erão offercidas ao povo, e como insensavão sua vaidade, forão bebidas. e aceitas com entusiasmo por muitos : um vulcão se preparava vulcão horrivel, que rebentou primeiro na America. que logo depois prorompeo em França, e de qual se resentio o mundo todo : depois a diante da infernal propaganda, na frente da impia cruzada appareceo esse flagello inqualificavel, essa vingança de Deos, chamada Bonaparte, que fez estremecer os temp'os do Senhor, e os thronos dos reis ; que reitou com ondas de sangue humano a arvore da impiedade: enfim esse homem succumbio , depois de triumphar mil vezes ; porém as idéas que elle replantou com a ponta de sua espada germinarão e vegetão ainda hoje !

« Uma palavra mentirosa , mas de fogo embriagava os homens ; era ella — liberdade ! — em nome da liberdade os grandes homens subião a infamantes patibulos.... esgotavão-se os cofres publicos.... commettião-se horriveis sacrilegios... desterravão-se e exterminavão-se modestos religiosos!.. ninguem mais se suppoz pequeno ; uma outra palavra tambem mentirosa, mas tambem de fogo, fazia gigantes os mais despresiveis annões .. era ella ;—igualdade!

« Ninguem concebe quantos milhões de victimas se tem sacrificado nos falsos altares desses dous idòlos do fumo.

« Como precisa consequencia de tam nefandos principios o genio do mal para alimentar e dar

mais intensidade ao facbo da anarquia vomitou sobre e contra nós a liberdade da imprensa... maquina de calumnias, e de intrigas., veneno dos espiritos., guarda avançada das révoltas.

« Tudo mudou. Os meninos deixarão de aprender a rezar para ler periodicos, e disculir prezumidos direitos do homem: os operarios abandonarão suas fabricas para cuidar em elleições: a plebe immunda e perigosa agitou-se radiosa e triumphante em todas as nações.

« A peste chegou até o Brasil: esta nação, creança, que ainda mal andava sustida pelos bracinhos, levantou orgulhosa a cabeça, dizendo que era um gigante, que não corria porque lhe atavão as pernas; que era uma aguia, que não voava porque lhe prendião as azas; que queria que havia de caminhar só e livre: e, o que é mais, Monorina, um Principe, um homem, em cujas veias corria o sangue mais nobre do mundo, foi o mesmo que cheio de mal empregado enthusiasmo e bravura tomou a dianteira ao povo bradou — independencia ou morte! —

« Portanto a embriaguez se tornou mais notavel. As idéas deste seculo pervertido são contagiósas: povos inteiros padecerão o mesmo mal; o Brasileiro não podia formar excepção.

« E pois não se fallou mais aqui, senão em liberdade, camaras, Deputados, e constituição....

« Os velhos se tornarão ereanças... os meninos não tomarão mais a benção a seus pais... as moças despre-

zarão os véos da modestia, e a vida socegada da solidão para ir com o rosto bem á mostra, e carregadas de adornos e de modas indecentes dançar em sarãos, onde a licença, e o desregramento tomára o nome de civilisação, e de progresso!

« Tudo isso foi devido á liberdade....

« A peste entrou tambem em nossa familia: teo avô, teo tio, e eu nos conservamos firmes em nossos antigos principios, com as bellas inspirações de nossos antepassados; desprezando todos esses erros, detestando todos esses crimes da época, todas essas mentiras de liberdade, igualdade, direitos de homem, constituição, e não sei que mais! tendo finalmente por gloria unica ser-mos sempre devotados ao—altar e throno—e mais nada,

« No meio de nós porém levantava-se uma cabeça de louco, e creava-se um coração de serpente.

« Teo pai, Honorina, apezar da educação que lhe demos, e dos exemplos que sem cessar lhe offeresiamos, tinha-se feito sectario das novas idéas: era um liberal delirante, que trouxe no braço sua legenda como na cabeça suas loucuras; que com vezes se enfeitava com flores e folhas para ir bramar nas praças, para tomar parte nas orgias do povo desenfreado.

« Era uma cabeça de louco.

« E o filho de Raul teo primo Lauro Honorina, desprezando os conselhos de todos nós, a despeito dos castigos que seo pai lhe fazia soffrer, eedendo a seo genito inquieto e desgraçado, crescia cor-

rendo pela estrada da perdição. Vivo e sagaz, travesso e imprudente, como nenhum outro; sempre cheio de resolução e audacia, possuindo talento e habilidade em alto gráo, poder-se-hia fazer d'elle um grande homem, se o tempo em que vivemos não bastasse para perverte-lo: tentamos aproveitá-lo, e o fizemos estudar, comprehendia suas lições com facilidade espantosa, progredia rapidamente; mas ao mesmo tempo oppunha-se com reprehensivel obstinação as idéas de seus mestres, quando não lhe agradavão: ria-se diante delles, se os ouvia dizer o que elle chamava um absurdo: abandonava as aulas para passar horas inteiras nas galerias da camara dos deputados; decorava os discursos mais vehementes, e arremedava os oradores mais fortes: em fim mesmo em minha presença atrevia-se a combater e a zombar de minhas nobres crenças, a que elle ousava dar o nome de—prejuizos dos seculos de escravidão, e ignorancia!

Era um coração de serpente.

“ Não: nem os avós, nem o pai desse menino protegerão com criminoso desleixo ou estúpida indiferença os erros filhos de sua má indole; mas elle tinha uma mãe... indulgente como quasi todas; uma mãe, que o amava estremosamente, que fechava os olhos a suas faltas, e que finalmente, sem o querer, cooperou para sua perdição....

Ao correr dos seus des-c-seis annos esse menino tinha concluido seus estudos preparatorios, e redobrado a viveza, a resolução, e audacia, e a insolencia, que lhe erão naturaes.

Estão... a serpente mordeu-nos.

Tu, Honorina chegavas a época feliz dos nove annos... De antemão nós fruíamos o prazer de ver brilhar esse dia, em que a cruz da familia tinha de passar ás tuas mãos....

Mas eu nunca me enganei... eu tive presentimentos, de que uma grande desgraça estava prestes a cair sobre ti.... sobre nós... Essa desgraça foi preparada por teu próprio pai.

Sentindo aproximar-se o dia de teu nono anniversario, Hugo declarou-nos, que queria mandar ornar a cruz da familia com preciosos brilhantes: teu avô e teu tio Honorina, applaudirão essa idéa. porque pensavão demonstrar assim o muito apreço em que tinhão a sagrada cruz, e porque tambem isso satisfazia a ternura com que te amavão todos.

Fui eu a unica que me oppuz: eu sempre entendi que cumpria conservar pura e intacta a nobre herança havida de nossos avós, a nobre herança de Izabel deixada por Gil-Mendonça. Mas que podia uma triste mulher contra todos os parentes?... Foi com lagrimas nos olhos que eu vi levarem a cruz da familia...

E chegou o dia de teu nono anniversario.

Todos nós jantamos reunidos: duas unicas pessoas, que não tinhão o nome de Mendonça jantarão conosco, Lucia, que dera de mamar a teu primo Lauro, e a tí, e Felis, que é hoje o guarda-livros de teu pai; pobre e desvalido moço, a quem por compaixão recebemos para nossa casa, e que nos tem sabido pagar com admiravel gratidão.

Acabado o jantar, Honorina eu te chamei para junto de mim, todos vierão cercar-me, e ouvirão-me repetir a historia da cruz que ias receber e que consequentemente foi lançada em teu pescôço,

Tu, Honorina, posto que contassess nove annos, eras innocentinha, como uma pomha; porque, em falta de tua mãe. (pois já a tinhas perdido,) nós, teos avós te guardavamos; e zelavamos sobre a tua educação para que teu pai te não enlouquecesse com suas extravagantes idéas.

Innocentinha por tanto, como eras, tu beijaste a cruz com alegria infantil, e sem ainda comprehender o valor della, orgulhosa a andavas mostrando a todos nós,

Então, Lauro te disse sorrindo-se:

— Honorina... eis uma bella cruz para ser furtada! tem ricos brilhantes, que se podem vender...

Tu, Honorina correste instinctivamente para mim; e eu respondi a teu primo:

— Lauro, tu és um louco: não se graceja sobre um objecto sagrado.

Este episodio não passou d'ahi. As sette horas da noite adormecestes, como costumavas, e a tua cruz foi em uma salva de prata depositada perto de teu leito.

As dez horas da noite a cruz da familia tinha desaparecido.

A dor, que sentimos, não se pôde descrever: e antes de procurar conhecer o ladrão, teos avós e eu, Honorina, já tínhamos adivinhado quem fôra.

Todas as suspeitas recairão sobre Lauro.

Felis, e uma velha parente nossa declararão, que o tiuhão visto entrar no teo quarto com precaução, e cuidado; que elle por algum tempo ahi se demorára, tendo tomado e examinado a cruz attentamente.

Lauro, ouvindo o testemunho de ambos, corou, e disse com sua costumada audacia :

— Tudo isso é verdade.

— E a cruz?... onde a pözeste?... bradamos nós.

— Deixei-a lá mesmo : foi sua unica resposta.

O resto tu sabes, Honorina ; a carta, que ouviste teo pai ler me poupa o trabalho de referir a scena de maldição em que eu proferi as palavras, de que elle se lembra, palavras, que nunca me arrependi de haver proferido, palavras, que repito ainda....

E a velha Emma, levantando a voz disse com força :

Torne-se em pedra o pão que elle comprar com o dinheiro, pelo qual vendeo os brilhantes da cruz da familia!... o ladrão não me obrigue a corar de vergonha apparecendo ainda diaute de mim!....

VIII.

O primo Felis.

Era a hora, em que (segundo a frazelogia das moças)-se prega o ponto-: e da costura ou do bordado corre-se para a janella. Entendamo-nos; não queremos com isto dizer, que nossa civilização esteja tam atrasada, que se imponha ainda ao bello sexo o importuno captiveiro da agulha: nada: isso não! é sómente proposito nosso fazer sentir que tinha chegado a hora feliz, em que o sol não reflecte mais seos raios sobre as janellas das casas da nossa cidade, e conseguintemente n'aquellas apparecem as elegantes e mim-sas filhas de Nictheroy.

Dona Rosinha estava, conforme o seo costume de janella, e então conversava fortemente com uma vizinha tam sua camarada, que já uma vez chegára a sustentar seriamente, que ella não era feia: sentia-se pois tão enlevada, no que praticava com o-seo pensamento-, como a chamava, que não vio entrar o seo primo Felis.

Antes de irmos por diante convém lembrar, que temos aqui dous objectos, que sendo muito communs, merecem todavia momentos de reflexão: são elles uma moça, que está de janella:- e um primo de moça bonita.

Mas é preciso prevenir tambem, que as observa-

ções, que vão ser lidas sobre o primeiro ponto, não poderão caber senão a um restricto numero de jovens, que não pólem formar regra que são tristes excepções entre as do seo sexo. E para ainda menos offender a susceptibilidade, de quem quer que seja; tratando dellas não diremos—*uma-moça*; diremos—*uma moça loureira*. -

Uma moça loureira, que está de janella, e que é de numero dessas, que sabem estar de janella, põe em acção a sciencia mais difficil do mundo, e que é ao mesmo tempo tam positiva, como a mathematica, e tam cheia de cousas nenbumas-, como a diplomacia: ella tem a vista tam segura, que pelo menear da bengalinha conbecce o joven, que vem no principio da rua; pelo tirar do chapéo adivinha se é moça ou velha a pessoa, a quem elle cortejou; e pelo cortejo, que recebe, se o padecente inda tem de voltar pela mesma rua ou não: tem o ouvido tam apurado, que pelo som da corneta, prediz o official, que comanda a guarda, que vai passar; pelo longiquo tropear de um ginete, quem é o cavalleiro, que o cavalga; e pela—boa tarde— que lhe dá a vizinha sabe para logo se ella já vio. . . . ou se ainda espera. E a mão-sinha de moça loureira, que está de janella? . . . com seos dedinhos cor de rosa falla essa mão ainda mais que um papagaio de seminario! um lenço nessa mão move-se e dá mais signaes, que o telegrapho do castello; uma rosa ou um cravo entre seos dedos é mais brilhante, que a fogueira de Sesto; mais eloquente que um discurso de Mr. de Lamartine.

E uma moça loureira não perde nada; antes de tudo tira partido nessa posição: se por exemplo apanha um maninho, um sobrinho, uma creança emfim de poucos mezes..... que de caricias não recebe o pobre innocente!..... ensina-lhe a dizer adeos com a mão-sinha.... abraça-a mil vezes... e em conclusão a creança não é mais, do que um trufo, no qual se embarca uma bisca.

E se ha loureiras, como ella?.. misericordia ! isso sim é, que é maçoneria, onde não penetra o vulgo profano: fazem ellas um tratado de alliança tal, que deve muito bem causar inveja a todos os diplomatas das quatro grandes potencias : a mais sôna dellas vale o dobro do principe de Meternich. Velha ou moça, que passa, não vai sem soffrer uma analyse critica e miuda de todos os seus vestidos, e a enumeração de todas as imperfeições de seo fisico: velho ou moço, que tem a desgraça de por ali fazer seo caminho, não volta o canto sem levar nas costas a sua alcunha: e os senhores apaixonados têmão tambem paciencia; será bom que vão passando com a certeza, de que, se as queridas lhes perdoão, as vizinhas não pôdem deixar de lhes fazer ao menos uma careta-, de dizer ao menos-que tollol!-. Ainda o que vale, é, que as vezes taes enredos, e ciumes se levantão entre ellas, que mutuamente se beliscão, e se atrapalhão, que faz gosto ouvi-las, e ve-las de tão lindamente arrufadinhas, que ficão.

Julga muita gente, que logo que olha para a moça loureira que está de janella, pôde dizer, a respeito

de que está ella pensando, do que ella cuida e o que ella sente: pois ellas riem-se! e riem-se com rasão; porque lá dos segredos da arte das janellas ainda ninguem tocou o fundo. Os vaidosos acreditão ter comprehendido assás, por haver tirado as seguintes consequencias:

1.^a Moça que estando de janella tem os olhos fitos no lado do mar, é porque espera, que venha alguem desse lado.

2.^a Moça, que não conversa com as vizinhas, que olha ora para baixo, ora para cima, sempre cuidada e suspirante, é porque não sabe por onde surdirá um rapagão, que por ciumento, ou adoidado não tem nem hora, nem ponto certo, em que appareça.

3.^a Moça sentada á janella com a face pousada sobre a mão— tem saudades.

4.^a Moça, que quando sente vir o predilecto da parte de cima, fita os olhos no lado debaixo, e ao senti-lo defronte de sua janella, faz com a cabeça um movimento, formando um arco de circulo e olha para a parte, donde elle veio, fingindo não te-lo visto— está de arrufos.

5.^a Moça, que ao vêr aproximar-se o joven que a requesta, volta-lhe as costas, e foge para dentro— morre por elle.

Mas basta de fallar em janellas, e já que por demais foi longe a reflexão sobre tal ponto seja em compensação ligeira, a que tocar aos primos.

Um joven primo é pouco mais ou menos o espi-

rito maligno em forma humana, calçando botas, e vestindo casaca: ha uma tal queda para os primos, que se faz preciso andar sempre com os olhos bem abertos sobre elles.

Um joven primo foi uma creança, que brincou o tempo será-com as primas, que chamou a uma dellas minha mulher, e foi por essa chamado meo marido; que se acostumou desde então a entrar na casa dellas sem baier palmas, que faz quadrinhas para os lenços dellas, que é o compadre de suas bonécas, e que agora ou é desses, que fazem garbo da liberdade que tem com as primas, e a vista de gente grita corre, e patusca com ellas, e então não passa de moço de-bom tom—fogo de palha—casca de grande cousa com amago de cousa nenhuma; ou pelo contrario é um primo—com cara de tollo—, que não perde terço, nem novena, que reza muito na presença dos tios, e tem um oratorio em casa, onde faz festas aos sanctos de sua devoção, e que emfim em noites de reunião em casa das primas, em quanto ellas palestrão, dansão, e se divertem, elle se deixa ficar em um dos cantos da sala, bocejando e coxilando, uma vez por outra dando tabaco ao tio espivitando as velas, e indo ajudar as primas a preparar o chá.

Esta é que é a casta de primos mais perigosa no seio de uma familia, do que um doente de sarampo ou bexigas.

Felia. a quem de antes conheceremos; pois que já
● encontramos almoçando com a familia de Venauz

cio, é um primo do primeiro genero: perdido de amores por sua prima Rosinha, tem mais ciúmes della, do que uma creança do collo de sua mãe: Rosa que o vê com olhos, de quem quer cazar. e que além disso é moça entendida em negocios diplomaticos, o julga um moço, que em falta de outro, lhe poderá servir para marido; e por consequencia, segundo a tactica, que em outras pôde ser observada, nem o despede, nem se deixa dominar; traz-lo atraz de si, como o seu gatinho; se o vê exasperado e disposto a fugir-lhe, sorri-se para elle, e assim o amansa, e o faz beijar-lhe os ferros; se o observa muito altaneiro, e confiado em sua constancia, não olha para elle um dia inteiro, e o põe com o juizo em voltas, e a esperanza em alarma. Já se vê por tanto que Felis pertence ao numero dos tollos de amor.

Pois elle não se quiz fazer annunciar: com toda a sua perigosa liberdade de primo, entrou pé por pé para a sala: vendo aberto o piano, em que tantas vezes tocava a sua querida Rosinha, o foi beijando tecla por tecla.... já tinha lambido metade do teclado quando se lembrou de causar um-susto-á prima, que no fervor da sua conversa com a vizinha, não o havia ainda percebido; mas não tardou a mudar de resolução e encobrendo-se atraz de um aparador, dispoz-se a escutar, o que dizião as duas.

— Mas meo pensamento, perguntava nesse instante a vizinha isso é sempre assim?..

— Sempre assim de tres dias a esta parte!... foi

ha tres dias a primeira vez, que o vi, e desde ~~então~~ tanto eu o amo, como minha mãe o mostra aborrecer.

— Amar ha tres dias?... pensou o ciumento do primo, ha tres dias vio ella Octavio no theatro!... mas como é, que a mãe o detesta, e o manda convidar para o saráo?...

E prestou dobrada attenção.

— Mas porque tanto odio, meo pensamento?..

— Porque diz, que é indigno de mim, e que eu me não devo occupar com elle: oh! isto já me aborrece!... talvez, que em breve vá descansar.

— Sim!.. estimarei bem.

— Sou capaz de em menos de dous mezes estar casada com meo primo Felis.

— E elle que te hade amar tanto!

— Por certo: morre por mim.

— Disserão-me, que é excessivamente ciumento.

— Sim.... sim.... mas embora; ainda quando lhe não tivesse amor algum casar-me-hia com elle só para ver-me livre do máo genio de minha mãe: ora... só o odio, que ella vota ao meo querido...

— A quem?.. a teo primo?..

— Não: quando eu digo— meo querido—, deves adivinhar, que não é a meo primo, que me refiro.

— Ah!.. disse a vizinha de dona Rosa; porém como ainda me não disseste o nome.....

— E' que o seo nome não tem nada com o amor, que eu lhe tenho.

Felis começava a sentir-se cada vez mais curioso.

— Pois hem, continuou dona fiosa, como te eu dizia, minha mãe vota-lhe um odio de morte: diz que por causa delle, não coso, não bordo e não estudo pianno ha tres dias.

— Que injustiça!..

— E' verdade! então elle, que gosta tanto de me ouvir tocar!.. uma vez quando levantei-me do piano, elle estava ao pé de mim, sem que eu saiba ainda, como pôde entrar na sala; e sahés o que fez?.. beijou-me a mão.

— Que amor! disse a amiga.

Felis já estava realmente incommodado.

— Ah! está! não diria isso minha mãe: não sei, porque o detesta; ainda hontem depois de ralbar comigo, e de amaldiçoa-lo, perguntou-me affectando um sorriso ironico:» porque te não casas com elle?..

— Que máo genio de senhora!

— Ainda mais a todo o momento o chama desenhado, e feio.

— Outra injustiça, não é assim, meo pensamento?..

— Sem dúvida; e respondo chamando o teu testemunho: dize, meo pensamento, serão feios aquelles olhos vivos e travessos, será feio aquelle rosto redondo e branco?.. serão feios aquelles pés tam pequeninos, e feias aquellas mãos tam finas e tam macias?... oh!.. como deixar de amal-o?....

— Bem se vê, que tens toda razão.

— Sim!. eu o amo...amo-o, e muito! será um capricho, uma loucura; mas não posso passar sem

elle... eu dou-lhe os meos sorrisos de dia, e sonho com elle de noite!..

— Que paixão, meo pensamento!..

— E o mais é, que eu entendo, que tenho todo o direito de amar, a quem bem me parecer..

— Eu tambem sou da sua opinião, meo pensamento: a vontade do cidadão é livre.

— Pois não é assim?.. não se falla tanto em direitos e garantias?.. quanto a mim o direito e a garantia da mulher é amar, a quem lhe agradar.

— Apoiado! meo pensamento, apoiadissimo.

— Por consequencia minha mãe não me pôde coagir a não amar ao meo querido..

— Não, de certo; isso seria uma suspensão de garantias ..

— E por tanto hei-de ama-lo sempre, e cada vez mais..

— E fará muito bem.

— Quando vier tocar piano. deixarei a porta da sala aberta para que elle venha ouvir-me... e beijar-me a mão..

— Isso... isso...

— Em todas as tardes, em quanto minha mãe dormir a sesta, elle e eu havemos comer no mesmo prato, do melhor doce, que tivermos em casa..

— Assim, assim, meo pensamento.

— E apesar de minha mãe hei-de sempre achar meios de acaricia-lo, e de gozar suas caricias; ao levantar-me da cama.... durante o dia... de noite mesmo procurarei ve-lo.. mostrarei, que o amo.

— Ora está como deveríamos ser todas nós... fortes... decididas ...

O infeliz primo Felis já se não podia suster... suava ciúme por todos os poros de seu corpo.

— Agora minha mãe para affligir-me diz, que quer vêr, se quando eu me casar e for dona de casa ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com elle.

— E tu que pensas.

— Penso que posso muito bem depois de casada amal-o, como agora; penso que terei tempo de me occupar delle sendo mesmo dona de casa; penso enfim, que me será facil conseguir, que meu marido o ame tambem.

— Eu tambem julgo tudo isso muito possivel e natural.

— O meu querido!.. o meu querido!.. prosequio dona Rosa; ah!.. mal pôdes conceber o susto que por causa delle passei ainda ha pouco: eu te conto; minha mãe mandou-me estudar a lição de piano, eu vim e apenas tinha tocado a introdução de uma peça, entrou elle pela porta da escada, que estava aberta, como agora, e segundo seu costume de tres dias, veio encostar sua linda cabeça no meu collo para ouvir-me tocar; mas cinco minutos não se haviam passado, quando senti os passos de minha mãe ah! não tive tempo, senão de entrar na alcova, e de escondel-o atraz das cortinas do leito... então elle que é tam medroso!..

— E depois,

— É depois minha mãe não me deixou mais; vim para a janella para não faz-la desconfiar, e se o meo querido ainda não fugio vou agora dar-lhe escapula.

E dona Rosa voltou-se para ir abrir a porta da alcova, quando Felis ergueo-se e mostrou-se pallido, tremulo e desfigurado.

— Oví tudo! .. balbuciou elle a custo.

— Senhor!. meo primo!.. exclamou a moça.

— Digo, que eu estava ali, continuou o infeliz ciumento com voz rouca e sinistra estava ali e ouvi tudo!.. tudo!..

— Que quer dizer?... perguntou dona Rosa confusa.

— Quero dizer, que se ha uma mulher, que reuna em si quanta perfidia, quanta ingratição, quanta astucia..... e vileza tem vomitado o inferno, essa mulher..... é a senhora.

— Senhor!..

— E a prova, do que eu digo está bem perto de nós... vai mostrar-se já; porque eu vou abrir a porta desta alcova, e o infame ha-de apparecer para logo depois sair d'aqui..... comigo.

Dona Rosa soltou uma rizada de escarneo.

— Escarneça!.. escarneça!.. mas o escarneo, que me está lançando, ha-de ser lavado com o sangue do covarde!

E Felis dirigio-se á porta da alcova.

— Um duello?! exclamou dona Rosa com indisivel expressão de ironia; um duello?... nunca o acreditei tam intrepido.

— E será um duello de morte!
— Vergonha, a quem recuar! disse a moça.
— Não serei eu! bradou Felis enfurecido.
— Vergonha, a quem recuar!.. repetio a moça
abrindo em par as portas da alcova.

Felis avançou furioso para o leito.....

Com as mãos tremulas correu as cortinas....

Olhou com olhos flamejantes de colera....

Soltou uma gargalhada.....

E entrou de novo na sala trazendo o seo rival
nos braços.

O querido de dona Rosa era o seo cachorrinho;
o seo branco e felpudo dogue.

IX.

Noites de vesitas.

Felis com o dogue nos braços alcançou para logo o perdão das parvoices, que havia dito a Rosa, que recebeu, apertou contra o peito, e beijou cem vezes o feliz e felpudo animal-sinho, pelo que já o padecente primo começava a fazer uma quadrinha imitante de outras por elle lidas e principiava a dizer assim:

Quem me dera ser cachorro

Para...

Quando foi estagnada sua veia poetica pela repentina chegada de Thomasia, que ouvindo as risadas que ha pouco tinham soado, vinha pedir a explicação dellas: encontrando o dogue nos braços de sua filha, seo rosto tomou expressão de colera; mas cedo rio-se tambem com a melhor vontade, sabendo do qui-pro-quo de seo sobrinho e em louvor de tal prometteo a Rosa fechar os olhos a sua paixão pelo cão-sinho.

Felis que já se achava mais a sangue frio reparou então que alguma novidade devia haver na casa de sua tia: a sala estava cuidadosamente ornada; haviam flores frescas nos vasos, e veias ainda virgens nos castiçaes: as duas senhoras mostravão-se vestidas no ultimo apuro da mais affectada simplicidade.

— Então que quer dizer isto?.. perguntou elle .
minha tia eu aposto que se esperarão vizitas aqui!

— E ninguem será tam louco, que queira perder
apostando contra tí, respondeu Thomasia sentando-s
com um cuidado admiravel para não amarrotar o
vestido.

— Mas quem são portanto as pessoas que se
devem mostrar hoje?.. eu quero saber, se me cumpre
fugir ou ficar.

— Fica, fica, meo Felis, ao menos para me ajuda-
res a soffrer com paciencia as parvoices do Sr.
Estanislão, de sua terrivel metade, desenhabida filha,
e malcriado filho.... eu bem me não quero me-
ter com semelhante gente..... são as amizades de
meo marido.

— Porém, minha mãi, disse Rosa, em compen-
sação meo primo apreciará a sociedade de dona
Mafalda, que sem dúbida traz com sigo a lindeza
de sua sobrinha.

— Fico, minha prima, fico: ainda que seja só
para ouvir dona Mafalda, e vêr dona Ignacia.

— Pois o que tem de bom ouvir-se dona Mafalda,
perguntou Thomasia.

— Muito, tia-sinha, ella sabe e conta a chronica
dos mortos, dos vivos, e até dos que ainda estão
para nascer.

— E o que tem de bom vêr dona Ignacia, in-
quirio Rosa sorrindo se de ante-mão.

— Misericordia!... minha prima!

— Ora... estou vendo, que o senhor não a queria..

— Oh.. se a queria! mas para ganhar minha vida, andando pelo mundo a mostra-la como raridade; que carão, minha prima, que carão!...

— Quanto mais se ella não andasse de vestido tam comprido.

— Então porque?..

— Tem as pernas enormemente zambas e um pé duas pollegadas maior do que o outro.

— Bravo! que bello achado!

— Mas que é isto, meo primo que alegria é essa?..

— Um feliz achado; um amigo meo se occupa em escrever os Myterios do Rio de Janeiro, e vou offerecer-lhe em dona Ignacia uma-Cambeta—.

— Cala-te, lingua má! disse por entre rizadas de gosto Thomasia, cala-te, e esperemos todos pelas nossas visitas.

No entanto que estas scenas se passavão em casa de Venancio em duas outras casas estiverão desde as sette até as oito horas e meia da noite demonstrando toda a sua paciencia dous pobres homens martyres da moda.

Porque, em verdade, não é um martyrio; mas é a provação mais segura da paciencia de um homem, o faze-lo esperar por uma senhora, gamenha, que se veste para sair: assim como no fogo se prova o ouro e a prata, assim tambem ne-sa longa hora, em que o pai, ou marido leva a bocejar, coçar a cabeça, passear pela sala, e consultar o relógio, fica-lhe provada a sancta virtude da paciencia, e, o
Vol. I.

que é mais, são-lhe de justiça descontados boa meia duzia de seus pequenos peccados.

De ordinario as senhoras fazem voto de sair cedo de casa; pois que, principalmente entre as moças, não se conta uma só, que não beba os ares por uma noite de theatro, de visita ás amigas, ou de passeio pela rua do ouvidor; mas quando se veem defronte do toucador (aqui para nós um toucador é a caixa das moças) esquecem-se das horas que passam, e de lá se não desgrudão, sem que os pais ou maridos gritem por ellas cem vezes de cansados de esperar, que se achão.

Há no entretanto duas scenas sobremaneira apreciaveis: aqui se vê um homem, que apertado dentro de sua casaca, e enforcado por sua gravata, passeia impaciente ao longo da sala: lá uma ou meia duzia de moças, que firmes ante o toucador, dão graças a natureza; pois não ha nenhuma, que se não julgue bouita, e arengão, e gritão com as escravas e criadas, para que as apertem até o ponto de suffocal-as.

Na sala o pobre homem esclama de momento a momento: «andem, senhoras! venhão meninas! pois ainda não estão promptas?..» do toucador responde uma dellas: «já vamos, meo pai-inho! estamos pondo os anneis» e ainda lhes falta todo o animo preciso para affastar-se de defronte do feitiçeiro toucador.... e ainda ellas se occupão em beliscar as orelhas para tornal-as vermelhas, em morder os labios para fazer-los rubros em preparar certo mover nelles

para fingir um sorriso, com que derrotem, quem o merecer, e ensaiar um quebrar de olhos, com que ponhão em fino cascalho o coração mais de pedra, que lhes venha a mente conquistar.

Finalmente depois que na sala muito se esperou e se gritou: sáe a senhora do toucador, exclamando, que não se pôde aturar um homem rabujento, e as meninas confessando em segredo, que seo paisinho a medida, que se vai fazendo mais velho se está tornando mais impertinente. Ainda ao descer a escada, e mesmo da porta da rua, ellas voltão ou mandão buscar o vidro de essencia de rozas, a flor, o leque, o lencinho escollido, e outras cousinhas de que ordinariamente se esquecem para lembrar-se nesse lugar o que não deixa de ter seo merito— no grande tom.— Em resultado é sempre uma victoria de pezo o vel-as em ordem de marcha. As senhoras negão estas observações; mas..... respondão os martyres. Foi pouco mais ou menos isto mesmo, o que se passou com o senhor Estanislão, e com Bras-mimoso, que tinha sido convidado para acompanhar dona Mafalda.

As oito horas e meia da noite chegarão as visitas com differença de minutos uma da outra. Escusado é dizer, que muito tempo gastarão as senhoras em dar-se mutuos beijos, e em dizer-se mil cousinhas muito lisongeiras, de que no interior ellas mesmas se estavam rindo por havel-as dito.

Achavão-se pois presentes o senhor Estanislão com sua mulher, filha e filho: o senhor Bras-mimoso

com dona Mafalda, e dona Ignacia ; e Venancio ,
Thomasia, Rosa e Felis.

Manducas tinha ido a um theatrinho de bonécos;
divertimento de que era muitissimo apaixonado.

Depois de sentados na sala, a sessão começou ,
como era de esperar , pela apresentação da recém-
nascida, que foi traida, e mostrada a todos pas-
sando pelo collo de todas as senhoras, recebendo um
beijinho de cada uma dellas.

— Dou-lhe os parabens, senhora, dona Thomasia,
disse dona Carlota, que assim se chamava a mulher
de Estanislão, sua filha é um perfeito Cupidinho.

— E que viveza, minha senhora!.. quando me
vê já estende os bracinhos, e move com os labios,
como para dizer—mamã—: olhe— mã — já ella che-
gou a dizer hontem a tarde!... é o meo encanto....
ri-se, brinca... conhece a todos de casa... não chora
de noite... enfim, não é por ser minha filha, mas
eu nunca vi criança, como esta.

— Isso é verdade... eu nunca vi criança como
esta, disse automaticamente Venancio.

— Com quem se parece, senhor Estanislão?....

O senhor Estanislão na verdade que quando a cri-
ança lhe fôra apresentada, havia dito—que lindo an-
jinho!— mas, aqui para nós, nem de leve-lhe repa-
rara nas feições; todavia ouvindo a pergunta de Tho-
masia, entendeo, que deveria responder satisfatoria-
mente, e por isso disse sem hesitar.

— Ora, minha senhora.. basta um rapido olhar
para se reconhecer o retrato de V. S. no bello
rosto d'aquelle cherubim!..

— Então, Venancio, não te tenho eu dito, que esta menina é o meu retrato?..

— Basta vel-a, Thomasia, eu penso do mesmo modo.

— Olhem... exclamou Thomasia... olhem como ella chupa o dedo!.. que graça! que encanto!.. quer mamar, e não chora: uma outra criança já nos teria ensurdecido com seus vagidos; leva-a rapariga, leva-a com cuidado, e da-lhe de mamar: por esta vez.....

— As crianças deste tempo, disse dona Mafalda, são todas vivas, e maliciosas logo que nascem: desde que se proclamou a constituição não se vê mais criança tola.

— Tomára eu que chegasse o dia do baptisado!...

— Por fallar no baptisado; já sei que deve se achar em trabalhos com o seu baile.

— O certo é que me tenho visto doida com pedidos de convites!

— A proposito, minha tia, disse Felis, devo dar-lhe conta de minha commissão.

— De que commissão me fallas sobrinho?

— Do convite que me obriguei a offerer ao senhor Hugo de Mendonça.

— O Senhor Hugo de Mendonça?.. disse Estanislão: é o homem, de quem te fallei, minha Carlota.

— O homem, que tem uma filha, que se diz bonita?..

— Esse mesmo.

— O pai da joven, a quem chamão romantica?.. perguntou dona Rita, filha de Estanislão.

— Exactamente, respondeo Felis.

— Mas que tem ella para se chamar romantica?.. tornou Carlota.

— Eu não sei: ainda não a vi.

— Eu já tive a honra inapreciavel de vel-a, disse com ar meio ironico a sobrinha de dona Mafalda.

— E então?

— E então? ..

— Pinte-nos esse bello anjinho.

Todos se voltarão para dona Ignacia, e fizerão voto de lhes prestar a maior attenção: Bras-mimoso era porém da roda o que se via mais atrapalhado: o filho de Estanislão, menino de sette annos, o rapasinho mais espirituoso do Rio de Janeiro, como suppunha Carlota, o não deixava parar: empregava todo o seo espirito em incommodar o pobre homem: havia principalmente implicado com a corrente do relógio, e com os hellos cachos da postça cabelleira de Bras-mimoso.

— Espere, nhõnhõ. . . . senhor Juca.. (espere disse elle.

— Aquieta-te, Juca... olha que eu te prendo em uma cadeira; acudio Estanislão.

— Estanislão, deixa a criança, exclamou Carlota, tu sabes, como o senhor Braz ama o nosso Juca... apósto eu, que elle está gostando. . . . Juca é tam engraçado...

— Sem dúvida, tornou Bras-mimoso meio desapontado, eu gosto muito delle. . . . venha Sr. Juca.. sente-se aqui no meo collo.

O Juca não esperou segundo convite: sentou-se no esôlo de Bras-mimoso, que para vingar-se do menino, que com as mãos lhe torcia a corrente do relógio, e com os botins lhe esfregava as calças, deo-lhe um comprido beijo na face, fitando os olhos em dona Rita.

— Mas, meos encantos, disse Rosa a dona Ignacia, a romantica, a romantica?..

— A romantica...é... uma moça.

— Até ahí sabemos nós; falta o essencial: principiemos pela idade: quantos annos tem?..

— Não lhe vi ainda a certidão de baptismo: a tal respeito não será bom fiarmos-nos, no que ella disser.

— E' bonita?..

— Isso é conforme...para mim todas são bonitas... .

— Ora... .

— Ora, não: se quiserem, o que eu posso fazer é dar os principios, e depois pôdem as senhoras tirar a consequencia.

— Pois comece, meos encantos; não vê a nossa anciedade?.. .

— Começarei pelos cabellos... são negros... negros de metter medo!.. .

— Lisos, ou crespos?.. .

— Não se conhece bem... parecem crespos; mas assim uns crespos a custa de muito trabalho... .

— Curtos?.. .

— Não serão curtos; mas logo se adivinha, que ella ha-de vir a ser calva.

— Oh!.. exclamation todas as senhoras a um tempo ,
isso é horrivel?..

— A terta, continou dona Ignacia, e alta: mas
sem nobresa...

— Antes fosse baixa.... isso é já um defeito.
acudio dona Rita, uma testa alta sem nobresa... veção só
como ha-de ser.

— Os olhos?..

— Os olhos..... na verdade que são grandes e
pretos; mas ao mesmo tempo são amortecidos... re-
quebrados...)

— Sancta Barbara! gritou dona Carlota olhos
requebrados são cousas muito indecentes... antes ser
cega...

— O nariz... não pequeno... é afilado.... a fallar
seriamente, eu não julgo o nariz della bemfeito.

— Eu faço idéa, disse dona Rosa dando uma ri-
sada.

— Os labios são rubros..... quando ella os
morde.... é um habito, que ella tem desde criança.

— Olhem que tal!.. assim todos tem labios bonitos.

— Os dentes muito brancos.... ora este excesso...

— E' um signal de phtisica pulmonar complicada
com tuberculos pulmonares, acudio Thomasia.

— O queixo.... eu não me lembro bem, se ella
tem queixo!

As senhoras desatarã a rir.

— A tez é branca, muito branca... não é ama-
rella; mas tambem ella não tem a pallidez da
moda... a pallidez romantica.....

— É uma cor sem alma.

— Isso mesmo minha mãe: o collo não é lá essas cousas... os braços, podião ser mais bem feitos.. as mãos um pouco mais brancas... os dedos... os dedos tam finos, que causão pena...

— Adiante, adiante, meos encantos.

— Que direi mais. meos encantos você bem sabe, que o corpo se arranja muito bem com algodão, saias e vestidos, de modo que só parece malfeita, quem quer assim parecer.

— Por consequencia?... perguntou Felis rindo-se.

— Hade ser calva, disse uma.

— Tem olhos indecentes, disse outra.

— Não é bonita.

— É feia.

— É horrivel.

— Não, não, tornou dona Ignacia, ella não é lá essas cousas, que querem dizer; mas tambem não consinto, que a julguem horrivel... olhem eu simpatisei muito com ella; talvez seja suspeita por isso; pois quem simpatisa com uma moça, sempre a julga inelhor. do que na verdade é.

— Pois bem, disse Rosa, nós a veremos em poucos dias; porque não creio que seo pai regeitasse o convite, que lhe levou meo primo.

— Ah! acudio Themasia, é verdade, Felis vamos ao resultado da tua commissão.

— Foi uma batalha, minha tia.

— Como!..

— E' o caso que a mãe do senhor Hugo de

Mendonça detesta os bailes tanto, como qualquer outro progresso nacional, e por consequencia oppoz-se furiosamente a aceitação do convite.

— Então tem o atrevimento de regeitar?..

— Ella por certo que não virá ao sarão de minha tia.

— Também não se precisa de semelhante original: e o senhor Hugo?..

— Finalmente, aceitou o convite, depois de uma discussão de duas horas, em que a senhora dona Emma de Mendonça saio fóra da ordem mais de cem vezes.

Um grito de Bras-mimoso interrompeo a Felis: todos olharão: o mais extravagante successo tinha acontecido ao infeliz gamenho: o Juca que não lhe havia deixado mais o collo, e que tinha passado o divertimento de suas mãos da corrente do relógio exclusivamente para os cabellos emprestados de Bras-mimoso, em um dos arrancos, que lhes deo, atirou com a cabelleira ao meio da sala, de modo que a linda calva de Bras-mimoso ficou patente aos olhos de toda a sociedade.

Seguiu-se um momento de contracção de risadas.

Um outro de hilaridade prolongada.

Emfim Estanslão passou a reprehender a Juca; quando porém se dispunha a pol-o de penitencia em uma cadeira, Carlota chamou para junto de si o filho e deo-lhe tres beijos seguidos como mãe muito boa, e extremosa que era.

Em quanto Bras-mimoso concertava a cabelleira, chegou o chá!

Depois do chá dona Ignacia cantou uma modinha— dona Rita—um romance — e Bras-mimoso — um lundû.

As onze horas as senhoras levantarão-se para retirar-se, as onze horas e meia chegarão ao tópo da escada, e alguns minutos depois da meia noite descerão a escada, voltando ainda dona Rita da porta da rua para dar um beijo na filhinha de Thomasia.

Na primeira esquina as duas familias devião separar-se: ahi conversarão ainda boa meia hora; entre muitas outras cousas disse dona Carlota.

— Aquella dona Thomasia é a velha mais tola e vaidosa, que conheço.

— E' uma amisade, que a gente entretém para não dar que fallar: disse dona Mafalda, quanto ao mais direi que só o pobre do Venancio podia aturar semelhante bixo.

— E a tonta da filha?.. exclamou dona Rita.

— E' uma vibora, acodio dona Ignacia, é o retrato da mãe.

— Leva de má lingua, disse Estanisláo, vamos, que é quasi uma hora.

Separadas que forão as duas familias, cada qual conversou, como pôde.

— Estanisláo, disse dona Carlota, que péssa importante é esta dona Mafalda! que lingua venenosa que tem!

— Meo paisinho, e a filha della?... é a moça mais estúpida, com quem tenho conversado.

— Oh senhor Bras, dizia na outra rua dona Ma-

falda, já vio mulher como aquella dona Carlota?... emfim tem os mesmos costumes da avó, e dâ mãi, que por minha desgraça conheci: é uma familia de mexeriqueiros.

— E dona Rita mamã!?... dizia tambem dona Ignacia, que desenxabida maitáca!.. que cascavel! não se cala um instante.

— E o Juca, minhas senhoras, respondia Bras-moso, que menino malcriado!

Chegando a porta da casa Bras-mimoso despedio-se das senhoras: apenas havia voltado as costas:

— De que empada nos fizemos acompanhar Ignacia!... disse dona Mafalda.

E Bras-mimoso ia pela rua dizendo consigo :

— Oh que duas pamonhas aturei eu esta noite!...

Em casa de Venancio, Thomasia havia exclamado apenas as visitas sairão:

— Que duas velhas tam detestaveis!....

E Rosa tinha dito:

— Que duas moças tam impertinentes, e feias!..

E Venancio exclamára coçando a cabeça.

— Que maçada!

X.

O cabellereiro.

Tinhão soado quatro horas da tarde do dia, em que devia ter lugar o sarão de Thomasia : no gabinete de vestir de Honorina achavão-se duas pessoas : ella, que esperava pelo cabellereiro, que tinha de touca-la, e Lucia, que no entretanto a distrahia conversando.

A mãe Lucia, como Honorina chamava, era uma mulher de mais de quarenta annos, alta, gorda, cheia de saude e vivacidade, havia nascido longe da Cotte, e perto de uma das fazendas do pai de Hugo, por quem fora convidada para servir de ama de leite ao pequeno Lauro de Mendonça : Lucia, que nada tinha de seo, e aos vinte annos de idade, que então fazia, acabava de perder . quasi ao mesmo tempo , o marido , que a amparava, e uma fi!hinha de trez mezes, que ternamente amava, aceitou sem hesitar o convite : prudente; socegada, e carinhosa, amamentou, com tanto amor, com tantos desvelos o pequeno Lauro, que mereceo e teve a gratidão e amizade da familia delle. Graças a solitudine de Kaul de Mendonça (pai de Hugo) casou-se Lucia pela segunda vez, e dando a luz a um menino exactamente na mesma época, em que nasceo Honorina, soube com esta

repartir o leite de seo filho ; mas roubando-lhe a morte tambem este, concentrou todos os seus cuidados e amor na menina que a seus seios confiarão. Alguns annos depois ficou de novo viuva , e só no mundo ; e então a familia-Mendonça-a recebeu para sempre em sua casa.

Tanta amisade, tanta confiança merecia essa mulher de toda familia, que a muitos pareceria uma parente dos Mendonças : sua voz é n'aquella câsa attendida, seus desejos estudados, e sempre satisfeitos : ainda na vespera do dia, em que se passa este capitulo, uma simples insinuação de Lucia bastou, para que Hugo mandasse admitir entre os caixeiros de seo armazem um menino, a quem nunca tinha visto, mas que a ama de sua filha apresentou, como seo sobrinho.

Tendo dado uma succinta idéa da mãe Lucia, iremos agora acompanhar com ella a linda moça, que espera pelo cabellereiro.

— Mas tu vês mãe Lucia, disse Honorina, que assim tenho por força de apparecer no sarão mal vestida, e mal toucada, de modo que todos se hão-de rir de mim.

Oh ! não tenha medo disso, senhora D. Honorina ; com os olhos e rosto que tem poderá causar inveja ; mas não riso.

— Ora, mãe Lucia !

— Além de que ainda temos tempo de sobra para tudo aquillo : ás cinco horas chega o cabellereiro, ás seis estará penteada, ás sete vestida e em uma hora poderá chegar a côrte.

— Porém sempre foi bem má lembrança de minha avó o exigir que eu me preparasse e vestisse para o sarão aqui, em vez de o ir fazer, na Corte mesmo em casa de Rachel.

— O que quer?... a nossa boa velha tem suas idéas, mais ou menos extravagantes : não ouviu o que ella disse?...—fôra de mim carregar-te-hão com essas modas, e enfeites indecentes, de que terás vergonha de ti propria!...—A senhora D. Emma está exactamente no ponto em que estava ha cincoenta annos atraz.

— É verdade, mãi Lueia, e o odio, que ella vota a meo primo!... é um odio tão elevado, como só o é tambem o amor que lhe tens!

— Pois então menina?... elle, como a senhora beberão o leite de meos peitos, disse Lueia, enxugando uma lagrima; e não é justo, que se ame, como a filhos, as erianças, que mammão o nosso leite?..

— Obrigado, mãi Lucia, obrigado! tambem pela minha parte eu te amo tanto como meo primo.

— Oh! o senhor Lauro me amava muito!...

— E eu, mãi Lueia, e eu?

— Tambem, tambem! mas o senhor Lauro...

— Sim... é porque tu o amas muito mais do que a mim; disse a moça tristemente.

— Não, senhora D. Honorina; mas é porque se deve mais ternura aos que estão ausentes: a senhora lembra-se delle?...

— Eu era tão pequena, quando elle partio...

— E que amor, que elle lhe tinha, menina!.. parecia seo irmão!

Nes-e momento uma escrava appareceo, e annunciou a chegada do cabellereiro.

— Ah!.. que entre!.. exclamou Honorina desabafando um suspiro, e arranjando-se para logo de frente do toucador.

O cabellereiro entrou: era um moço alto, vestido a-phantasia—: isto é trazia uma cousa que ficava entre casaca—e sobrecasaca—de cor verde, enfiada e segura pelos braços: a gravata era amarella, o collete vermelho com botões de metal dourado, as calças roxas, e calçava botinas de duraque de cor questionavel com ponteira envernizada: quanto ao seo parecer o cabellereiro tinha os cabellos excessivamente ruivos, trazia oculos, e seo rosto era tão rubro, que parecia usar de carmin.

Depois de complimentar as senhoras com respeitôso comprimento de cabeça, collocou-se em posição de comêçar o seo trabalho.

— Faço mal conversar, em quanto me penteio?.. perguntou a moça.

O cabellereiro fez um movimento que parecia querer dizer—não: — depois desatou a fita que prendia os cabellos de Honorina e as bastas e aneladas madeixas da moça cairão como uma nuvem negra ate o chão; Honorina tinha as costas voltadas para o cabellereiro, Lucia olhava com prazer ineffavel para os cabellos da querida filha de seu leite, e por isso nenhuma das duas vio atravez dos vidros dos oculos do mancebo, o fogo, que de

seos olhos lançava; como querendo devorar elles tam precioso thesouro.

— Pois que não faz mal conversar em quanto me peateio, disse Honorina, podemos continuar, mãe Lucia.

— Pois sim, senhora D. Honorina, eu lhe dizia que o senhor Lauro a amava muito, e lhe perguntava, se se lembrava d'elle.

— E eu te dizia que não, mãe Lucia, isto é, de sua figura me não lembro nada, mas de sua amizade, sim, conservo ainda bem agradaveis recordações!

— É possível?..

— Mas não é bem verdade que nós nos lembramos sempre docemente do que comnosco se passou no tempo de nossa infancia?..

— Certamente.

— E por tanto é por isso que eu me recordo de muitas cousas passadas então comigo, com minha mãe, com tigo mãe Lucia, com minhas camaradas, e com meo primo.

— Tambem com elle?... ora...

— Então duvidas de mim, mãe Lucia?... pois eu podia provar-te já, que é verdade, o que digo... eu me lembro de mil pequeninos episodios ..

— Passados com o senhor Lauro?..

— Sim... tambem com elle: olha... sim, por exemplo... a bonéca côr de rosa...

— E, então?... a bonéca côr de rosa?...

— Eu te conto. Não sei que idade deveria eu ter— ai!.. senhor, não me puehe assim os cabellos!... —

mas, eu era hem pequenina, bem travessa, e segundo o que dizião, bem engraçada: fallava como um papagaio: ora, tu, mãi Lucia, para me fazeres adormecer, costumavas a embalar-me cantando uma balata ou o que quer que seja, uma cantiga emfim: tam facil era a musica, e tantas vezes a havias cantado embalando-me que eu já a tinha de cór, e a cantava tambem com minha graça infantil: rião-se tanto de me ouvir cantar, que me fazião repetir vinte vezes por dia a tal cantiga: meo primo era insaciavel: apezar de meo genio condescendente um dia já de tam cançada, que estava, teimei, e não quiz cantar para elle ouvir. Elle fingio-se enfadado... chamou-me de feia, . tola, e disse-me que já tinha outra prima mais bonita do que eu, e que no dia seguinte lhe compraria uma bonéca; ora, eu era louca por bonécas...—Mas o senhor o que faz?... esta parado,... não me penteia.... ha mais de meia hora que tenho os cabellos soltos!.. Mãi Lucia faça que elle me pentee....

Com effeito o cabellereiro estava em elevada contemplação: o collo de alabastro de Honorina todo nú e alvejando debaixo de seos olhos, lhe havia feito esquecer o pente e o dever de seo ministerio: já mesmo tinha levantado os oculos sobre a fronte, e com vistas ardentes attentava as perfeições do collo da moça. Ouvindo a observação que lhe era dirigida, elle, sempre em teimosa mudez, não pronouciou uma só palavra, e continuou o trabalho, que havia, talvez sem querer, interrompido.

— Ande, senhor . disse Lucia; avie-se depressa : senhora D. Honorina continue a sua historia.

— No outro dia, ás horas de jantar, meo primo appareceu, trazendo uma linda bonéca de vestido côr de rosa : apenas a vi, lembrei-me da scena passada ; mas sentida, do que elle fazia, e que eu julguei um insulto, despeitada e talvez um pouco ciumenta, olhei para a bonéca e não lh'a pedi.

— Então Honorina disse-me minha mãi, não é tua aquella bonéca?..

— Não, minha mãi, respondi eu, é da prima bonita delle.

Sem querer meos olhos se encherão de lagrimas; mas meu primo Lauro fingio, que me não via chorar. Acabado o jantar, Lauro disse, que ia guardar a bonéca para levar a de noite a sua prima e entrou para o seo quarto : depois saio,... e desapareceu. Eu me sentia anciosa para conseguir tam linda honéca ; meos olhos não se podião arrancar da porta do quarto de meo primo : minha mãi que estava lendo no meo coração disse :

— Honorina, vai furtar a bonéca da prima bonita de Lauro.

Eu achei tam justo e agradavel o conselho de minha mãi que entrei correndo no quarto de meo primo.

Havia no fundo do quarto uma especie de altar : Lauro tinha feito da colcha de sua cama uma cortina, que caia até abaixo, tapando a frente de uma meza, no fundo da qual eu vi a bonéca.

Muito pequena para chegar até ella eu arrastei uma cadeira, trepei-me, e fui pegar na bonéca; mas quando minha mão estava quasi tocando-a, ella ergueo-se acima de minha mão... levantei esta..., a bonéca abaixou-se... abaixei a mão,.. ella fugio para um lado... persegui-a ali, e ella escapou-se para outro!.. espantada... suppondo-me só no quarto... eu recuei... dei um grito, e corri para onde estava minha mãe... — ora... ora... isto é de mais!... mãe Lucia, este homem está beijando os meos cabellos!..

— Senhor!.. exclamou Lucia erguendo-se.

O cabellereiro não fez o menor movimento: tinha com effeito beijado duas ou trez veses alguns anneis das bellas madeixas de Honorina; mas conhecendo que ella se offendia com isso, continuou a penteala, sempre sem dizer palavra

— Porém mãe Lucia, não é isto ousadia de mais?..

— Provavelmente elle não quiz offende-la com tal acção: se a senhora visse como o rosto do pobre homem está exprimindo dor tam pungente...

— Está bem, mãe Lucia, não lhe digamos nada: coitado! é um estrangeiro, que ignora os nossos costumes: eu creio, que elle não sabe uma palavra do portuguez: ainda não disse nada.

— Eu tambem penso do mesmo modo, disse Lucia, mas vamos a conclusão da historia.

Sim, continuou Honorina: eu corri para minha mãe, e lhe contei assustada, o que acabava de acontecer-me, assegurando . que a bonéca era encantada: minha mãe, contrafazendo-se para não rir, disse-me

que sabia um segredo para destruir o encanto da bonéca, e depois de me ouvir instar muito para que m'ò dissesse, depois de me ver beija-la, e abraça-la mil vezes, ensinou-me, que fosse outra vez ao quarto, e que subindo na cadeira, cantasse defronte da bonéca a minha cantiga : eu olhei para minha mãi, como quem duvidava; mas tanto ella insistio e me assegurou que com isso seria destruido o encanto, tantas vezes me repetio as mesmas palavras; que acabei por acreditar e entrei de novo, posto que menos apressada, no quarto de meo primo.

— E então ?...

— Entre a duvida e a esperança eu colloquei-me defronte da bonéca, e comecei a cantar tremendo...

E eu vi a bonéca fazer um movimento para mim...

Quasi que soltei um grito... pouco depois já mais animada continuei... cantei o segundo verso...

E a bonéca aproximou-se algumas pollegadas do meo lado...

O meo espanto só podia ser igualado pelo meo prazer : apezar da commoção que sentia, cantei ainda... cantei sempre... cantei até o fim...

E a bonéca veio ainda se chegando... sempre mais... sempre mais... até que ao terminar minha cantiga, estendi os braços, e prendi-a entre minhas mãos. Então eu pude ver, que alguns arames sostinão a boneca em pé, e que diversos cordões, que se perdião por baixo da meza tinhão servido, não sei como, para fazel-a mover-se em differentes sentidos : desatei esses cordões, librei a minha bonéca dos arames, e abra-

çada com ella ia saltar da cadeira, quando cabi nos braços de meo primo, que me cobrio de beijos... oh mãi Lucia! todo aquelle encanto de arames e cordões era elle, que tinha ideiado... elle não tinha prima bonita... a bonéca fôra comprada de proposito para mim.

— E depois?..

— Nós fizemos as pazes, e eu lbe cantava todos os dias a minha cantiga.. Ai!.. oh!.. mãi Lucia, este homem me cortou uma porção de cabellos!..

— Senhor! exclamou Lucia.

— Senhor! disse a moça fazendo-se côr de nacar, saiba que eu amo muito meos cabellos para consentir que elles sejam assim cortados contra minha vontade! Mãi Lucia, onde está meo pai?..

— Ainda não veio, senhora.

— Pois devo eu estar soffrendo as loucuras deste homem?... eu juro que elle não é cabellereiro... ainda tenho os cabellos soltos!... oh!.. será possível, que Rachel me mandasse cá semelhante homem para me pentear?..

O cabellereiro sempre silencioso, e parecendo não comprehender cousa alguma do que a moça estava dizendo, depois de guardar furtivamente no bolso de sua casaca ou sobrecasaca um bello anel de madeira, ia continuar quando Honorina se levantou: a moça estava rubra de despeito.

— Senhor, quero saber se me quer pentear ou não?... so quer, já o podia ter feito, se o não sabe fazer. deixe-nos.

Nada mais encantador do que a figura graciosa de Honorina: com uã mão pousada sobre o encosto da cadeira, em que estivera assentada, com os seos cabellos caídos até a altura dos joelhos, com as faces fortemente enrubecidas, ella enearava com olhos de despeito o homem. que se atrevera a cortar-lhe um anel de suas bellas madeixas.

O insolente cabellereiro a principio pareceo commovido por tantos eneantos; depois, sempre sem dizer palavra, tomou o chapéo, cortejou as duas senhoras, e foi saindo sem cerimonia alguma, e sem mesmo cuidar em apanhar um papel, que do seio lhe caio.

— Então elle se vai, mãi Lucia?..

— Parece que sim..

— Será crível!... que homem é este?..

— Olhe, senhora D. Honorina, elle deixou cair um papel.. vejamos.

— Dá-m'o.

— Eit-o.

Honorina abriu o papel e soltou um grito.

— Que é isto?.. perguntou Lucia.

— É elle, mãi Lucia, é elle!..

— Elle quem?.. elle quem?.. diga!..

— O desconhecido, que jurou amar-me!.. o desconhecido, de quem te fallei!..

— Meo Deos!.. e o que diz elle?..

— Ouve: respondeo Honorina, lendo o que estava escrito n'aquelle papel. « Honorina!.. perdoa, se te roubo um anel de madeixas; mas eu te amo! eu te

amo com esse amor de poeta com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça, e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem bello !. »

— Oh!.. mas isto é já uma loucura !.. balbuciou Honorina.

— É admiravel!.. porém aquelle que se esconde no mysterio é um homem de quem se deve fugir.

— Sim, mãe Lucia, disse automaticamente a moça, é um homem de quem se deve fugir.

E deixando-se insensivelmente sentar-se na cadeira, Honorina pareceo entregar-se à mais profunda meditação.

Era de ver-se essa joven tam bella e tam interessante caída nessa posição desteixada e tam fechada consigo mesma no intimo de seos occultos pensamentos: pallida, como a sombra da mais linda virgem reflectida em agua de fonte socegada; com as mãos esquecidas sobre o collo; com seos cabellos espalhados, e soltos negligentemente; com seos bellos olhos desmaiados em doce quebrantamento; e em todo o seo semblante com traços ligeiros dessa melancolia ineffavel, que tanto põe nos corações !

Lucia olhava em silencio para Honorina... parecia querer adivinhar seos pensamentos na expressão de seo rosto... hebel o no ar que ella respirando, deixava sair embalsamado por entre seos labios côr de rosa.

No fim de um quarto de hora a moça levantou a cabeça, e com as mãos affastou para traz das ore-

lhas as aneladas madeiras, que lhe brincayão nas faces: estava então perigosamente fascinadora! era já absolutamente outra!. via-se sua fronte humedecida por leve suor, em seos olhos brilhava fogo celeste... suas faces, mostravão-se brandamente coradas.... suas nariñas um pouco dilatadas... e pelos labios entrabertos escapava-lhe respiração difficil e quasi suspirante, que lhe agitava o seio: como se se sujeitasse a repetidos choques electricos, de momento a momento estremecia: depois de alguns instantes mais ella passou a mão pela testa, e erguendo-se desassocegada:

— O sarão!.. exclamou, o sarão!.. que se me penteie... que se me vista depressa!.. eu preciso sair... eu quero respirar o ar livre... e depois esquecer-me do mundo e de mim mesma na embriaguez de uma noite de prazeres ruidosos!.. Mãi Lucia, a minha cabeça me está ardendo! eu tenho nella alguma cousa, que me queima... que me devóra... que póde enlouquecer-me de um instante para outro!....

— Menina!...

— Que me penteiem!. que me vistão depressa!..

— Então será preciso mandar vir um outro cabellereiro...

— Oh!... quanto tempo perdido!..mas é impossivel, que fosse Rachel, quem me mandasse aquelle homem!... é impossivel que se ella tenha ligado com elle para conspirar contra o meo socego!..

— Um cabellereiro, que vem da parte da senhora dona Rachel; disse uma escrava apparecendo na porta do gabinete.

— Que entre! exclamou a moça : mãi Luciz...., não foi portanto Rachel, quem o mandou cá....

O cabellereiro entrou: a moça estava perfeitamente toucada uma hora depois.

No entanto o primeiro cabellereiro, que havia estado com Honorina, pouco depois de ter saído da casa della, buscou apressadamente o ponto da praia, onde em Nictheroy se encontrão as faluas: ahí cercado, e perseguido pelos patrões e remadores, que a porfia lhe offerecião seos bateis, o mancebo livrou-se delles, empurrando-os rudemente para os lados, e saltando dentro da primeira falua, que viu, gritou:

— Para a Côte!. vellas ao vento, remos ao mar! e uma boa molhadura, se curta for a viagem!..

Meia hora depois o mancebo desembarcava no cães da—rua fresca—devendo apenas notar-se, que com a pressa, com que soltou fóra do batel, desarranjou-se-lhe a cabelleira ruiva, que trazia, e elle, para não demorar-se consertando-a arrancou-a, e guardou-a no bolso da casaca.

XI.

O sarao de Thomasia.

Este mundo é um grande campo, esta vida uma longa batalha, mercê de quem todos se combatem embora a cada especie, e ainda a cada sexo caiba seo genero de peleja particular, assim como a cada classe sua estrategia peculiar. Os homens que tem para si tomado o que ha de mais grave, e talvez de mais difficil na ordem da sociedade, se dão batalha por diversos modos: e pois o politico se bate no parlamento, e nas ante-salas de palacio; o diplomata nos brilhantes salões; o litterato no prelo; os artistas nas exposições &c. As senhoras não podião deixar de ter no mundo o seo campo de guerra: ellas o tem, o mote de todas é um só-querer agredar, - e o triumpho de uma significa a derrota de todas as outras.

Ellas pelejão mostrando-se: no theatro ellas pelejão; mas no theatro só são vistas por metade: no passeio ellas pelejão; mas no passeio só de relance se mostra: seo grande campo é pois a noite de sarão. Então desde a flor do cabello até o bico do sapato tudo se ostenta. Então se luta, luta-se uma noite inteira espirito contra espirito, gracejo contra gracejo; ironia contra ironia; então se oppõe seda a seda, joia a joia, brilhantismo a brilhantismo; então se dança e se canta,

se olha e se sorri, se falla e se suspira com estudo, com arte e intenção. Uma flor vale ali uma espada, uma amiga serve as vezes de escudo, um leque pôde fallar de longe, um lenço branco vale mais que tudo isso.

E a batalha é geral: não ha camarada, nem parenta, que não possa ser uma rival: as vezes é uma prima, uma irmã mesma a inimiga, a quem se hostilisa, a quem se não dá treguas a quem se faz opposição na sala, e se persegue até no *toilette*.

E o triumpho?.. o triumpho está na imaginação: ao entrar no carro, ao apeiar-se delle em casa, ao despir seos atavios, que forão suas armas, ao deitar-se no leito de repouso, a moça suspira fatigada e diz — agradei! — Eis sua victoria.

Pois uma dessas interessantes batalhas, em que damas são lidadores, e armas os encantos dellas, se dava com vigor em casa de Venancio.

Conceba-se agora uma espaçosa sala em que se deve dançar, uma outra mais curta, onde se joga, um gabinete, onde se hade tocar, uma escada gostosamente illuminada, pela qual sobem as senhoras para o *toilette*, uma sala, que deverá ser a de jantar, e que ora nella se servem refrescos e enfim ao lado della um agradável terrado, cujos parapeitos estão cobertos de lindos vasos de flores, dos quaes se pôde gozar o aroma, sentado em bancos crivados de conxinhas brancas; e ter-se-ha feito uma justa idéa da casa de Venancio.

Conceba-se mais todo o bello ruido, toda a su-

blime desordem de começo de um sarão; as senhoras que chegam, os beijos que estalão labio a labio entre as camaradas, que se encontrão; o murmurio das que criticão; os planos que se forjão nas rodas de moços; as quadrilhas que se engajão; as lisonjas, que se dizem; as desculpas, que se offerecem; e sobretudo os parabens que recebe a senhora dona Thomasia: o ter-se-ha feito tambem justa idéa do queahi se passava pouco antes de começar o sarão.

Nesse tam forte ostentar de agrados e louçainhas, e entre as que mais se extremavão, via-se a matriuha da filha de Thomasia, dona Luerecia, joven viuva de vinte annos, orgulhosa de suas faces cõr de rosa, de seo rosto fresco e bello, do interesse, que lhe dava seo estado de viuvez tam prematura, e que conscia de taes atractivos ainda mais se deixava adormecer, sem cuidados do futuro, no seio da segurança e da felicidade que lhe promettião seos avultados teres.

Thomasia não cabia em si de contente: havião umas poucas de razões, porque se julgava venturosa. Antes de tudo ella conhecia que jámais enganára eom mais habilidade à si propria: eom effeito nunca tingira melhor seos cabellos brancos, nem até então lhe havia M.^{ma} Gudin cortado com mais feliz mão um vestido de seda: depois, Thomasia não deixava de ser mãi; via com orgulho sua querida filha, que, como toda moça que tendo des-e-seis annos não é feia, e mostra-se espertinha, hrilhava aos olhos da sociedade: sem duvida Rosa fazia-se acompanhar em seos me-

nores movimentos de boas duas duzias de olhos masculinos, como conquistador que em triumpho arrasta apoz si vencidos algemados, tam galantinha, tam faceira e (digamos em francez para mais agradar) tam *coquette*, que estava.

Finalmente Thomazia se dava alegremente parabens pelo gosto e brilhantismo de sua festa: fosse como fosse Venancio arranjou-se o melhor que pôde; o dinheiro havia apparecido, e Bras-mimoso, que tinha dedo para negocios taes, forjára e estava executando um plano de sarão tam bem concebido, determinado, e posto em pratica, que nada deixaxa a dezejár.

A casa já se achava cheia de convidados. e a todos os momentos vinhão chegando novos. Entre os jovens mais elegantes, primava Octavio. Thomazia o tinha recebido com a maior affabilidade, e Rosa com engraçado sorriso; posto que ambas ja não contavão com elle: Felis as tinha precedentemente desanimado com a relação da amorosa intelligencia, que se dava entre elle e dona Lucrecia; e tambem Octavio, que tanto olhára para Rosa no theatro, que a fôra esperar a sahida, e que até tomára nota da rua onde ella morava, nem uma só vez viera passar por defronte das janellas da moça, e nem mais se lembra de seo lindo rosto moreno

A vista de semelhante procedimento Rosa tinha riscado o nome de Octavio da lista de seus adoradores. e o olhava quasi com indifferença quasi que com os mesmos olhos, com que observava a multidão de moços, que vinhão entrando, e espalhando-se pelas salas,

As oito horas e um quarto da noite pouco mais ou menos ouviu-se na sala um sussurro geral.... os homens precipitarão-se para vêr uma pessoa, que entrava, as senhoras moverão-se todas.... umas sorrirão-se, outras estenderão os pescoços... foi emfim um movimento de curiosidade geralmente demonstrado por toda a assembléa.

Era Honorina, que entrava.

A curiosidade que tinha sido igual tanto nos homens como nas senhoras, nascia porém de um desejo absolutamente contrario: as senhoras desejavão dizer—é falso- e os homens—é verdade. —

Não é uma ficção de romance. Uma moça . que dizem ser formosa, e que chega a qualquer cidade, é pedida e desejada pelos olhos de todos; todos a querem vêr, e no coração de todos se prepara um sentimento para ella, que antes da primeira vista é apenas interrogativo: no coração das moças se pergunta: «será uma rival perigosa.» no coração dos moços se diz ao contrario: «será um encanto poderoso?..»

E pois Honorina estava nesse caso. Fôra, é certo, nascida e educada na Côrte, mas longe dos olhos da multidão, abrigada a sombra do amor, e escondida debaixo do véo dos prejuizos de uma familia, que arraigada a graves usanças, se espantava e corava diante da civilização galanteadora da — furta-côr França. — Emfim conquistada pelo gosto da época, ella entrava pela primeira vez em uma dessas salas de prazer ardente, onde parece que se quer com olhos de fogo devorar a belleza, que chega.

Honorina entrou ao lado de Rachel: commovida e tremula ella hesitou um momento: innocente ainda, não comprehendeo, o que queria dizer o sussurro, que se levantava a sua chegada; mas Rachel, que de coração a amava, vendo-a com os olhos no chão, e mais pallida que nunca, disse-lhe ao ouvido:

— Princeza da festa, levanta a cabeça; pois que a victoria é já tua.

Honorina levantou os olhos, e com elles percorreo toda a sala.... o rubor do pejo tingio suas faces..... foi como as primeiras rosas da aurora insinuada em um Céu côr de leite.

Com effeito o triumpho era della. O murmurio, que se escuta, quando uma moça entra n'uma assembléa, ou demonstra o horror, que se vota ao vicio, ou a admiração e enthusiasmo, como que se contempla a virtude e a belleza. O vicio estava longe de Honorina; a virtude se aninhava em sua alma e a belleza se mostrava em toda ella: e pois o triumpho era della.

Honorina vinha toucada e vestida do seguinte modo: dous largos bandós de lindos cabellos negros descião até dous dedos abaixo das orelhas e para traz se voltavão indo suas extremidades perder-se por entre longas tranças de perfeitissimo trabalho, que se enroscavão terminando em cesta: uma grinalda de flores brancas saltadas de pequeninos botões de rosa se entretecia nesse bello tecido de madeixas: duas rosetas de brilhantes pendião de suas orelhas: nenhum enfeite, nenhum adornó ouzara cair sobre seo collo, que nú

alvejava arredondado, virginal, e puro: um vestido de finissimo blonde, que deixava transparecer o branco setim, que cobria, no corpinho todo talhado em estreitas prégas, que desenhavão elegantes fórmãs, era debruado por uma longa fita de flores semelhantes as dos cabellos, as quaes ainda se deixavão de novo vêr formando uma cercadura, em que acabavão as mangas curtas, justas, e singélas; esse vestido cruelmente comprido para esconder dous pequenos pés calçando sapatinhos de setim, se terminava por uma simples barra bordada de branco: no braço esquerdo da moça fulgia um bracelete de riquíssimos brilhantes; e enfim suas mãos calçavão luvas de pellica branca, guardadas de arminho e com borlas de seda frouxa.

Rachel se tinha vestido, toucado, e adornado absolutamente como Honorina: não se via em uma nada de menos, e nada de mais, do que na outra: erão duas irmãs, e ambas da mesma altura, ambas com cabellos e olhos pretos, ambas quasi igualmente bellas; apenas no rosto differião; porque a primeira o tinha corado, vivo e alegre; e a segunda pallido, e melancolico.

Honorina e Rachel occuparão duas cadeiras, que estavam aos lados da dona Lucrecia. Esta senhora beijou as duas moças e Honorina vio fitos em seo rosto dous lindos olbos azues cheios de encantadora doçura, e ouviu que a joven viuva lhe dizia.

— É preciso ser bem feliz, minha senhora, para que com tanta formosura se ganhe ao primeiro momento todo o coração de outra moça!..

E dona Lucrecia se sorriu com um sorrir angelico..... e era uma rival, que se sorria!..

Honorina vivamente tocada, do que lhe dizia Lucrecia, mal teve tempo de apertar docemente a mão da moça, que segurava na sua; porque uma multidão de mancebos se precepitava para ella.

— Meo Deos!.. exclamou a moça encostando-se o mais que pôde na cadeira.

A primeira, a segunda, a terceira... até a decima segunda quadrilha já estavam concedidas, e a columna dos cavalheiros cada vez se tornava mais compacta, e forte.

A cada mancebo galante que corria para Honorina, um novo e engraçado sorriso se derramava pelos labios de Lucrecia, e uma setta penetrava em seo coração.

— Rachel! disse Honorina passando a cabeça por detraz da cadeira de Lucrecia, Rachel! acode-me; eu já não posso..

— Escuta, respondeo-lhe a amiga; ao primeiro que te fallar, responde: «já tenho para todas.»

Quando Honorina voltou a cabeça, já estavam trez cavalheiros defronte della: o primeiro, que lhe fallou foi Bras-mimoso.

— Minha senhora, venho implorar a V. Ex.^a a honra de uma contradauça...

— Mas, se eu já tenho par para todas...

— Porém quantas são todas, minha senhora?..

— A fallar, a verdade.... eu me não lembro... Rachel, tu te lembras, quantas contradauças prometti?..

— Vinte e trez, respondeo Rachel sem hesitar.

— E V. Ex.^a minha senhora?. disse Bras-mimoso, voltando-se para dona Lucrecia.

— Vinte e quatro, respondeo a viuva.

— E V. Ex.^a, senhora dona Rachel?.

— Vinte e cinco, disse Rachel rindo-se.

As tres moças virão-se felizmente livres de seos crueis perseguidores: no entretanto Felis achava-se prezo, desde que entrára Honorina, nas redes de sua interessante prima Rosinha. A moça no meio de uma roda de quatro ou cinco compaubeiras tam travessas, tam galantinhas, e levianas, como ella mesma, entretinha o primo, contando-lhe uma historia muito comprida, e cheia de mil superfluos episodios, tendo porém os olhos fitos na bella romantica.

Quando conheceo, que seo primo não poderia obter mais contradança alguma de Honorina exclamou:

— Oh!... mas, meo pensamento, nós nos esquecíamos, de que meo primo deverá estar ancioso por alcançar para uma quadrilha o sim da interessante senhora, que acabou de entrar... vá, meo primo, se já não veio engajado de casa, vá depressa.

— Sim, minha prima, eu vou.... porém... minha prima ainda me não deo uma contradança...

— Eu já tenho par para todas, disse a moça soltando uma rizada, que foi accompanhada pelas das outras moças.

— Muito sinto, disse Felis fazendo-se vermelho, com o boço perfeitamente que as senhoras zombavão de

mim; mas protesto, que a joven romantica me vingará.

Felis aproximou-se de Honorina... fallou... e em resposta escutou essas terriveis palavras. que ella já de Rachel tinha aprendido: essas cinco palawrinhas, que ainda pronunciadas com toda a doçura por uma boca de moça bonita, tem gosto de fel e pezão e soão horriavelmente para os pobres rapazes que mal as ouvem, voltão-se desapontados.

As oito horas e meia da noute teve principio o sarão: será bom considera-lo em tres partes distinctas.



XII.

Começa o sarão.

Uma bella ouvertura foi o signal do começo do sarão: logo depois dançou-se a primeira quadrilha: a prova de que Honorina recebia as honras da noute é que todos os olhos estavam fitos nella, como querendo beber seos movimentos.

Não se diga, nem se pense, que loucura é querer concluir da graça de uma bella joven dos — vai e vem—, que simplesmente fazem as moças, quando contradança: é inegavel, que nos mais brilhantes sarãos, a dança não passa, quanto aos homens, de meia duzia de—arrasta pés—acompanhados de outras tantas cortesias, e quanto as moças, de igual numero de interessantes deslizaentos; porém quando uma senhora tem em si isso, que se não póde explicar; mas que por de mais se sente no coração; isso, que alguns tem chamado —graça—; mas que não se diz tudo, dizendo-se sómente—graças—; porque graça não deffine essa bella reunião de uma boca, donde saem palavras, que nos fazem sempre sorrir de gosto, e que nos ficão de côr; de olhos, cujas vistas nos obrigão a hesitar e estremecer, e que penetrão até o amago de nossos corações; de um mimoso andar, que nos faz embeber os olhos nos vestigios das pisadas que deixou, para procurarmos vêr

alguma cousa, que não vemos, mas que devera ter ficado ali; do mimoso andar de um corpo, que deixa na columna de ar, que cortou, alguma doce... encantadora.. inefavel exalação de si proprio, como a rosa empregna de seos effluvios a branda aragem, que lhe varreo a face... isto tudo, e muito mais ainda, que nenhuma boca pôde dizer que nenhuma penna pôde explicar, não é sómente graça.. é antes um sopro sahido dos labios de Deos, que cerca de uma atmosphaera magico—celestina— a creatura feliz: não é sómente graça; ou então— é a graça de Deos.

Pois este dom sagrado, que nenhum homem tem, que pertence exclusivamente a algumas senhoras, pôde-se apreciar, e de facto se aprecia nas proprias contradanças francezas, apesar de toda a sua monotonia e desagradavel simplicidade. E Honorina o tinhal... e elles pois a virão andando.. (porque dizer dançando além de uma mentira seria fazer um insulto ao bom gosto de época) e elles pois a virão andando... não... deslizando-se doce e imperceptivelmente, como um leve batel, a quem o sopro do brando zephiro, faz lamber a superficie de um lago socegádo!.. e ainda mais: para o encanto ser completo, Honorina de momento a momento tornava-se dobradamente interessante. Com effeito: Honorina havia entrado na sala mais pallida, do que era; tremula, receiôsa, com os olhos baixos, e toda cheia desse acanhamento, que acobarda a joven campesina, que pela primeira vez apparece em uma assembléa da Côte, conscia de sua ignorancia dos usos do—

bello tom—. ella temia, que em cada simples vista de seus olhos houvesse um erro ; em cada palavra sua um crime de lesa-bom-gosto ; por isso ella tinha os olhos no collo, e respondia apenas por monosyllabos ; porem sua organisação eminentemente nervosa, lhe devia dar a victoria sobre si mesma. Desde que a musica rompeo, o milagre foi operado.

Ouvindo as primeiras armonias dessa feiticeira inspiração de Auber, o *Domino-noir* (que foi exactamente a *ouverture*, com que se deo principio ao sarão) Honorina sentio um choque inexplicavel... depois... sempre... até o fim ella se foi animando... seo coração pulsando com mais força... sua alma pareceo inflamar-se... seo rosto ergueo-se... e ella começou a viver para o mundo, onde estava.

Em fim todo esse movimento, todo esse ruido de um sarão, o calor que fazia, a agitação das contradanças, cuja alegre musica podia tanto nella, acenderão ainda mais o fogo que a salvara de seo acanhamento : já tinha as faces levemente coradas... seo peito arfava... ella começava a gostar, de tudo o que via... seo cavalleiro já lhe havia jurado, que ella era encantadora... Honorina já se tinha sorrido para Rachel... estava alegre, estava feliz ; e sua alegria a tornava mais bella que nunca.

Mas o centro, o alvo das atenções dos homens deveria ser o dos ciumes pelo menos da maior parte das senhoras. Lucrecia vivamente se incommodava com os obsequios, que a via recber : e tanto mais que Lucrecia era realmente bella, e dobradamente orgu-

lhosa. Flor das sociedades, não cedendo até então a primasia a nenhuma, Lucrecia queria todos os homens a seus pés: e nessa noite Honorina lhe conquistou a maior parte de seus adoradores.

Além disso um episodio tinha occorrido, que convem não deixar passar desapercibidamente: Octavio havia chegado pouco antes de Honorina, e se esquecera de ir logo aos pés da bella viuva: quando a filha de Hugo de Mendonça entrou e sentou-se junto de Lucrecia, Octavio correu, e obtivera d'aquella a sexta quadrilha, e só depois foi, que se dirigio a sua bella amada pedindo-lhe exactamente uma contradança, que ella acabava de conceder a outro cavalheiro.

Ora Lucrecia sabia bastante dos segredos dos sa-rãos: que muitas vezes, quando um joven não quer nem dançar, nem offender o amor proprio da senhora a quem um dever qualquer o obriga a dirigir-se manda um amigo seo engaja-la para certa quadrilha, e depois vai ter com ella e pede para si essa mesma quadrilha que a incauta já deu a outro.

Esta idéa a lembrança dessa estratagemta tantas vezes posta em uso ferio cruelmente o orgulho da viuva: por tanto Octavio levantava acima della essa menina, que apenas acabava de apparecer!... isso era uma dessas offensas, que as senhoras jámais perdôão; e entre as senhoras o amante, que se esqueceo de uma dellas, commette um crime enorme, que se faz trair, não ao desleal, que o commetteo; mas a rival,

ainda innocente, que o causou. E pois Lucrecia, que se sorria, que tinha doçura angelica em seus bellos olhos azues, tinha ao mesmo tempo o despeito e o amargor no coração.

No gabinete, onde estava a musica, e em que se achava tambem o piano, appareceu uma moça, para cantar, e começou a deixar ouvir os bellos accordes de sua doce voz: uma columna de moços tomava a porta do gabinete.

— Parabens! disse um a aquelle que conduzira a moça ao piano, parabens ao conductor de Euterpe!...

— Que se ha-de fazer?... respondeo elle, eu cá tolero, que se cante, quando não ha mais nada, que fazer; porem agora, que podemos dançar, e conversar com as moças, é mesmo horrivel roubar-se-nos meia hora desse prazer para se ouvir aquella senhora!...

— O que é aquillo, que ella está cantando?..

— Eu não sei... parece-me inglez; mas deve ser uma aria italiana: — bravo, minha senhora!..

— E que bico faz ella—bravissimo!..

— Como desafina:—bonito! bravo!..

Os dous senhores continuavão a fallar desapiedadamente em voz baixa contra a moça que lhes fazia a honra de se deixar ouvir, ao mesmo tempo que em voz alta aplaudião: mas..... é preciso passar isto por alto; porque ha tantos homens, que se podem julgar retratados nestes dous Midas, que é bom não entender com elles.

A moça concluiu a sua aria no meio de braves e palmas, e foi conduzida a sua cadeira pelo mesmo cavalheiro, que della criticára em voz baixa.

— Parabens, minha senhora, dizia elle a moça, cantou mais que brilhantemente!... que harmonia, e que execução!... seria perdoavel perguntar a V. Ex^a., se nos podia repetir a mesma peça esta noite?..

— Oh!.. a mesma não, respondeo a moça; eu cantarei outras, que são igualmente bonitas.

— E quantas serão, minha senhora?..

— Talvez... ainda tres...

— Meo Deos!., porque não serão antes seis!..

Mas um signal da orchestra poz fim as lisonjas e zombarias, de que estava sendo victima a innocente senhora: era o signal brilhante, e vivo da walsa.

A walsa! sim a walsa é com toda a razão o delirio das moças, e o bello ideal dos moços em um sarão: accusem-na muito embora os senhores Esculapios (que aqui para nós, nada ha. com que se não intrumettão) como causa de enfermidades sem numero; amaldiçoem-na muito embora como origem de mil pleurites, hepatites e tudo mais que na sua benta lingua, acaba em *ites*, se é assim... melhor para elles.

A walsa é o delirio das moças; porque na walsa é que ellas experimentão esses movimentos rapidos, accelerados, consecutivos, que tanto amão por sua organização, e que marcados por uma musica forte. alegre, impulsiva produzem nellas choques nervosos e abaladores: é na walsa, que seos olhos mais bri-

lhão, e que mais vivo fogo se accende em suas faces : é na walsa emfim, que ellas se assemelham com os anjos, voando pelos ares, e tendo só de humanas o receio de uma queda.

E a walsa é o bello ideal dos moncebos ; porque é nella, que elles cingem a delicada cintura de uma moça ! nas contradanças o apaixonado prefere dançar defronte da sua bella : na walsa pelo contrario é com ella mesma que elle dança . . . com o rosto perto do della . . . sentindo o fogo ardente de seos olhos fitos nellê . . . sentindo o delicioso bafo que escapa suspiroso dos labios della para reflectir nos seos ; sentindo a palpação de seo coração . . . o toque de sua mão . . . bebendo o sorriso de seos labios, e amparando o doce peso de seo corpo, que desleixadamente se abandona nos braços, que a cingem ! . . .

A walsa acabou emfim. E passeava-se.

Quem podera ouvir tudo quanto se diz em um passeio de sarão ! seria sua relação um romance tam variado como completo . . . seria talvez mil romances ; porém desgraçadamente, o que ahí se conversa de mais interessante é feito tam em segredo e por entre tantos sorrisos, que mal se pôde entender. É melhor pois não dizer nada, para não cair no erro de dizer, o que menos interessa.

Mas Lucrecia tinha sido convidada, para passear, por Octavio : era como uma satisfação que lhe dava o moço : ella aceitou-lhe o braço. Havia algum acanhamento entre ambos, por isso durante a primeira volta pela sala nenhum dos dous disse palavra : de-

pois elles se dirigirão para o terrado : ao passar pela sala dos refrescos Octavio vio um amigo seo, que passeava só.

Oh!.. Leopoldo ! tam solitario...

— Que queres ? não encontrei senhora, que quizesse aceitar a offerta do meo braço.

— Olha,... dirige-te aquella..... vai sem cavalheiro.

E Octavio mostra-lhe uma senhora, que deveria contar seos bons setenta janeiros.

— Misericordia ! exclamou Leopoldo ; antes so, do que mal acompanhado.

— Mas segundo o teo systema, a melhor maneira de chegar até junto das moças é agradar as velhas.

— Sim, sim ; porém aquella é uma velha sem fiadores.

Nesse momento Octavio e Lucrecia entravão no terrado.

— Que quer dizer uma velha sem fiadores?.. perguntou Lucrecia.

— Quer dizer respondeo Octavio uma senhora adiantada em annos, que não tem filhas, nem sobrinhas, nem agregadas moças.

— E por consequencia uma senhora, com quem os senhores julgão todos os momentos perdidos: senhor Octavio, V. S. tem mãi?...

— Minha senhora, eu não penso, como o meo amigo.

— Oh !... mas o que se pratica... o que tenho ouvido... o que acabei de ouvir, emfim, me conven-

te, de que se eu nunca tiver filhas, não devo frequentar sociedade alguma, logo que me sentir envelhecer.

— Mas, minha senhora, com o espirito de V. Ex.^a não é possível envelhecer...

— Obrigada... obrigada!.. eu gosto muito de parecer espiituosa; mas, V. S. o sabe, as senhoras gostão ainda mais de parecer outra cousa.

— Eu acreditei, respondeo Octavio; que devia mostrar-me simplesmente tocado do espirito de V. Ex.^a, pois que para o completo elogio de sua belleza é mais que sufficiente um espelho.

— Acha-me portanto bonita?..

— Preciso repetil-o ainda?..

— Agradavel?..

— Muito.

— Espirituosa?

— O mais que é possível,

— Meo Deos!.. isto é quasi uma declaração!..

— Que não seria mais, do que a repetição, do que já me tem ouvido.

— Estou a ponto de crer que me ama.

— Eu pensava que já não havia duvida a esse respeito.

— E no entanto, o senhor nem ao menos dançará comigo!

— Minha senhora... eu cheguei tarde aos pés de V. Ex.^a

— Nem uma quadrilha... nem uma walsa... nada!

— Eu estava dizendo que cheguei tarde aos pés...

— Oh! é porque talvez, quando quiz chegar até a mim, alguma bella apparição o fez parar... sentir... e desejar...

— Minha senhora...

— Primeiro dirigio-se a uma moça que se sentava ao meo lado: obteve sem duvida o que queria; e depois, quando ouviu, que eu acabava de conceder a um seo amigo a tereceira quadrilha, V. S. chega-se então a mim; e o que me pede?... a terceira quadrilha...

— Então V. Ex - chegou a persuadir-se ..

— Tenho a certeza de que o senhor Octavio não se lembrou de mim neste sarão.

— É uma injustiça, minha senhora, que eu podia voltar tambem contra V. Ex.^a

— Como?...

— Dizendo outro tanto de V. Ex.^a

— Porque?...

— Porque sabendo, que eu vinha a este sarão: porque vendo-me na sala não me quiz guardar uma quadrilha.

— Oh!.. mas era o homem, que devia apressar-se a correr até junto da senhora!

— Mas V. Ex.^a podia ter-me castigado com mais generosidade....

— Pois receba o castigo, senhor: eu guardei-lhe uma quadrilha.

— E qual?... e qual?... minha senhora!

— O senhor a dezcja ? . . .

— Pessoa de joelhos ! . . diga me o numero ! . . .

— A sexta . . .

— A sexta quadrilha

— Eu não sei a que attribua o movimento que faz : para attribui-lo a prazer . . seria amor proprio de mais.

— É que a sexta quadrilha . . eu . . . me havia en-
gajado . . .

— Eu aprecio a sua urbanidade ; porém é tam fa-
cil fingir-se um engano . . e depois com uma po-
lida satisfação . . ora, os senhores homens sabem as
mil maravilhas, como se faz isto.

— Se fosse possível ser uma outra qualquer

— Senhor, eu poderia neste momento lembrar-me
de ter ciumes, se não devesse só recordar-me que
já desci bastante de minha posição guardando-lhe uma
quadrilha ! . . .

— Eu reconheço o obsequio que devo a V. Ex.^a

— E então ? . . .

— Em todo o caso aproveitar-me-hei delle . . não
era possível, que de outra forma procedesse.

— Por civilidade, não é assim ? . . .

— Oh ! . . não : por um sentimento bem terno.

Alguns minutos depois Lucrecia estava outra vez
sentada junto de Honórina.

— Então, minha bella menina, disse ella, como
acha o sarão ? . . tem sido feliz nelle ? . . .

— Sim . . sim, minha senhora ; tenho passado uma
noite bem esquecida de mim mesma . . .

— É uma compensação ; porque acredito que muita gente só se tem occupado em admira-la.

— Minha senhora... eu não posso merecer...

— Ora... ora..., aposto eu, que tem dançado todas as quadrilhas, que não tem perdido uma só valsa ?...

— É verdade : mas creio que tambem a senhora...

— Não:.... deixei de dançar a segunda quadrilha : estes homens !.. acreditará, que estes mesmos senhores, que tantas lisonjas nos dizem, que tantos elogios nos fazem, se aproveitão de tudo para atormentar-nos?...

— Mas, a senhora parece offendida.

— Não : eu os desprezo ; porém quero prevenila : sabe como aqui se fere o amor proprio de uma mulher ?...

— Não minha senhora ; eu nunca frequentei sarãos.

— Pois bem: o homem que quer demonstrar a uma senhora, que aquella que elle ama é superior a ella, convida-a para certa quadrilha, e quando chega esta, deixa a senhora ficar sentada, e vai dançar com a que ama !

— Isso quando feito de proposito deve julgar-se um insulto !

— Pois elles o fazem !..

Lucrecia poz fim a sua conversação ahi : tinha aguçado um punhal, que deveria ferir o amor proprio de Honorina no momento de se dançar a sexta quadrilha.

XIII.

O chá.

O chá começou a servir-se ás dez horas e meia da noite: a hora do chá é nos sarãos a hora das satisfações, dos longos cumprimentos, e de certos prazeres, que lhe são muito peculiares. Compreender, e ouvir para relatar, tudo, o que então se passa, e se diz, seria operar o milagre que não esteve no alcañice dos architectos e operarios da torre de Babel. E' certo que ali não se grita, nem se amotina ninguem; mas ha em compensação mais de cincoenta homens que conversão, e outras tantas senhoras, que fallão todas ao mesmo tempo... e tanto basta.

Bras-mimoso tirava então o seo ventre de miseria: no meio de meia duzia de moças, nenhuma das quaes tinha mais de vinte annos, elle, que tinha embora escondidos cabellos de avó de todas ellas, se apresentava com cara e pretenções de priminho de qualquer das seis.

E' preciso fazer sentir, antes de ir por diante, o erro em que estão certos sujeitos, que suppondo enganar o mundo, enganando a natureza, não engañão, se não a si proprios: para todas as idades como para todas as condições ha um quadro com duas faces; uma offerece o bello, e a outra o feio, que

lhe soue caber: na boa face de seo quadro tem o velho os respeitos, as considerações, as honras, que toda a pessoa bem educada lhe deve e lhe vota; e o velho, que se quer fazer passar por moço e gamenho perde o bello de seo quadro, e fica com o feio em ambas as faces d'elle. Pois Bras-mimoso não se dava com isso: espartilhado todo no rigor do tom; com sua bella cabelleira de cabellos pretos; gamenho com rugas na face, engraçado sem sainete, vaidoso sem mesmo saber de que, perseguia as moças, como... como... tantos outros.

Elle investio para aquella interessante meia duzia de tentaçõezinhas com seis balas de estalo nas mãos: era o seo mar de rosas!.. no entender de Bras-mimoso a invenção das balas de estalo era o ultimo apuro do engenho humano.

As moças assim que o virão, começarão para logo a beliscar-se, e a trocar segredos e meins risadinhas: ora essa especie de cabala, nellas é sempre denunciada por um risido-sinho engraçado, do qual todo o homem, que conta em si uma oitava de juizo, tem mais medo, do que da mais estrepitosa trovoadã; porém Bras-mimoso não se dava muito com aquillo: tambem parece que a natureza, quando tivera de assoprar juizo na cabeça do joven quinquagenario, se achava com vêa para a homœopathia.

Pobre do meo Bras-mimoso! cil-o com ellas! um velho namorado no meio de seis genios de graças e travessuras,

— Sr.^a dona Adelaide, disse Bras-mimoso, venho

regar-lhe, que estale uma bala comigo.... oh! será um estalo mysterioso!...

— Pois não, senhor Bras, de todo o coração...

A menina pegou na bala com a ponta dos dedos... puxarão, e o papel rompeo-se sem estalar.

— Chôcha! exclamarão as moças rindo as gargalhadas.

Ora uma bala de estalo, que sae chôcha, é uma cousa horrivel para o gamenho: Bras-mimoso ficou espantado, como se nunca d'antes lhe houvera succedido tal, a'elle o non plus ultra estala balas!

— Uma outra, minha senhora ..

— Nada... respondeo a moça; a primeira saio chôcha, não quero mais.

— Então Sr. dona Emilia...

— Vamos... eu gosto muito de estalar balas com o senhor... bem... puxe!

— Chôcha!... exclamarão de novo as seis cassuistas...

— É que eu não comprehendo isto! disse Bras-mimoso, só se as senhoras não segurão na bala como manda a arte...

— Não senhor, não senhor... nós puaxamos direito; é porque o senhor não nos estima...

— Oh! minhas senhoras...

— Puxe comigo, senhor Bras, disse a terceira moça.

— Promptamente, senhora dona Camilla.

— Olhe.. eu pego bom junto da bala... puxe!

— Chôcha?...

— Ora! vocês estão mangando com o senhor Bras disse a quarta moça; querem vêr como estala?.. vamos comigo, senhor Bras.

Bras-mimoso pallido e desfigurado estendeo a mão a dona Rosaura..... era a quarta bala que pretendia estalar.... puxou...

— Chôcha!.. gritarão pela quarta vez as moças.

Bras-mimoso estava mesmo a ponto de chorar de vergonha: parecia-lhe que toda a sociedade tinha os olhos fitos sobre elle.... e elle desmentia o conceito, que tanto se gabava de merecer!

— Puxe comigo, senhor Bras disse dona Leocadia, puxe..

— Eit-a ahí.... murmurou o pobre homem quasi gemendo..

— Chôcha!..

Aquelle grito—chôcha — soava terrivelmente aos ouvidos do presumido velho como poderia apparecer ainda nas assembleas, elle o gamenho por excellencia, se em seus dedos havião consecutivamente fallado cinco balas!. Bras-mimoso estava ouvindo a cada passo esse grito fatal grito de maldição. —chôcha!..— Foi tremulo, e fôra de si, que automaticamente estendeo a ultima bala a sexta senhora.

Dona Felicia teve piedade delle.

— Oh!.... exclamou Bras-mimoso ouvindo o estalo, que trovão argentino!..

As moças desatarão a rir: com as risadas caio o ramo de cravos a Felicia, Bras-mimoso imme-

diatamente o apanhou, e beijando-o lh'o entregou ; mas quasi ao mesmo tempo escapou o leque da mão de Rosaura, o infeliz homem quando o levantou abaixou-se de novo para dar a Leocadia o lenço, que lhe caíra ; porem no mesmo momento tombarão os leques de Adelaide e Emilia, e Bras-mimoso, que os ergueo, vio, que de novo caíra o pendão de cravos de Felicia, e ao apanha-lo esteve a ponto de pisar nas luvas de Camilla.

Finalmente apiedadas do infeliz homem, as moças poserão termo a seo martyrio, e, para consola-lo cada uma lhe deo uma flor, e lhe disse sorrindo docemente o competente significado.

Bras-mimoso suando por todos os póros de seo corpo, recebeu as flores com enthusiasmo, e orgulhoso atravessou a salla com ellas no peito.

— Ande lá, senhor Bras, disse um moço ao vi-lo passar, o senhor é o querido das moças; mas trabalha!..

— Meo amigo, respondeo seriamente Bras-mimoso; sem trabalho não se conquista!

E saio da salla para concertar-se; porque graças às muitas vezes que se havia curvado para apanhar os objectos caídos, tinha ficado sem dous botões de sua esticada calça

No entanto Honorina e Rachel, alguns momentos depois de haver tomado chá, tinhão-se levantado e passeavão juntas. Apenas deixarão suas cadeiras, um elegante joven corteo para ellas.

— VV. EEx.^{as}, perguntou elle, estimarião honrar o braço de um cavalheiro?..

— Oh! foi Rachel, quem respon-leo, nós nos levantamos para conversar juntas e em liberdade; mas se V. S. se interessa por passear connosco, nós teremos prazer em agradar-lhe

— Minha senhora..... grande seria para mim a honra; mas o interesse de meo coração deve ser sacrificado aos desejos de VV. EEx.^{as} .. eu as deixo em liberdade.

— Este moço é muito civil disse Honorina, continuando a passear com sua amiga

— Sim, Honorina; contão se poucos homens, que como elle deixem de ser importunos.

— Certamente; tenho notado em todas uma urbanidade tam estudada, cumprimentos tam exagerados, palavras tam escolhidas, comparações tam multiplicadas, que...

— Que parece, que já as trazem de casa, não é assim?... pois até ali nada ha de novo; alguns são ainda supportaveis pela variedade de suas cortesias; mas uma grande parte, Honorina, diz-nos hoje, o que nos está a dizer ha cinco ou seis sarões passados; diz-me agora o mesmo, o que já te disse,

o que já havia dito a todas as moças, com quem tem conversado durante a noite: são cortesões a machado..... bellas casacas de lidalgo cobrindo corpos de rusticos aldeões....

— Rachel, tu fallas tam alto....

— Ora, Honorina, e quem manda a essas gralhas virem aqui mostrar-se com presumpção de pavões?... é que se faz preciso rirmos-nos muito dellas; porque

elles pensão que zombão sempre de nós: zombemos pois tambem... zombemos muito: olha, Honorina, uma boa parte desses senhores, que tanto nos cercão e nos cortejão, são tão tólos, como presumidos, e alguns ha ainda, tam presumidos, como insolentes!

— Mas tu és terrivel, Rachel!

— É porque tu não os conheces, como eu, Honorina: tu não sabes, o que é um joven presunido: por exemplo; dize; quantos hoje te hão asseverado, que és encantadora?... anda .. não çores assim .. estás fallando comigo: quantos?..

— Todos, com quem dançaí, Rachel.

— Pois bem, Honorina, elles fallarão por acaso a verdade; mas queres tu apostar . que qualquer desses senhores vai dizer, que és feia?..

Apezar de toda a sua simplicidade, Honorina não gostou da palavra —feia—: ella era mulher.

— Então, queres ou não?... repetio Rachel.

— A minha vista, Rachel?.. perguntou Honorina.

— Ora... a tua vista juraria de novo que és um anjo o mesmo, que tivesse dito, que és feia.

— Mas poderei eu ouvi-lo?..

— Sim... é possível.

— Pois acccito.

— Bem... oh a proposito... ali vai uma amiga minha, que nos póde servir: vem cá, Ursula...

— Adeos Rachel!, mas deixa-me, eu vou ao *toilette*..

— Não precisas: estás tam bella, como entraste ou mais ainda...

— Obrigada, meo senhor! quer saber onde eu moro?.. perguntou Ursula gracejando. —

— Deixa-te de graças, Ursula: temos negocio serio: primeiro que tudo apresento-te esta senhora, que é minha amiga do coração.

Ursula deo um beijo em Honorina, e voltando-se para Rachel

— E depois?.. perguntou

— Ouve: Honorina é nova em nossas assembléas; acha por isso exagerado o quadro, que lhe eu tracei dos nossos jovens cavalheiros...

— Oh! são anjos todos elles, minha senhora!

— Pois para dar-lhe uma fraca prova do que disse, eu propuz fazel-a ouvir ser chamada—feia—por algum ou alguns, dos que durante a noute lhe jurarão, que ella era encantadora.

— Pois a senhora duvida disso?..

— Não; mas sempre quizera ouvir.

— Nada é mais facil: mostre-me alguns desses senhores...

— Aquelles dous, que ali conversão....

— Oh por minha vida! exclamou Ursula; são meos apaixonados!...mas... separemos-nos... e por em quanto, minha senhora, sou a sua maior inimiga! Rachel toma cuidado no meo lenço, ouviste?

— Vai... e apressa-te.

Cinco minutos depois a espertinha dona Ursula, que se achava no vão de uma janella com outra moça, cercadas por alguns cavalheiros, fez com o seu leocincho branco um signal a Rachel.

— Agora, vem cá, disse Rachel a Honorina.

E dando uma volta para não serem vistas as duas moças espremerão-se na janella contigua a aquella em que estava Ursula.

A discussão já tinha começado. Os dous moços, que Honorina havia mostrado; estão lá.

— Mas eu digo, fallava Ursula que ella deve estar bem orgulhosa! tem sido tam incensada... tam requestada... eu não sei mesmo porque..,

— Porque é uma novidade...

— Tem dançado por empenhos!...

— Ora, minha senhora, tambem isso é exageração...

— O Sr. Daniel, e o Sr. Jonathas, por exemplo, morrião de paixão, se não tivessem dançado com ella!..

Os dous rapazes começarão a dar satisfações tentarão livrar-se da moça jogando a arma feliz com que quasi sempre se faz as pazes com uma senhora..... fazendo-lhe elogios.

— Em todo o caso, dona Cherubina continuou Ursula fallando com a moça, que lhe estava ao pé; nós devemos estar descontentes, e mesmo despeitadas: aquella senhora foi uma apparição terrivel, que nos veio fazer mal.... nós nos temos achado sós toda a noute!..

— Que injustiça! bradou Jonathas, eu não me lembro de haver jámais perseguido tanto a V. Ex., como hoje!

— Elles fizerão uma comparação entre nós e ella, e a declararão princeza; concedendo-nos, talvez por compaixão, o grão de suas vassallas...

— Meo Deos!.. meo Deos!... como se julga mal de um pobre homem!...

— Paciencia, dona Cherubina, paciencia!.. é preciso ceder a palma a belleza do dia..... o nosso reinado passou..

— Mas quem é a belleza do dia?... perguntou Daniel.

— Quem?... o seo par da segunda contradança...

— Misericordia!..

— Nega, que os senhores a tem achado a mais bella moça do sarão?...

Daniel olhou para Jonathas.

— Nego! disse Jonathas.

— Seria uma blasfemia!.. disse Daniel.

— Oh!. eu os comprehendo! ao pé de mim fallase desse modo; mas d'aqui a pouco os Srs. se vingão desfazendo-se em elogiar a sua figura...

— Figura sem expressão... minha Sr.ª, disse Daniel, torcendo o nariz.

— A sua belleza!..

— Que belleza!.. é uma flor desbotada... sem aroma.. disse Jonathas.

— O seo espirito...

— Espirito?... espirito de mudez: é uma estatua.

— Uma estatua... sim, meos senhores; estatua de Venus, é o que querem dizer...

— Pois bem, tornou Jonathas uma estatua de Venus feita por mãos de esculptor caloiro.

— E o senhor Daniel, que é tam apaixonado da cor pallida...

— Sim.. aprecie., amo muito a cor pálida....
como, por exemplo, a de V. Ex.^a; porém a della..

— É transparente... diaphana... romantica..;

— Repulsiva... repulsiva, disse Daniel.

— Repulsiva?..

— É uma defunta viva, minha senhora! acrescentou
Jonathas.

As duas moças começaram a rir-se; e os dous cavalheiros continuarião a dizer ainda melhores cousas de Honorina, se a orchestra não os chamasse para a quinta quadrilha.

Portanto uns e outros se separarão e um momento depois Ursula estava junto de Rachel e Honorina.

— Então?.. , perguntou a Honorina.

— Agradeço-lhe muito, minha senhora: juro-lhe que forão os minutos mais agradaveis, que tenho passado esta noite.

— É verdade, Ursula; a nossa Honorina ouviu tudo com o ar o mais divertido do mundo.

— E hesitará em divertir-se tambem com elles?..

— Oh não!. não, minha senhora!. muito simples deve ser a mulher, que não souber fazer de um homem um bobo, com quem se ria!

— Bem!.. bem!..

— Honorina, disse Rachel, eis um dos teos apaixonados.

— O senhor Jonathas..

— Que te chamou defunta viva.

— Vem buscar-me para dançar com elle; tornou Rachel.

Jonathas chegou e offereceo a mão a Rachel.

— Senhor Jonathas, disse Ursula, apresento-lhe a mais bella aquisição de nossas assembléas: a minha noiva e querida amiga a senhora dona Honorina: não concorda, que é uma joven encantadora?..

— Appareceo-nos, senhora como um anjo caído do Céu!....

— Honorina levou o lenço a bocca... mas foi impossível sostê-lo: soltou uma risada.

XIV.

Fim do sarão.

No fim da quinta quadrilha Lucrecia sentou-se junto de Honorina, e esperou ansiosa pelo momento de sua vingança-sinha de moça : quando a orquesta deu o signal desejado ella lhe perguntou.

— Com quem dança esta quadrilha, minha senhora? . . .

— Juro-lhe, que me não lembro : eu não conheço aqui ninguém : pedirão-me contradanças. . . disse que sim ; e espero que me venhão buscar.

— Oh ! quizesse o Céu que ficasses sentada, Honorina, eu não danço agora, e passeariamos sóz.

— Rachel, eu tambem o desejo ; mas tenho medo de o desejar em vão.

— Preferes tu passear comigo a dançar a sexta quadrilha? . . .

— Sim. . . mas. . .

— Pois vem cá ; vamos para o *toilette* e desceremos para passear, quando a quadrilha tiver começado.

— E o cavalheiro, com quem me cumpre dançar? . . .

— Virá buscar-te, e não te encontrando, procurará outra senhora.

— Porém, Rachel, deve-se fazer tal?.

— Ora... ora... ora... quando eu digo que tu és simples de mais, Honorina!.. escuta todas nós, quando temos pouca vontade de dançar, ou o não queremos fazer com algum cavalheiro, com quem a civilidade nos obrigou a engajar-nos, apellamos sempre para o *toilette*: não pôde haver melhor desculpa! estive concertando o cabello... fui pregar um colchete, que se rebentou... &c. &c. &c. são cousas, que se dizem, e que devem contentar.

— Porém, Rachel, deve-se fazer tal?..

— Deve-se, Honorina; é mesmo uma compensação; porque muitas vezes os nossos cavalheiros nos deixão ficar sentadas entretidos e collados na mesa do *écarté*: ora, é muito mais natural e muito menos reprehensivel, que uma moça se esqueça de um cavalheiro preza defronte do toucador, do que que um cavalheiro se esqueça de uma senhora por um baralho de cartas; por consequencia anda... VAMOS... vem esquecer-te...

— Eu não sei...

— Más para que ha-de deixar de dançar?.. perguntou Lucrecia affectuosamente.

— Para passear comigo, minha senhora; respondeo Rachel, levando Honorina pela mão, e quasi a força.

A viuva ficou exasperada com tam imprevisto con tratempo: com frieza acompanhou Octavio que a veio receber, e dançou sem prazer algum.

No entanto Rachel apenas sentio, que a quadrilha tinha começado, tomou o braço de Honorina, e dis-se sortindo-se;

— Agora, que já te esqueceste, e que já concertaste o teu cabelo, desçamos para passear.

E as duas moças descerão, e dirigindo-se ao terrado, farão atravessando a sala do jogo.

— Quanta gente! disse Honorina; todo esse mundo, Rachel, diverte-se jogando?..

— Sem duvida... o que tem isso?..

— É que deve ser um jogo bem interessante.

— Sim... sim... é o *écarté*; jogo um bocadinho menos complicado, do que o diabrete.

— Ora, Rachel!

— Como queres que te diga, Honorina?

— Então aquella gente toda...

— Empenha-se por ganhar ou perder dinheiro da maneira a mais desenhada do mundo.

Nes-e momento e quasi ao mesmo tempo Honorina e Rachel entravão no terrado, e Thomasia saia d'elle.

Thomasia tinha soffrido uma contrariedade no meio de sua gloria dessa noute: o cavalheiro que lhe havia pedido a sexta quadrilha, a tinha deixado ficar sentada, e Thomasia, quando não dançava, ou brigava com Venancio, ou arquejava.

Ha um costume velho nos sarões: ali se contão certos moços, que querem dançar sempre é a todo o custo; e se encontrão todas as moças engajadas, atirão-se para dous lados da sociedade, os quaes elles considerão talvez como dous esquadrões de reserva: são as creanças, e as senhoras idóssas; ahi vão elles encher o numero das quadrilhas, que lhes faltão;

porém se no correr do sarão apparece alguma joven, que os queira ouvir, os meos senhores não tem duvida nenhuma de deixar esperando inutilmente tanto a velha, como a creança, que a vão buscar para a quadrilha.

A Thomazia tinha succedido pouco mais ou menos isso mesmo: seo promettido cavalheiro tinha deparado com uma joven piedosa, e para logo esqueceuse completamente de Thomazia, apesar mesmo de ser dona da casa.

Era por isso que Thomazia se achava em horas de tempestade: ardendo em desejos de encontrar em quem despejar seus furores, sua boa fortuna lhe mostrou o pobre Venancio, que se dirigia para o interior da casa.

— Onde vás, Venancio?..

— Thomazia vou ver, como vai isto cá par dentro....

— E que tem o senhor com o que vai pelo interior da casa?... não sabe que isso pertence ao cuidado das senhoras?...

— Está bem, Thomazia, não te affijas... estás tam colerica....

— Colerica?... e como não estar, se sinto a todos os momentos, que me acho casada com um tolo, um agua-morna, que para nada serve...

— Oh senhora, nem mesmo agora me deixa descançar?!!

— Vamos... vá para a sala... ou mesmo será melhor que fique cá dentro para me não envergonhar.

— Então, Thomazia, disse pacificamente Venancio; queres que vá ou que fique ...

— Quero que me não exasperes... bradou a mulher; anda.... dá-me o braço, e conduze-me a sala.

O pobre homem chegou-se para ella, e torcendo-se com a dôr dos beliscões, que recebia, a foi acompanhando com os labios enfeitados pelo sorriso mais mal fingido do mundo.

No entanto Honórina e Rachel se havião assentado juntas em um dos bancos do terrado, e conversavão alegremente; quando entrou um joven, que poderia ter pouco mais ou menos vinte e dous annos, e que se foi sentar defronte dellas triste e pensativo.

As duas moças com uma rapida vista d'olhos fizeram um completo exame do recém-chegado: era moço, magro, e de estatura ordinaria: tinha bellos cabellos loiros, que lhe cabião em anneis em redor da cabeça: estava pallido e triste, o que não deixava de dar alguma graça a seo rosto sympathico, e talvez bonito para rosto de homem: vinha vestido todo de preto e de gravata branca, e prendendo a fina camisa um rico alfinete de esmeralda: calçava emfim botins envernizados. A figura graciosa e modesta desse joven tocou notavelmente as duas moças: como elle se conservasse silencioso e com os olhos fitos no chão. ellas começarão a fallar em voz baixa.

— Quem é?.. perguntou Honorina.

— Eu não sei; respondeo Rachel; não me lembro de ter visto este moço.

— Está vestido sem exageração, e com elegancia. .

— Traz ao peito um alfinete de esmeralda... a
côr verde quer dizer esperança ; então é porque elle
tem alguma esperança no coração.

— Olha... elle não é feio.

— E está melancolico e pensativo... em que pen-
sará elle ?...

— Meo Deos... eu não posso adivinha-lo.

— Pois pergunta-lhe.

— Rachel! tu julgas-me doida?...

— Não.... mas tinha vontade de saber, em que
elle pensa.

— É que tu és muito curiosa, Rachel.

— Mas, não, Honorina: é que é muito máo cos-
tume vir um moço sentar-se melancolico e cabisbaixo
defronte de duas moças... e pensando... pensando em
que?..

— Olha... elle suspirou: Rachel, saímos d'aquí.

— Porque?... pelo contrario, demoremos-nos.

— Olha... suspirou outra vez...

— Coitado! Honorina! pergunta-lhe se está doente.

— Eu !... Deos me livre.

— Pois então pergunto-lhe eu.

— Rachel !...

— O senhor está incommodado?... perguntou a mo-
ça em voz alta.

O mancebo pareceo estremecer, ouvindo a voz de
Rachel, levantou a cabeça, e fitou nas duas moças
dous olhos cheios de fogo.

— Perdão, minhas senhoras disse elle com voz

commovida, perdão, se tenho commettido alguma falta!.. eu não sei de mini mesmo!..

— Está doente?.. perguntou outra vez Rachel.

— Calla-te, extravagante! disse Honorina ao ouvido da amiga.

— Oh!.. muito doente.... respondeu o moço animando-se; muito doente na verdade!... na minha cabeça está um fogo que me devora: no meo coração se cria... se agita um sentimento, que eu nunca experimentei até bem poucos dias, mas que hoje é já sufficientemente forte para fazer-me desgraçado!....

— Ora está, o que tu querias ouvir; já sabes, em que elle pensava?.. murmurou Honorina ao ouvido de Rachel.

— Espera, tola, deixa ouvir a relação da molestia do moço: disse Rachel e voltando-se para o mancebo, continuou; e portanto veio ao sarão para distrahir-se: tem passado melhor?..

— Cheguei agora mesmo, minha senhora.

— Ah! pensei, que tinha estado cá desde o começo...

— Eu não sabia deste sarão .. não fui convidado... não conheço aqui ninguém...

— Então?..

— Passei .. ouvi tocar... entrei: ninguém me perguntou quem eu era; cheguei até aqui: a primeira pessoa, que me fallou foi V. Ex.³

— Mas... quasi uma imprudencia: podião tê-lo tratado mal.

— Pois se eu digo que eston louco!.. que padeço, e

não sei o que tenho... oh!... não! isso não : eu sei bem, o que padeço.

— Por tanto...

— Eu amo.

As moças não disserão palavra.

— É uma nova imprudencia, que pratico, estar occupando a attenção das senhoras com a relação dos meos soffrimentos; mas eu preciso fallar para consolar-me!.. Eu amo... muito ! como ninguém amou ainda ! amo uma virgem bella innocente e pudibunda : e ella não sabe, o que eu soffro, ignora a paixão, que por ella nutro ignora que vou morrendo pouco a pouco... em silencio... com o meo segredo escondido no fundo de minha alma. Dero eu fazê-la corar diante de mim perguntando-lhe se tambem me ama ?.. ou se me paga com ingratição?..

— Como terá sempre de chegar a esse extremo... disse Rachel

— Oh !.. não !.. balbuciou Honorina.

— Eu penso como a senhora : continuou o maneho : fazê-la corar a minha vista, não : seria de mais para ella. Eu tenho estudado um meio... VV. EEx.^{as} me tem tratado tam agradavelmente, que não besito em confessar-lhes tudo.

— Vamos... Rachel, vamos para dentro.

— Não... deixa o senhor acabar.

— Minhas senhoras, o meo projecto é filho de um sonho : é um sonho pois que eu quero realisar. Eu sonhei que me havia encontrado com a joven.

que me fez enlouquecer de amor; não querendo implorar ali a sua gratidão, mas, desejando merecê-la; fingi uma paixão... contei uma historia, e disse que para saber, se era ou não amado, em uma manhã a mulher, que eu amava, acharia sobre a janella de seo gabinete uma sempre-viva..... se ella fosse grata... guardaria a flor; se me desprezasse, deixá-la-hia cair para o lado de fora.

— É um bonito sonho, disse Rachel.

— Que continua ainda, minha senhora. No dia seguinte, a joven senhora, que eu amava, e a quem havia contado a minha historia, quando acordou achou em cima da janella de seo gabinete uma sempre-viva!... lembrou-se de mim... lembrou-se do homem, que a adorava...

— E o que fez?... perguntou Rachel.

— Despertei nesse momento, minha senhora! ficou pois o sonho incompleto; mas eu quero aproveitar-me delle... realisa-lo... para vér no que acaba...

— Rachel... Rachel... vé como chega tanta gente... tu és louca Rachel!..

— Sim... disse o moço: é a multidão que chega... a multidão que me peza: devo sair - minhas senhoras; agradeço a obsequiosa attenção, com que fui ouvido: o soffrimento a merecia!..

O moço como para não ser conhecido escondeo parte do rosto com o lenço, e desapareceo no meio da multidão: Honorina e Rachel não o virão mais, durante o resto do sarão.

Aquelle mancebo, cujo nome as duas moças igno-

ravão, mas que tinha uma figura nobre e sympathica, e uma voz tam doce, como commovida; deixou no espirito de ambas uma sensação serena e agradável.

O sarão terminou as duas horas da manhã.



XV.

O bateleiro.

Pouco antes das tres horas da madrugada Hugo de Mendonça e sua bella filha desembarcavão de um carro no caes da rua fresca. A velha Emma não tinha podido consentir, que a sua Honorina dormisse aquella só noute na Côte; e como havia sua condescendencia chegado ao ponto de relevar, embora a custo, que a menina se expozesse aos horriveis perigos de um sarão, força foi fazer-lhe a vontade tambem, voltando para junto della logo depois de terminado aquelle.

Apenas chegados ao caes um moço alto e assalvado se chegou a Hugo: apesar de ser noute conhecia-se ao primeiro olhar que era homem de mar: calçava grossos sapatos, não trazia meias, suas calças erão de ganga azul, e já ruças de tam usadas que estavam, e enfim vestia um quimão de haeta preta. Tendo seo chapéo em uma mão, e o cigarro na outra elle fallou a Hugo de Mendonça, com essa voz aspera e grossa tam commum nos patrões de nosses barcos.

— Meo amo; meo pai, que tinha ficado de esperar por vossa senhoria, lá se foi metter na cama com o maldicto achaque de erysipela, que o persegue ha vinte annos, de sorte que estou eu aqui em logar delle as ordens de meo amo.

— Ser levado a Nictheroy pelo senhor ou por elle, disse Hugo, com tanto que vamos lá ter com promptidão e salvamento, é para mim indifferente.

— Lá isso não tem dúvida meo amo; eu conheço a bahia do Rio de Janeiro como as palmas de minhas mãos.

— Pois então ao largo!

O batel soltou-se e navegou para a joven capital da provincia do Rio de Janeiro.

Honorina tinha encarado o patrão, e examinava seus rudes traços, sua cor vermelha e tostada, e dous olhos vivos e na verdade bellos, cujas vistas, sem expressão sim; mas certamente brilhantes erão por desleixo do marinheiro meias-nubladas pela enorme massa de longos e mal educados cabellos pretos, que lhe caião toscamente sobre os olhos.

O exame da moça pareceo incommodar ao rude patrão, que começou por coçar com força as hastas e crescidas barbas, que lhe escondião tres partes do rosto, (unico ponto de cõtacto, ou antes de semelhança que na opinião de Honorina se dava entre elle e alguns dos jovens da moda, com quem acabava de estar no sarão); mas como visse que nem assim a joven arrancava os olhos de sobre elle:

— Juro, disse, que estou incommodando a senhora com o fumo do cigarro...

— Não, não; respondeu a moça, pôde fumar: é vordade que me dou mal com o cheiro do fumo; mas agora o vento, que sopra, o leva para longe de nós.

— Como estava olhando para mim ha muito tempo, eu pensei, que era por isso.... e pelo sim pelo não cigarro na agoa.

E atirou com o cigarro no mar. Os pretos que remavão, começaram a conversar em seo selvagem idioma, e rião-se maliciosamente.

— O lá. bradou o patrão com voz estrepitosa, seja como for, quem manda aqui agora, sou eu.... leva de risadas!..

Sua voz aspera e rude tinha tomado um tom bravio; seo rosto exprimia algum sentimento mais forte, do que o que nasce de uma contrariedade: em seos traços quasi que transpirava a colera.

Honorina teve receio desse homem, e arrependeo-se de haver olhado para elle.

— Perdoe-me, disse ella com voz tremula perdoe-me! quando eu olhava para o senhor não o queria offender!..

E olhou, como que implorando protecção para seo pai, que havia insensivelmente adormecido. Ella teve o pensamento de desperta-lo; porém sua mão, que para isso ia tocar nelle, caio-lhe de novo no collo, ao escutar outra vez a voz do marinheiro.

O receio... talvez o susto da bella passageira não tinha escapado aos olhos vivos e ardentes do joven maritime: seo rosto grosseiro se ameigou um pouco; como um leão que se curva apiedado diante da fraqueza e da innocencia, elle abaixou e fez mesmo por adoçar um tanto sua voz agreste, e disse:

— Fui eu que offendi a senhora: com esta minha
Vol. I. 23

falla bruta assustei-a; a senhora olhava para meo rosto, e vio cara de um bixo..... depois ouvio minha voz, como o uivo de uma fera, e teve medo... perdoe-me!... perdoe-me!.. tirando disto, eu não sou máo.

— Senhor.: eu não estou offendida....

— Descanee... olhe seo pai como dorme; porque me parece que este homem é pai da senhora.... durma tambem....

A moça obedeceo maquinalmente ao conselho do marinheiro: encostou o lindo braço todo nú na borda do batedel, e pousando sobre elle a cabeça, fechou os olhos.

Mas Honorina não queria, nem podia dormir: primeiramente as ultimas palavras do patrão não tinham totalmente dissipado todos os seus receios: quem sabe porque dezejava elle que ella dormisse?... o pensamento de que aquelle homem poderia ser um malfeitor... um ladrão talvez, appareceo em seo espirito; mas temendo desafiar outra vez sua colora, se patentesse a desconfiança, que sentia, acordando seo pai; ella fingio adormecer; porém o joven marinheiro continuava a mostrar-se sosegado e já respeitoso; e quando fallava aos remeiros, sua voz parecia abrandar-se de modo, que semelhava menos uma ordem, que uma supplica. E pois as idéas desfavoraveis que sobre elle tinham apparecido no animo de Honorina, começarão a esvair-se pouco a pouco.

Depois; póde uma joven senhora voltar de um agradavel sarão sem pagar o tributo das lembranças?....

Perguntai a toda essa bella turba de moças e man-

tebos o que se passa durante o resto da noute, que se queimou na pyra dos prazeres de um saráo; e a uma voz vos responderáo: «ah! recorda-se, se se velal... sonha-se... quando se consegue dormir.»

Recorda-se, si n, todos aquelles eloquentes obsequios, aquellas palavras de sentido obscuro para todos e bem claro para só ella, que as ouviu, e que as recorda!.. recorda-se, sim, o mancebo d'aquella interessante senhora... toda graças.. toda espirito, que lhe arrastava o coração e os olhos, quando walsava; que lhe prendia a alma inteira nos ouvidos quando lhe fallava... recorda-se com saudade... mais do que com saúde de um simples — póde ser... — de um doce — ta'vez.. — murmurado com os labios quasi cerrados, e que ainda assim soa tam ternamente no coração; um doce — talvez!.. — palavra magica! primeiro élo dos amantes! fonte das primeiras esperanças! — talvez... — expressão sublime... tam sublime no principio de um amor nascente, como só o é no fim d'elle o — eu vos amo! — da mulher que se adora; recorda-se mesmo com interesse de um duvidoso — quem sabe?... — de um triste — não sei: — apesar de toda à sua barbara fria'dade!...

E sonha-se tambem: oh! sonha-se muito! e ainda com o mesmo pobre mancebo, que a seguio inutilmente toda a noute... sonha-se com o seo olhar de fogo que embebido nos olhos della pareceo querer penetrar até sua alma para lá plantar o sentimento que dardejava!.. sonha-se com o sorriso angelico da encantadora moça, que lhe deo uma innocente flor..

sonha-se com aquelle suspiro, que se apanhou des-euidado... com aquelle pé, em que se tocou por accaso.... com aquelle collo de alabastro onde dous thesouros se deixavão adivinhar tam bellos!.....

— Leva remos!... disse o joven patrão; porque chegavão a praia.

O batel arrastou seo hojo sobre a arca, e quando a prancha cahio o marinheiro despertou a Hugo de Mendonça e a Honorina com a menor rudeza que pôde.

— Chegamos, disse elle.

— Bem...bem... obrigado.... saltemos Honorina.

Honorina ergueo-se, e procurava as luvas, que havia posto sobre o banco.

— Eis aqui uma, senhora, o vento a ia lançando no mar, em quanto a senhora dormia... foi por isso que parou em minhas mãos.

— Obrigada, respondeo a moça, a outro eu tenho cá.

Mas no momento de calçar-las Honorina olhou com surpresa para o joven marinheiro, que ao pé della se mostrava triste e submisso.

Hugo e Honorina desembarcavão: e o patrão, que recebeu o seo dinheiro os vio partir.

Que a luva estava nas mãos do marinheiro Honorina o sabia, quando parecia procura-la no banco; porque ella, fingindo dormir, velara durante toda a viagem, e vira tudo quanto se tinha passado no batel.

Primeiro, ella notou, que o batel um instante se desgovernára... ou talvez seguia rumo diverso do que devera seguir, e o joven patrão, que tam sabido se jactára de pilotagem, chamou a um dos remeiros, e por algum tempo lhe entregou o leme.

Depois ella sentio, que quando o batel se achou defronte da barra, o vento refrescou, e foi então, que uma de suas luvras levantada por elle teria com effeito caído no mar, se o joven marinheiro a não tivesse tomado.

Emfim ella reparou tambem, que elle em lugar de tornar a por a luva, onde estava, beijou - a muitas vezes... deo-lhe mil voltas, e por ultimo guardou-a junto do coração.

Receiosa ainda do que vira; supondo aquelle homem tam rude... tam mal educado ousado de mais por interessar-se tanto por um simples objecto, que lhe pertencia, e não querendo por isso deixa-lo em suas mãos, Honorina fingio procurar a luva que lhe faltava, no banco, onde a tinha posto.

Quando a recebeo das mãos do marinheiro... ella a achou quente ainda do calor d'aquelle peito grosseiro; apesar disso querendo calça-la, fez um movimento de surpresa; porque dentro da luva estava alguma cousa de mais..... guardou silencio então por temer, que seo pai podesse, ter uma disputa com um homem tam selvagem; e fingindo nada haver percebido, partio com as mãos nuas.

Depois ella poderia fallar, e dizer a seo pai, quanto passara; mas Honorina pensou que iria affligir

• seu bom velho; além de que não deixava de sentir alguma curiosidade de saber o que continha a luva.

Com taes pensamentos chegou a casa. Emma esperava cuidadosa; recebeu nos braços a querida netta, a quem achou mais pallida, e por de mais fatigada: graças talvez a isso foi-lhe para logo permitido retirar-se para seu quarto em companhia da boa Lucia.

No entanto logo que Hugo de Mendonça e sua filha desaparecerão aos olhos do joven marinheiro, este fez certo signal a um dos remeiros, que immediatamente, apertando o labio inferior, solou tres assobios.

Alguns minutos depois um velho, cujos vestidos em tudo se parecião com os do moço patrão, chegou-se para este.

— Então, meo cavalheiro disse o velho.

— Aqui está o seu dinheiro, patrão; respondo • moço, tres mil réis, que deveria receber dos seus passageiros, e o dobro dessa quantia, que lhe prometti.

— Obrigado, senhor... senhor... ah! verdade que ainda me não disse a sua graça.

— Nem creio, que seja precisa dize-la: não entrou isso no nosso ajuste.

— Tambem foi só por perguntar... eu cá não sou curioso; mas conte-me, como se houve... o certo é que o mar esteve de rosas...

• Todavia desgovernei uma vez... vi-me doido entre

os navios... e a maldicta voz de bronze, que me foi preciso fingir!.. emfim está passado: agora pertence-lhe o resto: o senhor jurou-me não dizer palavra.

— Pôde ficar certo, que eu cá para isso sou um poço.

— Optimamente. E pretende ir dormir?..

— Quando está para amanhecer, senhor?..

— Tanto melhor: dentro de uma hora parto para a côrte; quer levar-me?..

— Sem dúvida.

— Bem: eu volto immediatamente.

Com effeito huma hora depois um interessante mancebo, cujos vestidos sem dúvida muito decentes estavam todavia em sensuravel desalinho, saltou dentro do batel, que regressou para a Côrte: uma metamorphose completa se havia pois operado no marinheiro de cabellos pretos.

— Mãi Lucia! mãi Lucia!.. dizia Honorina a sua ama, tendo um pequeno papel diante dos olhos, eis aqui!.. é por tanto sempre elle!...

— Quem, mesina?..

— O homem que trabalha por enlouquecer-me!... que põe uma carta debaixo da janella de meo quarto... que se veste de cabellereiro para cortar um anel de meos cabellos, que se veste de marinheiro para viajar comigo, e deitar um escripto dentro de minha luva!..

— Pois elle escreveo..

— Sempre as mesmas... as minhas próprias palavras!..ouve: a Honorina! eu te amo! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor . é por força bem bello!....»

— E por tanto é que elle lhe ama muito!

— Oh!...mas quem se esconde é porque teme sauzar horror!...

— Senhora!...

— Está bem, mãe Lucia, eu quero dormir..... e amanhã que me deixem na cama até bem tarde.

— Pois será assim, tuenina. Boa noute!

— Boa noute!...

Mas como dormir?... como conciliar o sono, quando se tem tanto em que pensar, tantas idéas a ligar, e sobre tudo um mysterio a decifrar?... podem Honorina lutou em vão com esse mysterio: o homem, que a amava nunca lhe tinha apparecido tal qual era; havia se mostrado sempre ridiculo ou estúpido... com uma cabelleira ruiva, ou com uma de cabellos pretos... longos e tam grosseiros, que parecião nunca haver conhecido um pente e ser bem capazes de rebentar o mais forte que primeiro ouzasse querer doma-los!... era por força feio... detestavel... horrivel o homem que se escondia assim.

E do feio... detestavel... horrivel o pensamento de Honorina fugio procurando um objecto bonito... e amavel, em quem por alguns momentos, ao menos, pousasse; e pousou na imagem do Moço Loiro.

que se havia sentado. no terrado triste e pensativo defronte della e de Rachel.

Oh! aquelle mancebo, apesar da extravagancia e leviandade que mostrou fallando tam imprudentemente de seos amores a duas jovens desconhecidas, deveria ter deixado no animo de Honorina uma impressão bem agradável e talvez bem perigosa para que ella, com o pouco tempo que o vio, se lembre taõ bem delle, que sua imagem a ocupe por momentos.

Com effeito Honorina tem diante de si a graciosa figura do apaixonado mancebo: ella o vê ora melancolico e pensativo suspirando silencioso... depois com sua cabeça levantada... seos cabellos-loiros cahdos em bellos caixos sobre as orelhas... seos brilhantes olhos dardejando vistas de fogo... ella escuta sua voz doce e commovida.... enleva-se vendo o triste sorriso de seos labios... enfim ella o vê partir... escapar-se por entre a multidão, que entra na terrado, com o lenço sobre o rosto, como para não ser conhecido.....

Mas a imagem, que desapareceo, volta de novo para repetir-se a mesma scena... duas... trez... mil vezes até o romper d'aurora.

É que em seos soahos de innocencia e de amor Honorina tinha desde muito tempo muitas vezes soanhado uma bella imagem de phantastico mancebo, que aquelle moço venturoso viera realisar!...

A natureza havia despertado com a aurora e o ruido que traz o dia arrancou Honorina de suas meditações.

A moça lembrou-se pela primeira vez de si própria, e sentio então, que sua cabeça ardia... que ella não estava boa... que ella estava talvez proxima a padecer tambem a mesma molestia do Moço Loiro.

Semelhaute idéa fez estremecer Honorina e pois apertando a cabeça com as mãos exclamou:

— Não! não! meo Deos! is-o não!

E cerrou as palpebras para nada ver; e cubrio a cabeça para dormir.

Mas apesar della a imagem do Moço Loiro vinha outra vez para diante de seo espirito como uma doce harmonia, que se tem ouvido, que se deseja esquecer, e que se está repetindo no pensamento sem querer !..

Honorina erqueo-se espantada, do que se passava nella, e atirando-se fora do leito exclamou de novo:

— Não! não!..isso não, meo Deos!..

Lucia, cuja camara era immediata a de Honorina, e que ouvio a exclamação della, temendo alguma novidade, veio vêr a sua querida filha; mas ficou estatica e silenciosa observando - a da porta. Honorina desassocegada e allieta correo para a janella. abriu-a levantou a vidraça para deixar entrar as auras da manhã, e...recnou surprehendida....

Na janella estava deposta uma sempre-viva, e por baixo desta um papel com algumas linhas escriptas.

Uma sempre-viva!.. Honorina lembrou-se, do sonho do Moço Loiro. Por consequencia a joven adorada era ella!..

Depois de alguns momentos de excitação ella tirou o papel que estava por baixo da flor, e leo: «Honorina!.....se ella me for grata, guardará a flor; mas se me desprezar, deixa-la-ha cair para o lado de fóra.... foi o meo sonho: ah! eu te amo! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo que ainda quando acaba na desgraça e na morte, com tanto que seja sempre o mesino amor é por força bem bello!...»

— E por tanto, murmurou Honorina tremendo; mas levando insensivelmente o papel até junto do coração, e por tanto o Moço Louro era elle!..

Depois como cedendo a um impulso repentino, a moça lançou-se para a janella... ia atirar a flor para fóra,...mas antes que sua mão tocasse nella, o zephiro da manhã, que com doçura soprava fez a sempre-viva rolar brandamente pela janella até tombar dentro do quarto.

Como levada pela força de um milagre, Honorina olhou sorindo-separa a flor, e disse:

— Oh!.. ainda bem que não fui eu.... foi o teu sopro, meo Deus!..

E sentando-se junto do toucador com a face poisada na mão, esteve em silencio muito tempo com os olhos fitos na flor... depois soltou um suspiro, e adormeceu.

— Quando Lucia vio, que ella dormia, cerrou mansamente a porta, e retirou-se, dizendo em voz baixa:

— Ella o ama,

XVI.

Resultados do sarao.

Portanto o sarão de Thomazia não tinha sido infecundo.

Nós vimos como uma moça, que para elle fôra com o coração virgem de amor, voltára possuida de um sentimento novo para ella, e que talvez, apezar seo, seja o proprio, que não conhecia. E nós vamos ver, que outros corações ha, nos quaes essa noite deixou vestigios mais ou menos profundos, e impressões duradoras.

Uma mulher na primavera de sua vida, bella para conquistar os olhos, pallida e graciosa para inflamar o espirito, des que a veem, havia apparecido nesse sarão, e involuntariamente arrancado a palma da victoria aos mais encantadores, e vaidosos semelhantes: essa mulher pois devia ter dado origem a dous sentimentos oppostos. . .

Era o que tinha realmente acontecido.

Simple, modesta e formosa, Honorina, deixando o sarão, arrastára apoz si, sem o querer, sem pensar em tal, vinte corações de mancebos: cercada de adorações, victoriosa sempre, a mais requestada entre todas, seguio-a, em compensação, a inveja de algumas, o ciuime de outras, e o desagrado da maior parte das moças.

Mas ou porque o amor, quando não correspondido, é (para alguns) como uma exalação etherea, que se esvae de subito ; ou porque o coração dos nossos manebos seja para esse sentimento, como o espelho, que reflecte a imagem de todos os semblantes, e todos os semblantes esquece desde o instante, em que lhe fogem; ou porque enfim muitos sabem amar em triste silencio, e fazer do proprio coração um tumulto para seo amor não accito; alguns dos adoradores de Honorina não ousarão apresentar-se mais.

Muitos padecentes infelizes, contentarão-se, porque mais não podião, em ir todos os dias passar duas vezes junto ao gradil da bella casinha de Nictheroy, derretendo-se-lhe os olhos sobre o banco de relva, no qual tinhão, por accaso, visto Honorina descansando um momento.

Outros aproveitando-se da amizade, que entretinhão com o pai da moça, lá fôrão queimar suas almas no fogo dos olhos della, e poserão em tributo a paciencia de Hugo, e da velha Emma, a quem pagavão horas inteiras de maçada com o offerecimento de pitadas de optimo rapé.

E porque seja destino de toda a moça bonita contar sempre entre seus serios apaixonados, algum tolo ou impertinente, Honorina tinha tido a desgraça de agradar tambem a Bras-mimoso, e a Manducas.

Mas essa moça, a quem já conhecemos tam ardente tam entusiasta e (digamos assim) tam nascida para amar, conservava-se no meio de tanto fogo, insensivel e fria.

Nem o mais leve favonio de esperanza tinha conseguido um só de seos apaixonados.

Mas o objecto do amor de tantos homens devia ser o do despeito de dobrado numero de senhoras.

Com effeito ellas havião sido feridas em dous pontos por de mais sensiveis. Aquelle ardor, com que no sarão todos os cavalleiros procuravão dançar com Honorina, a deserção cruel, que cada bella senhora notou no círculo de seos adoradores; a multidão, que cercou acompanhou e insensou durante toda a noute a joven romantica; aquelles cem olhos de elegantes mancebos, que estavão sempre embebidos no rosto della; mil episodios, mil pequeninos incidentes, nenhum dos quaes escapou nem podia escapar, tudo pareceo dizer, tudo disse a Honorina—tu és a mais bella! —

E no meio de cincoenta moças dizer a uma—tu és a mais bella... tu és a rainha! — é ferir e torturar o amor próprio de todas as outras; e o amor próprio é o — noli me tangere—da mulher: é levantar aquella até um ponto, onde não podem chegar as outras; mas para onde ellas mandão por si —o despeito.

E sobre esse golpe, que foi commum a todas, caio um outro que ferio principalmente a uma.

Octavio não podendo resistir á força dos encantos Honorina, amou-a mais do que todos os seos competidores; amou-a ardente, e loucamente; amou-a, como nunca d'artes tinha amado.

Lucrecia, a antiga dama dos pensamentos de Oc-

tavio, Lucrecia habil, e perspicaz comprehendendo desde logo que seu amante faltava aos juramentos tantas vezes repetidos, que a traia emfim!

E Honorina era a causa, embora involuntaria, dessa traição!

Exasperada porque via acima de sua vaidade a cabeça angelicá de uma moça encantadora; exasperada, porque amava sempre e muito a Octavio, Lucrecia queria vingar-se; mas em todos os projectos de vingança o meio... e a victima era sómente Honorina.

Desde o instante da cruel convicção de sua derrota, Lucrecia determinou collocar-se entre o prejuizo, e a rival: sabendo, que Octavio esquecido do passado, e só cuidadoso de seu recente affecto se aproveitára de antigo conhecimento, que o podia aproximar de Hugo de Meudonça, o procurára, e cercára de obsequios, e finalmente chegára até junto de Honorina, não hesitou: fez allugar uma casa em Nictheroy, e não longe da da sua rival: correu a offerrecer-lhe sua amizade eternisou nos labios o seu bello sorriso que tão bem condizia com a doçura de seus lindos olhos azues; e recebida com prazer pela incauta joven, ella ficou lá prompta para oppor-se como uma barreira ao homem que a tinha offendido, e, a ser preciso, para sacrificar a belleza e innocencia de Honorina nos altares de sua vaidade.

Octavio, e Lucrecia personificavão os sentimentos, que por Honorina nutirão os homens e senhoras.

Uma unica differença havia.

Octavio era o mais apaixonado e ardente dos pretendentes, que Honorina tinha, contra a sua vontade, trazido do sarão.

Lucrecia a menos nobre de todas as senhoras: isto e, nenhuma das rivaes de Honorina desceria até o ponto, a que é capaz de descer a viuva.

.....
Duas semanas são passadas depois do sarão de Thomazia.

São nove horas da noute. Bras-mimoso, e Felis achão-se em casa de Venancio: a conversação tinha naturalmente caído sobre Honorina.

— Nós já a vimos com mais vagar disse Thomazia; ha trez dias que veio com seo pai comprimentar-nos... ao menos politica sabem elles....

— Politica sabem elles, repetio Venancio.

— Quanto ao mais, outra vez digo, não é lá essas cousas disse Rosa.

— Deixa-te disso mana, acudio Mançuca... foi a moça mais bonita que cá veio...

— Ora... vocês todos são assim; se amanhã chegar alguma outra mocinha... adeos senhora dona Honorina!..

— Não eu, que me acho apaixonado até os olhos! exclamou Bras-mimoso.

— Também o senhor Bras?.. muito bem: falta um para duas duzias; primo Felis talvez queira inteirar a conta.

— Não, prima Rosa, se eu quisesse ama-la, não

precisava de conselhos... mas confesso que achando dona Honarina bonita, não sinto com tudó grande abalo por ella.

— Quem sabe!.. meo primo, talvez que você quando levantasse os olhos para olha-la, não a visse por estar alta de mais...

— Póde ser, prima; mas fallando assim, você faz de antemão muito baixa idéa de outra mulher.

— Como?..

— Porque deve acreditar baixa de mais a mulher, a quem eu ousar offerecer o meo amor.

O rosto de Rosa se tornou da côr do seo nome; pois que acabava de ser cruelmente ferida com suas proprias armas.

— Lá pela conta dos vinte e quatro não hajão arrufos, disse Bras-mim-so eu posso apresentar um nome, que talvez não esteja na relação.

— Vamos a elle, disse Thomazia,

— O senhor Octavio.

— Octavio! exclamou dando uma risada Thomazia, senhor Bras, asseguro-lhe que está muito atrasado.

— Está muito atrasado, senhor Bras! repetio Ve-nancio rindo-se tambem como sua mulher.

— Mas explique-se, senhora dona Thomazia.

— Pois não sabe, que elle é homem, sobre quem não póde calcular nenhuma moça so'leira?..

— Porque?..

— Porque é parcella votada no orçamanto da com-madre Lucrecia.

— Está muito atrasada, senhora dona Thomazia!..

exclamou Bras-mimoso, dando por sua vez uma risada.

— Então que ha de novo ?.. conte-nos.

— Estão de arrufos!..

— Quem, senhor Bras?...

— Octavio e sua commadre....

— É possível? !..

— Por causa da mesma feiticeira que nos encantou a todos..

— Ora feiticeira !.. feiticeira !.. murmurou Rosa, no meio de uma conversa seria, sáe-se com aquillo.

— Mas como pôde ser isso senhor Bras; se a commadre Lucrecia está agora dia e noite na casa de Honorina, e parece ser a sua melhor amiga?... em menos de oito dias de conhecimento travarão uma amisade, que parece de annos

— Lá esses segredos só as senhoras poderão explicar: quem é que até hoje comprehendeo um coração de mulher ?...

— Mas duas rivaes darem-se assim..

— Rivaes não disse eu: porque Octavio ama loucamente uma senhora, não se segue que ella por isso lhe corresponda.

— Então dona Honorina é algum anginho, que não sinta o que nós sentimos? perguntou Rosa, não ha ninguem neste mundo que lhe mereça um suspiro?... meos senhores, tenham cuidado que não vóe para o Céu o seo cheruhim!...

— Não não digo isso, tornou Bras-mimoso, po-

rém affirmo que não é Octavio o mais feliz de seus adoradores.

— Então quem é, quem é o venturoso conquistador daquelle bello milagre da natureza?.. perguntou Rosa.

— Eu.... eu o não saberei dizer respondeo Bras-mimoso fingindo-se acanbado, ainda é tam duvidoso

— Bravo !... bravo !... parabens, senhor Bras, gritou Thomazia.

— Bravo !.. parabens !.. parabens !.. repetio Venancio.

— Devia ser assim !... exclamou Rosa rindo-se muito; os senhores merecem-se igualmente !..

— Ora... não erã isso... o que eu queria dizer; mas emfim... certos signaes que vi, e que um homem entendido nestas cousas sabe muito bem comprehender....

— Bem bom !.. bem bom !.. disse Rosa, vamos aos signaes... .

— Desnublar arcanos de amor minha senhora!

— Todos nós aqui somos de segredo... olhe, eu não tenho na visinhança, se não seis amigas, com quem converso : o seo segredo não pôde passar desta rua; além de que ninguem lhe mandou principiar.

— Os signaes, senhor Bras, os signaes...

— Emfim... vá..

Bras-mimoso sem reparar que Manduca estava já roncando de raiva, começou :

— Talvez, attendendo a estas minhas maneiras delicadas; ao espirito e subtileza, que, sem vaidade o digo, desenvolvo em um sarão... dona Honorinà mostrou-me uma predilecção...

— Ora isto já passa de impostura!.. bradou Manduca.

— Cala-te Manoel-sinho... senhor Bras não faça caso, do que elle disser... disse Thomazia.

— Não faça caso do que elle disser, repetio Venancio, continue, Senhõr Bras, não faça caso do que elle disser.

— Está com ciumes!... coitado!... acudio Rosa.

Bras-mimoso; não cabia em si de contente: o ciu-me de Manduca o enchia de gloria.

— Pedindo-lhe para walsar comigo, continuou Bras-mimoso; ella respondeo-me, que sentia bastante estar já compromettida com outro: ora isto de-sentir bastante- não será muito explicativo?...

— Muito!.. muito!.. não tem duvida... .

— No terrado, em um momento infeliz escoreguei tam fortemente, que se me não seguro á casa de um amigo, esbarrava por força diante della; quando me endireitei, olhei-a e vi que ella se estava sorrindo docemente... bem se vê que isto não deixa duvida nenhuma!..

— Mas senhor Bras, acudio Rosa, se eu estivesse lá e lhe visse escoregar não me ria docemente soltava mesmo uma gargalhada, e ninguem dirá que somos apaixonados.

— Por isso mesmo... no rir-se docemente é que está o segredo!...

— Ora vejão isto!.. e minha mãe me chama de tolo!.. tolo eu, quando o Sr. Bras diz destas!.. exclamou Manduca.

— Emfim, minhas senhoras, por duas ou tres vezes ella olhou-me com expressão tal, que...

— Se é por isso, interrompeo Manduca ella de uma vez tamhem me olhou com expressão tres vezes...

— Mano, isso precisa de explicação.

— O que precisa de explicação, é o que tem dito o senhor Bras; exclamou Mauduca affrontado; porque é muito mal feito andar-se impondo de namorado de uma moça tam innocente.

— Bravo!.. que innocencia!.. disse Rosa.

— Pois eu tenho culpa de lhe haver agradado?.. tornou Bras-mimoso.

— Qual agradado nem meio agradado; pois o senhor se capacita, de que uma moça de bom gosto havia de interessar-se por um esqueleto de cincuenta annos!..

— O senhor Manoel Venancio me insulta!.. exclamou Bras-mimoso.

— Manoel-sinho, cala-te!.. gritou Thomasia.

— Cala-te, Manoel-sinho. repetio Venancio.

— O senhor, continuou Bras-mimoso endireitando a gravata com ter menos de vinte annos não é capaz de ser mais bonito nem mais engraçado do que eu.

— Pois mostre-se tal qual é, respondeo Manduca-

ea, tire os cabellos postiços, os dentes postiços, a côr postiça da cara!... o senhor sempre é um homem, que usa de mais postiços, do que a propria mana Rosa...

— Não seja tolo, ouviu?... acudio Rosa enraivecida, não me metta lá nas suas tratadas... minha mã, ouça o que está dizendo este patéta.

— Manoel-sinho, retira-te, disse Thomasia, a tua cabeça não está boa.

— Retira-te, Manoel-sinho! repetio Venancio: senhor Bras, não repare a cabeça delle não está boa.

Manduca retirou-se furioso da sala, jurando vingar-se de Bras-mimoso.

— Não se enfade senhor Bras... aquillo é fogo de palha: tem estas imprudencias; mas é um menino muito bem creado e de muito bom genio.

— Eu tenho-lhe amisade, disse Bras-mimoso já me nos irado; sei o que é o ciume... o senhor Manoel foi infeliz... é um rival, que caio por si mesmo; o mais terrivel, e o que me dá mais cuidado é Octavio.

— Eu sei, que elle já fréquentá muito a casa de meo amo, disse Felis.

— Pois bem: é esse o unico, que me encommoda; mas ao menos elle não póde deixar de vêr-se muito atrapalhado.

— Porque?...

— Porque sua commadre mudou-se para Niethe-roy, e consta-me que não deixa a companhia de do-

Honorina..... isto ha-de dar ainda muito que fallar.

— Rosa!.. que bellos dias temos de passar....
e preciso entrelaçarmos-nos de amizade com dona Honorina : domingo agradós sobre agradós !

— Então domingo ..

— Estamos convidadas a passar o dia com ella..

— Minha senhora..... se eu pudesse ser apresentado...

— Oh ! será uma contrariedade para Manoel-sinho ; mas se quizer póde ir em nossa companhia, e devo crer, que será bem recebido.

— Disso tenho eu a certeza.

— Pois muito bem : está convidado.

— Oh ! presente do Céu !...

.....
No entanto que alguns dos apaixonados de Honorina preparavão-se para lutar que Lucrecia se dispunha para vingar-se, ou pelo menos opôr-se á ventura de Octavio e Thomasia e Rosa se tratavão, para observar e murmurar ; o que estaria projectando ou fazendo esse homem de quem nenhum delles sabe, esse incognito, cuja existencia só tem sido sentida por Honorina, Rachel e Lucia ?...

Duas semanas são já passadas, desde seo ultimo apparecimento : não ha nenhuma noticia delle, ninguém o conhece... e Honorina que em silencio pensa nelle, não se anima, nem se animará nunca a perguntar pelo Moço Leiro,

E quem é esse homem das sombras e do mysterio

E o que quer dizer esse continuo pensar do espirito de Honorina, que pende sempre docemente em suas reflexões das vigílias e em seus sonhos das noites para esse joven desconhecido?... o que quer dizer?...

Estravagante, estouvado por força esse personagem mysterioso, que ainda se não sabe, ao certo, que cára tem, que muda de semblante, de officio, de vestidos, e de cabellos a cada hora, como pôde tam vivamente tocar a alma, (e quem sabe se tambem já o coração) de uma innocente moça?..

Oh!... é porque a mulher ama sobre tudo, o que lhe parece mais romanesco e mysterioso!

Sem que se dê por tal, ella é apenas curiosa no principio, logo deppois se faz interessada... e é um milagre se escapa de ser amante no fim.

E Honorina, que na côr pallida de seu rosto, na delicadeza de sua compleição, e em todos os seus traços enfim deixava ler esse temperamento talvez perigoso, mas sempre interessante; no qual a vida está, no sentimento, e com o qual, sómente, se sabe comprehender sentir e alimentar essa paixão ardente, cujo fogo não minõra, não se extingue, nem ao sopro do infortunio, nem ao poder da prepotencia, e com o qual enfim basta a impressõo ligeira de uma figura, que se vê na sombra... diaphana... mysteriosa, que se adivinha bella, que se sonha, como se deseja para dar um rumo ao batel da vida que nem o tufão da tempestade nem a agitação das vagas pôde jámais mudar; para dar um doce pen-
Vol. I.

dor ao espirito, que nem a docilidade dos conselhos, nem a força de uma ordem nem o rigor do despotismo pôde fazer desaparecer; e Honorina, dizemos nós, romanesca e entusiasta tinha cedido a força de sua organização, e ao enlevo do mysterioso proceder do homem, que a amava na sombra.

E por tanto já havia um segredo na vida da moça, e apezar della uma acção, que as vezes a obrigava a levemente corar: o segredo estava em seu coração... ainda pouco intelligivel para ella mesma: era o sentimento que começava a votar ao Moço Loiro: a acção, de que levemente corava, era o ter ella guardado a sempre-viva, que o zephiro da manhã lhe atirára dentro da camara.

Duas semanas estavam passadas depois da noute do saráo: novas amizades tinham vindo occupar-lhe horas de alguns dias: Lucrecia, que havia alugado uma casa em Netheroy, era então assidua junto della, e a cercava de obsequiosos cuidados; mas Honorina se contrafasia ao pe de Lucrecia... amava a solidão... suspirava em silencio, e apezar seo... pensava no Moço Loiro.

Honorina se tinha tornado docemente melancolica, o que fazia ainda mais realçar os seus encantos.

Ella precisava sem duvida confiar seus sentimentos... seus receios e seu estado a uma amiga; mas Lucia tinha o triplo da sua idade, e posto que não hesitara em mostrar-lhe os primeiros escriptos do Moço Loiro, agora ella não podia resolver-se a corar diante della confessando-lhe, que guardara a—sempre-

viva— ; ainda que lhe repetisse as mesmas palavras, que costumava dizer a si propria para desculpar-se diante de sua mimosa consciencia de moça :

— Não fui eu... meo Deos ! foi o teu sopro.

Lucrecia... Lucrecia não era a sua amiga da infancia, como Rachel, e Rachel estava longe della.

Finalmente na manhã de sabbado Hugo conveio em levar um bilhete de sua filha a Rachel ; e pois Honorina escreveu depressa :

Rachel !... Não nos pudemos fallar a sós no dia, em que fui a Corte ; e eu tinha tantas cousas para te dizer !... vem hoje Rachel, dormiremos juntas, e eu te contarei uma historia hem singular : vem hoje, Rachel, vêr a tua amiga— Honorina. »

Nesse dia não ; mas na manhã do seguinte Honorina abraçou a Rachel.

XVII.

Canto ao luar.

Um dia inteiro se tinha passado, sem que Honorina e Rachel tivessem podido estar a sós alguns momentos. A casa de Hugo se achava cheia de visitas. Lucrecia se havia apresentado as nove horas da manhã; Octavio um pouco depois; as onze horas do dia Venancio com sua familia, e Bras-mimoso; e enfim Felis: era preciso pois que Honorina se repartisse por todas aquellas senhoras; que agradasse a aquelles homens; que, em summa, desse alma a sociedade reunida em casa de sáo pai.

O dia foi correndo prazenteiro e bello. Emma apesar de não comprehender, como era possível tolerar-se a liberdade, que aquelles homens tomavão com as senhoras, conversando, gracejando, e lisonjeando a todas ellas, não podia deixar de encher-se de orgulho, vendo a graça e a nobreza, com que se portava a encantadora netta.

O jantar servio-se tarde; e, já ao anoutezer a sociedade levantando-se derramou-se pelo jardim. Emma, que não podia expor-se ao ar frio da noute ficou na sala acompanhada de Venancio, e de Jorge; e pai de Rachel.

Hugo de Mendonça passeava com Thomasia.

Honorina, defendida pela amizade de Rachel, vi-

giada pelo ciúme de Lucrecia, perseguida pelos impertinentes obsequios de Octavio, espantada das loucas pretensões de Bras-mimoso, e do ridículo proceder de Manduca, caia as vezes em doces meditações. nas quaes vinha quasi sempre a imagem do Moço Loiro tomar o posto mais nobre.

Feliz dava o braço a sua querida prima; e, unico feliz entre tantos, esquecia-se, conversando com ella, do tempo, que passava, dos olhos, que o cercavão, do passado, do presente, e mesmo do futuro.

Porque o homem, que passeia com a mulher, que ama, é um ente excepcional, cujo mundo não passa della e d'elle; cujo mundo é fechado pelo horisonte de amor... horisonte bello, cor de rosa brilhante, limitado... tam limitado, que dentro d'elle só cabem dous corações, somente soão as palavras de duas bocas, sómente pensão duas almas: troca-se entre ambos uma linguagem, um idioma de fogo, e sempre novo, que se falla pelos olhos, e se entende pelo tremer dos braços ou pelo palpitar dos corações: tudo, que os cerca, está fóra do seo mundo, não tem nelle existencia possível: ahí só vivem os dous..... e amor.

Depois de algum tempo de passeio, as senhoras recolherão-se: Hugo foi ajuntar-se e tomar parte com Venancio e Jorge na conversação de sua mãe, que enthusiasmada se exaltava fazendo a apologia das bellezas, dos prazeres, e dos puros costumes do seo tempo.

Octavio unio-se a Felis, e ambos desaparecerão

pelas mais obscuras ruas do jardim, como se os occupasse objecto de muito subido interesse.

Bras-mimoso, e Manduca passeavão cada um para seo lado; mas na volta de uma rua encontrarão-se, talvez contra a vontade de um delles.

Aquelles dous completos namorados sem ventura erão, em verdade, a personificação de duas classes de homens, que todas as senhoras devem mais ou menos ter encontrado no decurso de sua vida. Vejamos, se dando conta do character de cada um delles, poderemos ter a felicidade de chegar ao ponto, de que cada moça, que tiver estas linhas diante de seos bellos olhos, possa dizer consigo, ao récordar a collecção de seos impertinentes adoradores: — «Bras-mimoso se parece com este. — Manduca é o retrato d'aquelle» —.

Ha um sentimento. oh! seria profanação dar-lhe o sagrado nome de amor. Comecemos pois de outro modo.

Ha homens detestavelmente vaidosos, homens insolentes, que não veem na mulher senão a mais fraca e humilde das creaturas: homens que não amão nunca; pois são incapazes de tam nobre sentimento; mas que trabalham para ser, e se ufanaõ de parecer amados. A alma desses homens é torpe, é alma de lodo; e a mulher infeliz, a quem requestão, é por força a victima de sua vangloria; porque, de duas uma, ou ella é bem desgraçada para corresponder a fingidos extremos; ou delles sabe zombar: no primeiro caso lá vão os miseraveis ostentar seos

triumphos em toda a parte..... nas assembléas, nos passios, e no theatro elles dezaflão a attenção do publico, para que todos sintão suas victorias, invejem suas felicidades, proclamem-nos, como conquistadores embora a custa do nome, e do credito da victima!.. e quando uma senhora os tem tratado de maneira, que em sua propria vaidade não ousão supor-se felizes, elles ousão comtudo por jactancia, e por vingança impor.... fingir.... dizer se-lo! para elles o nome e a fama de uma mulher não é mais, que a flor, que importa pouco ser quebrada, murcha e perdida, com tanto que sirva um momento para ornár a corôa de seos improvisados triumphos.

Bras-mimoso. com ser tam ridiculo em si mesmo, era um desses homens

Ha outros, que pelo contrario nem se sabem fazer amantes: outros que vivamente interessados por uma senhora, ficão duas horas a sós com ella sem lhe dizer palavra, e, quando ella se retira; vingão-se de si mesmos beijando suas pisadas, e se conservão uma noute inteira contemplando a cadeira, em que ella esteve sentada; que comem o palito que lhe caio d'entre os dentes, que beijão em segredo o papel-sinho, que ella enrolou entre os dedos, que decorão e adorão os versos das balas, que se atrevo a estalar com ella, que a servem nas sociedades, como um escravo, e depois se retirão para um canto, olhando-a de longe, e abaixando os olhos, se encontrão com os della; que, quando são obrigados a dar-lhe o braço, tremem, como varinhas verdes

se ouzão dirigir-lhe a palavra, gaguejão e se perturbão a ponto de cauzar piedade, e que finalmente confiando, a medo, seos extremos a um amigo, lastimão-se, chorão e vivem assim.

Manduca era pouco mais ou menos um namorado deste genero.

Ora parece, depois do que vem dito, que naturalmente o homem que impõe, deve ser forte e valente, e aquelle que chora fraco é desanimado: pois por notavel contradição succede o contrario disso: as mais das vezes o chorão é um Hercules, e o impostor um covarde. E mais um exemplo vem para a regra; porque Manduca tem o braço de um athleta; Bras-mimoso a natureza de um poltrão.

Exactamente por esse motivo, Bras-mimoso que achava—um não sei que — no rosto de Manduca, desde a ultima noute, que havia passado na casa de Venancio, não tinha lá a maior vontade de encontrar-se com o moço em logar solitario; porém tantas voltas deo o filho de Thomasia pelas ruas do jardim, que depois de aturado trabalho conseguiu encontrar-se cara a cara com Bras-mimoso que um pouco desapontado, e com o mais desengraçado e menos bem fingido disfarce, ia já se voltando para traz, quando Manduca, o chamou, dizendo:

— Senhor Bras. faça-me o favor. . .

— Oh! Senhor Manoel! exclamou Bras-mimoso. ora. . . . muito bem diz o dictado — es que se querem, se encontrão sempre. —

— Fico-lhe obrigado; mas ouça-me, pois tenho, que lhe fallar.

— E eu tambem. . . . quero dar-lhe os parabens... o senhor tem sido feliz... felicissimo. . . . o nosso amigo Octavio deve traze-lo na garganta.

— Peior é estar-me o senhor a trucar de falso!.. disse Manduca, levantando a voz.

Bras-mimoso estremeceo desde os pés até a cabeça.

— O Senhor Manoel parece um pouco. . . . exacerbado!.. creio que não fui eu, quem teve a desgraça. . . .

— Então já se esqueceo, do que disse em minha casa sexta feira a noute? perguntou o moço.

— Oh! pois V. S. ainda se lembra disso?..

— Lembro-me perfeitamente, de que o senhor se fez de grande valentão; porque estava a vista de minha mãe; e portanto venho aqui repetir-lhe, o que então disse, e dar-lhe um conselho proveitoso.

— Senhor Manoel, V.S.^a abusa da minha posição!..

— Eu quero repetir-lhe na cara, que o senhor é uma esqueleto de cincoenta annos. um velho muito ridiculo e miseravel; pois que sem se lembrar, de que tem cara de avô, anda com preteações de moço de vinte annos. . . .

— Senhor. . . eu vejo que devo ser prudente com V. S. eu me recordo, de que V.S.^a é o filho de um homem... e de uma senhora. . . .

— Diga-lhe, continuou Manduca que me não im-

porta, que o senhor persiga com suas maneiras ridiculas e despreziveis aquella bella senhora; pois que eu a supponho com bastante juizo para não fazer caso de uma ostra, de um carranço espartilhado como o senhor!..

Bras-mimoso tremia . e suava suores frios; por isso ovio sem dizer palavra aquelle ataque feito a seu amor proprio.

— Porém, proseguio Manduca, e aqui vai o conselho; se o senhor tiver o atrevimento de gabar-se uma outra vez em qualquer parte do mundo de ter sido attendido por dona Honorina, já que mostra tam pouco juizo, que parece haver se tornado de novo eroança, tenha a certeza, de que me acho disposto a persegui-lo cruelmente.

— Esta bem, senhor Manoel, diga, o que lhe parecer...

— Juro-lhe, que sou capaz de arrancar-lhe a cabelleira mesmo a vista de dona Honorina.

— Senhor... mas eu não sei, em que tenho merecido a inimizade de V. S.^a....

— E como, em todo o caso, faz-se preciso, que um castigo acompanhe sempre o crime, e o senhor delinquo, fallando sem respeito de uma senhora honesta. e chegando mesmo a calumnial-a. . .

Bras mimoso ouvindo fallar em castigo, sentio enfracuecer-lhe as pernas, e encostando-se ao tronco de uma arvore, olhava para todos os lados a ver . se descobria alguem, a quem recorre-se.

— Eu .exijo, continuou Manduca, que em pre-

sença das mesmas pessoas, diante de quem fallou sexta feira, o senhor se desdiga de quanto disse... que confesse, que não passa de um tolo....

— Senhor Manoel.... V. S.^a.....

— Um calumniador.....

— Por quem é, senhor Manoel, não me deite a perder ..

— Um.....

Manduca foi interrompido: o Céu acabava de socorrer Bras-mimoso.

E os dous singulares rivaes estendêrão os pescosos, e ficarão estaticos e boqui-abertos attentando os accentos melodiosos de uma voz doce e branda, que cantava uma musica melancolica.

Uma idéa feliz tinha tido Hugo de Mendonça para obsequiar a seus hospedes: como, a excepção de Bras-mimoso e Manduca, se achassem todos depois de algum tempo sentados debaixo de uma copada mangueira, que ficava proxima do mar, elle lembrou-se, que ali, a mercê do silencio da noite, e ao clarão da lua, devia causar effeito bem agradavel uma voz harmoniosa, que entoasse um canto; e orgulhoso do merito de sua filha não hesitou em aconselhar-lhe que cantasse.

Felis offereceu-se para acompanhá-la: appareceu um violão, e Honorina cantava.

Já então era noite fechada; mas a lua cheia e bella derramava sobre a interessante Nictheroy os raios de sua luz mysteriosa. E uma voz entoava um hymno melancolico. Oh! fôra preciso estar ali, e ouvi-la; e sentir tambem como toda a natureza harmonisava os sores, pr-

nha em concerto os elementos para magicamente acompanhá-la. E pois brando favonio lambia apenas as folhagens... as ondas murmuravam docemente ao beijar das praias... a lua prestava á scena essa luz receiosa e modesta, mercê da qual o fraco embalear dos ramos, que a aura embalsava, erguia aqui e ali bértes phantasticos... mysticas sombras nocturnas, que segundo o vagem dos ramos, ora se agigantavam, ora se vão minguando até sumir-se de todo para logo renascer outra vez... e por toda a parte o silencio... e como equilibrando-se sobre elle essa voz... doce, angelica... que dirieis um longo suspirar de anjo... essa voz... um pouco curta talvez... mas tão cheia de encanto e magia... que soar... tocar o ouvido... e cair no coração, de quem a escutava era milagre de um breve instante... Oh! fôra preciso ouvi-la!... e tambem fôra preciso ver essa moça, que cantava assentada debaixo de copada mangueira... essa moça bella... pallida... vestida de branco... semelhante talvez á imagem vaporosa, que a imaginação escaldada do viandante nocturno vê á porta do templo solitario... ou curvada sobre a campa de um finado... essa moça, cuja voz tinha um não sei que de tam subtil... tam melancolico... tam sobre-humano talvez, que retinha no amago do coração, e nos seios d' alma ! ...

Honorina escolhera, para cantar, uma lyra, que era desde alguns dias a sua favorita; que desde algumas noites ella preferia sempre a mil outras para entoa-la ao lado de seu pai, ou sentada á janella de seu quarto no silencio das deshoras: essa lyra parecia como uma

prece, que saia do seio de uma virgem para subir ao
Céo : ella dizia assim :

Innocente, incauta virgem,
Que inda o mundo te sorri...
Esse mundo que te insensa
Laços arma contra ti.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deos! ...

Esses olhos, que dardejão
Sobre ti chammas de amor,
Podem verter em teu seio
Doce veneno traidor.
Virgem, mede os passos teos...
Virgem, só confia em Deos! ...

Sê, oh virgem, sê sómente
Sempre a roza do senhor...
Vê que o vento afronta às vezes
A do mundo pobre flôr.
Virgem, mede os passos teos,
Virgem, só confia em Deos! ...

Monorina calou-se... Os applausos choverão sobre
ella.. os dous infelizes amantes, que de longe a tinham
escutado, correrão a derramar suas felicitações e seus
parabens aos pés da encantadora moça, que os enfeitava
a todos ; mas de repente os parabens, os applausos
se suspendêrão, e todos olhãrão sorprendidos para

o mar; porque uma voz também sonora entoava de lá
o seu canto, sujeitando-se á mesma musica.

Favorecidos pelo luar, elles virão, á pouca distan-
cia da praia, um pequeno e lindo batelão parado, e so-
bre elle a figura branca de um homem, que voltado para
a arvore, debaixo da qual se achavão, cantava com voz
commovida: e elles ouvirão, que seo canto dizia assim:

Innocente, bella virgem,
Que o mundo fazes sorrir...
Amor, que inspira a virtude,
Sabe em teu seio nutrir.
Virgem, mede os passos teos;
Mas cede ao — sópro de Deos! . . .

Lembra, que esse amor de poeta,
Em que pôde uã alma arder,
Mesmo acabando na morte
Por força bello ha de ser.
Virgem, mede os passos teos;
Mas cede ao — sópro de Deos!..

Qual cede a roza ao favonio
Vivo aroma encantador;
Ao homem nobre e constante
Ceda a virgem seo amor.
Virgem, mede os passos teos;
Mas cede ao — sópro de Deos!..

O canto terminou; e o batelão se foi mysteriosamen-
te deslizando para o largo.

Insensivelmente toda a companhia se tinha aproximado à praia : só Honorina e Rachel haviam ficado no mesmo lugar sorprendidas, e tomadas talvez do mesmo sentimento.

— E' elle! . . . murmurou Honorina, quando sentiu que o canto acabava.

— Eu o conheci, disse Rachel ; elle fallou ainda uma vez no amor de poeta !

— Oh ! . . . tornou Honorina, e o sópro de Deos ! . . . o sópro de Deos ! . . . portanto elle vê . . . elle ouve . . . elle sabe tudo ! . . .

— Que queres dizer, Honorina ?

— Logo . . . logo te direi tudo. Agora silencio : todos se chegaram para nós.

Com effeito a sociedade tornava a seo primeiro lugar.

— E' preciso convir, disse Hugo de Mendonça, que aquelle bateleiro é um atrevido, que tem muito boa voz, e canta bem soffrivelmente !

— O que não pôde fazer olvidar, disse Octavio, que elle é um insolente, que se aproveita da largueza do mar . . .

— Como insolente ! . . . acudio Lucrecia, que se aprazia com o desgosto de Octavio ; eu me confundo de certo ! . . . Suppunha que nada havia mais natural, do que um bateleiro fazer demorar sua viagem para ouvir a voz de uma moça, que cantava ; nada mais agradável do que responder ao canto, que acabava de ouvir, com outro da mesma natureza.

— Mas o homem que cantou não pôde ser um rude bateleiro . . .

— E que podemos nós fazer ? . . . disse Hugo : por

ventura está no nosso direito impedir, que se cante no mar? ... deverá Honorina privar-se de sua mais bella p'tenda só porque houve um homem, que de longe respondeu uma vez a seo canto? ...

— Deos nos livre disso! acudio Octavio.

— Seja embora um atrevido, continuou Hugo, devemos confessar que causou-nos uma surpresa.

— Mesmo uma agradável surpresa, ajuntou Thomazia.

— Não tens duvida; uma agradável surpresa, repetio Venancio.

— Mas que é isso, Honorina? ... tam melancolica de repente? ... Será possível que aquelle harmonico bateleiro chegasse a incommodar-te até o ponto de te entristecer assim? ...

— Meo pai... é que eu não esperava...

— Graças a Deos temos todos essa certeza. Nada... nada de nos offendermos por tam pouco... Querem saber? se eu pudesse faria com que o nosso bateleiro repetisse uma outra vez o seo canto...

— Meo pai!

— Não é graça... tem uma bella voz de tenor...

— E o effeito, disse Lucrecia, o grande effeito que produz o canto no silencio da noute e no mar...

— E' verdade! ... é verdade! ...

— A proposito! exclamou Hugo de Mendonça daremos uma lição ao nosso bateleiro.

— Como? ...

— Se Honorina quizer, aproveitaremos uma ou duas destas bellas noutes de luar, faremos um passeio marítimo, e no mar... de frente da mais linda praia... le-

vantão-se os remos, e Honorina entoa a sua lyra da virgem innocente.

— Oh! não, meo pai!...

— Sim... sim, minha senhora... ceda...

— Por ventura tens medo do bateleiro?... lá... o caso é outro: estaremos no mesmo campo, e se elle apparecer, veremos, qual é o batel que mais vóá... então que dizes?... .

— Ceda... ceda...

— Eu farei o que meo pai quizer.

— Pois muito bem: estamos tratados: resta marear a noute: quando deverá ser?... .

— A Sra. D. Honorina, que decida...

— Para mim é indifferente... póde ser qualquer...

— Honorina, disse Rachel, marca a noute de amanhã: eu fico comtigo até terça-feira: não é assim, meo pai?... .

— Sim, minha filha, respondeu Jorge.

— Amanhã, amanhã, Sra. D. Honorina, disse Thomazia, nós temos de passar o dia d'amanhã com minha commadre, e pediremos licença para tomar parte em tão agradavel passa-tempo.

— Pois se meo pai quizer, tornou Honorina, seja amanhã.

— Está dito, concluiu Hugo, seja amanhã.

E ao mesmo tempo que todos se levantavão, ouviu-se ao longe, muito ao longe, a voz do bateleiro, que repetia:

Virgem, mede os passos teos;

Mas cede ao — sópro de Deus!

XVIII.

As duas amigas.

Emfim ellas se vião sós: não como da outra vez recostadas na janella, que deitava para o jardim; porque Honorina receiava uma appareção nocturna e repentina d'aquelle homem singular, que em toda a parte e a todas as horas velava por ella. Mas agora sentadas ambas em um sofá, e livres de seos atavios, com a liberdade da solidão, independentes das prizões das modas, esquecidas de si proprias no doce enleio da amizade, Honorina e Rachel se dispunhão para encetar a conversação que tanto desejavão; e todavia ainda em silencio se conservavão, e já uma vez tinha cantado o gallo.

O silencio de Honorina não era difficil de explicar-se: havia nella por força todo esse bello receio, todo esse encantador acanhamento de virgem que quando ama pela primeira vez, hesita e treme ao fallar de seos sentimentos a propria amiga; de seo peito, e até córa, quando pensa comsigo mesma... uelle.

Mas Rachel?... a jovial e feliz Rachel porque não comprehende a hesitação da pobre Honorina?... porque tambem docemente melancolica deixa ir correndo assim a noute?...

O gallo cantou segunda vez; e Honorina, como para a todo custo dar principio á conversação, disse:

— Que dia! Rachel, que dia enfadonho passamos!...

— Eu o sinto, Honorina: melhor valera se sós o tivéssemos gosado.

— Oh! é verdade... e tanta gente... e esses homens!

— Que te perseguirão, não é assim?...

— E' que eu sou bem infeliz, Rachel: não bastava Octavio, que me diz tantas cousas; que me obriga a ouvi-las; que se enche de esperanças, que eu não aumento?... erão precisos ainda mais dous, que me atormentassem todo o dia com suas loucas palavras, e ridiculas acções?...

— E que remedio tem uma mulher, senão ás vezes deixar-se requestar por tolos?... quem diz tolo, diz vaidoso.

— Oh! mas é necessario ter ou vaidade demais, ou então um espirito muito miseravel, para que elles não comprehendão, que eu desprezo formalmente seus obsequios!

— Porém quem te manda despreza-los?... pelo menos podias animar o velho... um velho namorado. Honorina, serve muito para a gente rir-se...

— E'... que... eu não posso rir-me!...

— Porque, Honorina?...

— Rachel!... exclamou a moça, escondendo por instantes o rosto no seio da sua amiga.

— Falla, Honorina; desaffoga-te comigo.

Passou-se ainda um momento de silencio, em que o rosto de Honorina se foi tornando côr de roza; depois ella fallou:

— Rachel!... Rachel!... tú não sabes o que se tem

passada comigo desde aquella fatal noite; em que conversámos ambas eucostadas nessa janella: lembra-te d'aquelle papel, que achamos e lêmos na manhã do dia seguinte?..

— Lembra-me... sim.

— Pois eu tenho involuntariamente recebido outras da mesma natureza, que trazem todos essas palavras, que eu pronunciei fallando-te de amor, escriptas... repetidas, como a divisa de um cavalleiro, ou como o estribilho de um hymno de triumpho...

— E o homem, que as escreve?...

— Oh!... esse homem?... eu ó tenho visto... eu o tanto ouvido... e eu não te posso dizer ao certo qual é o seu verdadeiro rosto nem qual é o som de sua voz!..

— Mas o que tu dizes, Honorina, é ainda bem inintelligivel!..

— E todavia é a propria verdade: o homem, que me escreve, é um ente que muda de aspecto, de voz, de vestidos, de condição, de officio e de tudo, segundo as circumstancias, em que me quer apparecer.

Rachel chegou-se para mais perto de Honorina, como não querendo perder uma só palavra, do que lhe ia dizer a amiga.

— Lembra-te que te mandei pedir, continuou Honorina, que me enviasses um cabelleireiro para me tocar no dia do sarão de D. Thomazia?... tú me tinhas respondido, que ás cinco horas da tarde o cabelleireiro se me apresentaria...

— E então?...

— Pouco depois das quatro apparece aqui um ho-

mem para pentear-me; um homem, que não dizia uma só palavra, vestido de mil côres, com o rosto muito vermelho, com os cabellos ruivos, um homem que beijou minhas madeixas, que roubou-me um anel dellas, e que inopinadamente deixou-me ainda destoucada: Rachel... era elle!...

— Mas o cabelleireiro, que te eu mandei?...

— Chegou depois; exactamente ás cinco horas da tarde: ouve mais. De volta do sarão, somos trazidas aqui por um joven marinheiro, rude, grosseiro... mal vestido... com cabellos pretos tam longos, como hirtos; no meio da viagem, enquanto meo pai dormia, e eu receiosa delle fingia dormir, apanha uma de minhas luvas, que o vento levantára, beija-a, guarda-a junto do coração... e ao chegar à praia, vendo que eu buscava a minha luva, m'a entrega, tendo posto dentro della um papel: Rachel... era elle!...

— E esse papel, Honorina?

— Estavão nelle escriptas as palavras fataes... o meo imprudente pensamento sobre o amor... aquillo, que eu te disse, Rachel, pensando que ninguem mais me ouvia!...

— E depois?...

— Tu te recordas, Rachel, d'aquelle joven loiro, que no sarão de dona Thomazia, sentou-se no terrado de frente denós?... Rachel! Rachel! tú te recordas do seu sonho?... tú te lembras, o que elle disse sobre uma Sempre-viva?...

— Oh!... muito!... muito; Honorina!... eu me lembro muito!

— Pois bem... eu não pude dormir... a imagem desse moço esteve sempre diante de meus olhos! eu passei o resto da noite febril... ardente... desassocegada... Eu comparava o amor desse moço tão singular; mas tão respeitoso, que elle temia fazer corar de pejo o objecto de seus cuidados, com esse amor mysterioso... nocturno... e talvez terrivel do homem, que me perseguia!... eu comparava aquelle rosto melancolico e doce... aquelles bellos cabellos loiros com o semblante vermelho ou agreste, com os cabellos ruivos ou pretos, que no outro tinha visto!... comparava sua voz branda e commovida com a voz aspera, grossa e desagradavel do bateleiro... ah! tudo isso era um paralelo cruel para o desconhecido que me amava!... Agitada... com a cabeça em fogo... afflicta enfim, eu me ergui á primeira luz do dia... abri aquella janela... levantei a vidraça... Rachel!... eu achei ali um papel, e sobre elle a Sempre-viva!... a Sempre-viva!...

— E o papel?... o que dizia o papel?... perguntou Rachel violentamente commovida.

— Lê tu mesma, disse Honorina mostrando-lhe um breve escripto, que desde que se fôra sentar tinha feshado em uã mão.

Rachel devorou rapidamente as poucas palavras escriptas nesse papel, e entregou-o de novo a Honorina com mão visivelmente tremula.

— Portanto, continuou esta, o Moço Loiro era elle!

— Sim... sim... era elle... eu o deveria ter previsto!...

Honorina abafou um suspiro.

— E a Sempre-viva ?... perguntou Rachel?

— Ei-la aqui! disse Honorina abrindo a outra mão.

— T'ú a guardaste?!... e então foi o mesmo que responder — eu tambem te amo!...

— Oh!... não me olhes assim Rachel, não me olhes com esses olhos tam ardentes, sê não queres fazer-me abaixar os meos, e fechar-me a boca!...

— Enfim... tú guardaste a Sempre-viva, Honorina?

— Não... não fui eu!... escuta. Acabando de ler essas palavras, que ahi ves escriptas, confesso que hesitei um momento; mas depois.. eu dei um passo para a janella... estendi o meo braço... eu ia... eu devia deitar fóra a Sempre-viva, não é assim, Rachel?...

— Sim... sim...

— Mas... soprava uma branda aragem... o favonio da manhã, Rachel!... eu vi, que cedendo a seo sópro... a Sempre-viva rolou sobre a janella até cair a meos pés!...

— E depois... tú a guardaste?...

— Oh! Rachel! aquelle zephiro matutino tam fresco tam doce me pareceu então enviado pelo céo!... tú sabes, tens dito mil vezes, que eu tenho uma imaginação de louca, que a força de uma organização toda inflammavel e de uma educação recebida na solidão, longe do mundo e dos homens, meo pensamento não se accomoda com o gelo das realidades, e vire do fogo das chimeras: pois bem! será mais uma chimera; mas n'aquelle instante eu pensei, que o zephiro que fazia rolar a flôr para meo quarto era como a mão do destino, que me arrastava para aquelle homem! nos meos de-

lirios... na exacerção, em que me achava, Rachel, eu contemplei á Sempre-viva, que tinha tombado a meos pés, e sem ter animo para lança-la fóra... temendo mesmo commetter um sacrilegio, se o fizesse. eu disse, desculpendo-me a mim mesma: — Oh!...! ainda hein que não fui eu... foi o teu sópro, meo Deos!...

— O sópro de Deos!... balbuciou Rachel.

— O sópro de Deos!... sim... o sópro de Deos!...

— E portanto elle cantava ainda agora — um pensamento, que tú só podias comprehender!...

— Mas, Rachel... Rachel, como é que esse homem ouviu, o que eu murmurei haixinho escondida no meo quarto?... pois então elle está tambem em toda a parte, assim como se veste de todos os semblantes?...

— Quem sabe... talvez elle estivesse mesmo de longe... talvez que elle visse rolar a sua flôr á força do zephiro... e então pensasse tamhem, como tú pensastê em um — sópro de Deos!

— Mas podem acaso ter duas almas ao mesmo tempo, um só e igual pensamento?...

Rachel respondeu com voz sumida e melancolica :

— Quando se amão, Honorina ; porque já não ba duvida, que tú amas...

— Oh Rachel!... eu tenho medo de o pensar!...

— Como tú és feliz, Honorina!... disse docemente Rachel.

— E elle?... e elle?... falla-me tú delle, Rachel.

— Minha bella vaidosa, que queres pois que eu diga?

— Se tú possesses dizer-me, Rachel; se tú o souberes!... é que ha uma eterna pergunta no meo coração.

ção, e uma duvida cruel dentro de meo espirito!... quem é elle?... quem é esse homem?...

— Posso eu sabe-lo?...

— Será um moço ou um velho?... será um bello joven, ou um homem, que faça medo?... qual é o seo rosto? qual a sua voz? quaes os seos cabellos?...

— Pois duvidas, que seja o Moço Loiro, Honoria?

— Sim, Rachel, elle foi o Moço Loiro de alguns momentos!... eu tenho ainda no meo espirito aquella graciosa cabeça... eu sinto ainda o fogo ardente de seos olhos... eu vejo, Rachel, eu vejo sempre aquelle triste sorriso, que elle derramava em seos labios... sóa sempre em meos ouvidos, ainda mais docemente que o seo canto desta noute, aquella voz suave e commovida, com que elle dizia — eu amo!... muito!... como ninguem amou ainda!...

— E então, que queres tú mais, linda ambiciosa?..

— Rachel, Rachel, eu tenho medo, que assim como foi uma mentira aquella cabeça ruiva de ridiculo cabelleireiro, assim como foi uma mascara illusoria aquella cabeça hirta de selvagem marinho. eu tenho medo, Rachel, de ver esvair-se como um sonho a minha mais bella illusão... eu tenho medo de que aquelle engraçado semblante de mancebo seja ainda um semblante emprestado, de que seos bellos cabellos loiros sejam ainda uma perfida cabelleira!...

Rachel não pôde deixar de sorrir-se do innocente receio de sua amiga.

— Sim... tu te estas rindo de minhas loucuras...

perdôa-me, perdôa-me ; porque eu estou talvez a ponto de ir ser bem desgraçada.. .

— Tu, Honorina, desgraçada ?... e porque ?...

— Pois já te não lembras, do que outr'ora me dizias?... Rachel, desgraçada; porque eu penso que já amo.

— Mas quando sabes, que és amada ?...

— Porém isto é quasi amar uma idealidade.. uma sombra, que quando pensamos tocar com o dedo, desaparece a nossos olhos !... isto é viver em um sonho eterno....

— Oh !... exclamou Rachel apertando a mão de Honorina, esse homem estudou bem a mulher, de quem queria ser amado !... elle foi direito ao ponto mais fraco... atacou. . e venceu !

— E' porque eu sou uma mulher bem fraca, não é assim ?...

— Não : é porque tu tens uma imaginação muito ardente, um coração muito cheio de fogo !... é porque tu terias amado a Torquato como Eleonora, e a Cernões como Catharina de Ataide !... e esse homem, que não tem certamente podido ser poeta para vir ajoelhar-se a teos pés, com sua lyra nos braços, a offerceer-te a gloria de um renome ; que não tem certamente podido ser um heroe para com os loiros na fronte deslumbrar teos olhos, e captivar teo espirito.... esse homem, sagaz, sem duvida, appellou para o mysterio, chamou a seu favor o que achou que podia parecer-te maravilhoso... apresentou-se diante de ti coberto com um véo para te fazer desejar rompê-lo... trouxe uma centelha em seos

olhos... atirou-a sobre a tua imaginação... ateu-a
venceu... é amado !..

— E tu, Rachel, terias resistido, não é assim ?.....

A pergunta pareceu contrariar a Rachel, que depois de hesitar um momento, como se abafasse um gemido, respondeu :

— Honorina, não se trata de mim agora.

— Sim... sim, eu sei... terias resistido ; porque tu não és como eu... tu és prudente.

— Oh !... e de que vale a prudência, Honorina ?..

— A experiencia e sabios conselhos de teu pai te armárão de uma fortaleza, que nenhuma outra teve ainda... teu coração para amor está forrado de aço... tu só és sensível a amizade...

— Pelo amor de Deos, Honorina, não falles de mim agora !..

— Tu podes soffrêr sem estremecer o olhar atrevido de um homem fixado uma hora inteira sobre teu rosto... tu zombas do poder dos olhos... tu és surda para as palavras de amor... a influencia de um homem não chega nunca a teu espirito !... tu és feliz... bem feliz !..

— Honorina !.. Honorina... tu ignoras o mal, que me estas fazendo !..

— Eu te invejo, Rachel !..

— Desgraçada !.. tu não sabes o que dizes !..

— Oh ! eu me lembro bem d'aquellas frias palavras que uma vez me disseste !.. eu as decorei : porque ellas me espantárão ! porque seo pensamento, enunciado por uma mulher, me pareceu um milagre... tu disseste..

— Não... não... Honorina, não as repitas...

— Tu disseste : — Amor é uma vã mentira !... amor não é mais que uma das muitas chimeras, com que a imaginação nos entretem na vida, como a boneca que se dá á criança para conserva-la quieta no berço... amor não é mais que a flor de um só dia, que se abre de manhã, e antes da noute está murcha ! . . .

— Perdão !... perdão !... Honorina ; pôde ser que eu me tivesse enganado ! . . .

Honorina olhou espantada para Rachel, ouvindo suas ultimas palavras.

— Rachel ! exclamou a moça, tu me deves um segredo !

O semblante de Rachel tornou-se pallido, semelhante ao de uma moribunda : seos olhos se fechárão, como para não deixar que os de Honorina fossem nos seos beher o arcano, que ella escondia : e parecendo haver tomado uma repentina resolução, disse tremendo :

— Honorina, eu tambem amo.

— Amas ?... amas ?... e a quem ? . . .

— Tu vás corar, Honorina ! . . .

— Dize, dize. .

— A um homem casado.

— Desgraçada ! . . . exclamou Honorina abraçando sua amiga.

Sorriso amargo e irónico se derramou pelos labios de Rachel, ouvindo a exclamação da moça.

Rachel havia mentido.

XIX.

Noute no mar.

O vapor das seis horas da tarde, do dia seguinte, trouxe Hugo de Mendonça e o seo guarda-livros Felis, Jorge e Octavio, que todos vinhão, como tratado estava, tomar parte no agradável passa-tempo, em que se projectava empregar a noute. Venancio, Manoel, e Bras-mimoso se tinhão deixado ficar em Nictheroy, como hoimens, a quem não importavão negocios, ou de negocios carecião.

As senhoras havião de sua parte passado o dia o mais monotono, que é possível: Lucrecia, obrigada a permanecer em casa com seus hospedes, deixava de empregar junto de Honorina horas, que ella considerava por demais preciosas. Honorina e Rachel, tristes e taciturnas, hordarão sem descansar ao pé de Emma, que gastou o dia iuteiro em fallar contra o que chamava loucuras proprias sómente do genio extravagante de Hugo: ella não comprehendia como um homem de juizo podia expôr a sua filha e a si mesmo a todos os riscos de um passeio nocturno, e maritimo: exasperava-se lembrando-se de que seo filho já não attendia aos conselhos que lhe dava, e temia muito, que nem mesmo suas proprias orações podessem salvar Honorina da vida de desatinos, por onde começava a leva-la seo imprudente pai.

Hugo fez quantò pôde para socegar sua mãe, a quem ainda encontrou despeitada: emfim jurou-lhe, que seria o primeiro e ultimo passeio maritimo, que farião; mas que então era impossivel desfazer o que estava projectado, e que a todos parecia dar tanto prazer. As oito horas da noute erguêrã-se para partir; e Emma, que até á porta os acompanhou, levantou o braço, e com sua mão tremula mostrou uma nuvem negra, que se deixava ver no horizonte.

— Não é nada, minha mãe, disse Hugo; não vê como a lua está clara e bella?...

— A lua turvar-se-ha.

— Nada de máos agouros, minha mãe, até a volta... e promettêmos ceiar bastante.

— Minha Honorina, disse tristemente a velha, Deus te acompanhe!...

A sociedade partio: tres batelões já se achavão na praia prestes para recebê-los, e immediatamente tratou-se de embarcar. Uma boa meia hora se empregou na divisão da companhia. A' excepção de Jorge, que por genio e systema achava que tudo no mundo corria sempre bem, e não abria a boca para fallar, senão quando era absolutamente necessario, que fizesse uma pergunta, ou dêsse uma resposta; á excepção ainda de Venancio, que pensava e desejava pela alma de sua mulher, todos os outros homens empenhãõ-se valerosamente por ir no batelão, em que se embarcasse Honorina.

O unico, que só por gestos havia demonstrado esse desejo, fôra Braz-mimoso; porque, logo no principio da

questão, querendo expôr muito parlamentarmente os seus directos, e tendo para isso já a boca aberta, foi obrigado a fecha-la em continente; pois Manduca, que junto d'elle se achava, deu-lhe um beliscão com tam boa vontade, que o fez ir ás nuvens.

Hugo divertia-se extraordinariamente com a discussão suscitada: finalmente, para se pôr um termo á ella, decidio-se que Honorina escolhesse tres companheiros.

Honorina respondeu sem hesitar:

— Escolho a meo pai, a Rachel, e ao Sr. Felis, que deverá acompanhar-me, se meu pai quizer que eu cante.

— No que não haverá duvida nenhuma, respondeu Hugo.

Roza achou um não sei que de pouco bonito na escolha, que de seo primo fez Honorina para ir com ella no mesmo batel.

Venancio chegou-se respeitosaente para ao pé de sua mulher, e fallou-lhe ao ouvido.

— Thomazia, em que batel julgas tu mais conveniente, que eu me embarque?

— Naquelle em que eu não fôr, respondeu imperiosamente Thomazia: não é justo nem decente, que ande o senhor sempre atraz de mim.

O resto da companhia embarcou-se sem demora. Lucrecia, Roza, Venancio e Octavio no segundo batel, e no terceiro enfim Thomazia, Jorge, Braz-mimoso, e Manduca, que havia tomado por timbre andar constantemente á pista do seo rival. Bras-mimoso já tinha jurado cem vezes aos seus botões, que aquelle rapaz era o homem mais impertinente do mundo todo.

Os bateis affastarão-se da praia.

Era bello vê-los como graciosos, illuminados e galhardos docemente se deslisavão pela superficie do mar sereno de Nictheroy! . . .

Soprava uma aragem suave e delectosa : a noute estava clara, brilhante e fresca.

A lua gostosa se namorava mirando-se no espelho das ondas.

E os tres bateis ião indo . . . e dos remos que se erguião do seio do verde lago, cahia uma chuva de lagrimas brilhantes, que se diria um enxame de perilampas.

A hora e o sitio parecião ainda mais proprios para doces meditações, do que para o ruido do prazer.

Honorina e Rachel, predispostas como se achavão para deixar ir suas almas enlevando-se e perdendo-se no encanto agri-doce da melancolia, não poderão furtar-se á influencia de tudo isso, que se passava em derredor dellas : o monotono ruido dos remos ; o fraco murmurio das ondas ; a suave frescura do favonio ; o sosiego do sitio ; o silencio da hora, tudo, tudo as convidava a meditar . . . e ellas meditavão.

E uma joven, quando medita, é sempre sobre amor.

A mimica dessas duas moças demonstrava, que havia um ponto de notavel dessemelhança em a natureza de os pensamentos.

Rachel tinha a cabeça inclinada para baixo, e os olhos fitos no fundo do batel ; cedendo á inexplicaveis movimentos de desasocego, suas mãos, que se achavão unidas uma á outra sobre o collo, apertavão-se mutua

e cruelmente : seos labios ás vezes estremecião , como dando passagem a um suspiro ; e então ella olhava cuidadosa por um instante para seos tres companheiros de passeio , e de novo caía na sua primeira posição.

Dir-se-hia que Rachel tinha n'alma um pensamento doloroso e fatal, que desejava esconder de tódos, e abafá-lo dentro de si mesma.

Honorina, ao contrario, estava um pouco voltada para fóra, e tinha os olhos embebidos em um unico ponto do mar : hrando e meigo sorriso se deslizada em seos labios : os negros caracões de suas hellas madeixas hrincavão, mercê do zephiro, sobre suas faces... e ella tamhem suspirava.

E pois Honorina, como que se aprazia, em ahrir as portas de sua alma, em deixar sair pelos olhos o pensamento, que a occupava.

A meditação da primeira é portanto um segredo : o pensamento da segunda podia ser perfeitamente comprehendido, ao menos pela sua amiga.

Honorina pensava sempre no Moço Loiro.

Vós, que haveis amado mesmo ha dez ou vinte annos passados, nunca parastes junto de uma arvore, como procurando o vestigio dos passos, ou o aroma dos vestidos do objecto de vosso amor, que outr'ora vistes descansando á sombra della ?... vós que amais ainda hoje, não huscastes com os olhos, ao entrar no jardim, o mesmo banco de relva, em que hontem vistes sentada a hella de vossos pensamentos, e não ficastes estatico... enlevado com as vistas fitas nelle, uma hora inteira,

como se ella ainda estivesse lá sorrindo-se para as flores, ou adormecida, entre ellas?...

Pois bem : n'aquelle ponto do mar, onde tem Honorina embebidos os seus olhos, esteve elle... sobre o seu gracioso batel nocturno : foi dali que elle... respondeu ao hymno da virgem; e Honorina pede, sem sentir, ao mar, que lhe mostre um signal do rasto de seu batel, e as auras que lhe tragão em suas azas ainda o echo de suas vozes !

Mas é que Hugo não se dava muito bem com scenas mudas, e ainda peor com semblantes melancolicos :

— Então, que é isto ? gritou elle, saimos por ventura de casa para entristecer-nos ? será crível que estejam aqui as senhoras com medo deste mar de leite... ou quem sabe, se estão ainda pensando no bateleiro de hontem á noute?...

Honorina e Rachel olhãrão-se ao mesmo tempo... talvez Hugo tivesse, sem querer, comprehendido os pensamentos de ambas.

— Vamos ! animo ! não sentem o prazer, que reina nos outros dous batelões ?... eu pensava que o nosso seria o mais divertido de todos!.. remadores... a esquerda e com força... avante !...

As duas moças virão-se obrigadas a fazer-se alegres para satisfazer a Hugo, e, desde então sómente, começaram a tomar parte no divertimento nocturno.

A primeira hora foi toda empregada em corrêr indistinctamente pelo mar : os batelões ora approxima-vão-se, ora fugião rapidamente da praia... depois todos tres emparelhados empenhãvãõ-se em disputar a

primazia na rapidez da carreira, e ouvião-se consequentemente os applausos de victoria dentro, do que alcançava o triumpho, e as admoestações e pragas aos remeiros daquelles que erão vencidos.

Emfim, quando já se achavão fatigados ou começavão a sentir-se aborrecidos do passeio, os tres bateis reunião-se, e de accordo commum se forão postar diante dessas bellas casas, que situadas ficão entre S. Domingos e a praia do Gravatá: tratava-se de ouvir cantar a Honorina.

Embebidos, enlevados e perdidos na embriaguez de seu prazer, a companhia não notava que a lua se ia turvando, o mar tornando-se crespo e cavado, e que o ventó, que refrescava, caia as vezes sobre elles em tuções, que fazião jogar os bateis.

Honorina deixou pois ouvir sua voz melodiosa e terrena: aquelle canto no meio do mar, levado nas azas do vento, perdido no longo espaço, ouvido no silencio da noite, tinha um não sei que de mystico e poderoso, que captivava as almas!

A praia ficou para logo coberta de curiosos expectadores, que quando sentirão terminar o hymno da virgem, fizerão soar seus applausos de mistura com aquelles que prorompião dos bateis.

E as acclamações não deixarão ouvir bem distinctamente o surdo mugido de um trovão longiquo, que enfesado bramia: um fuzil se desabrio e fez estremecer Honorina.

— Meo pai, meo pai, veja, como fuzilla, como o horizonte se tem tornado escuro... oh! minha avó tinha bem razão... vamos desembarcar!

— Não ! . . . não ! . . . disserão os moços, ainda uma vez o hymno ! . . . uma segunda vez, minha senhora !

— Sim, Honorina, repete o teu bello hymno; que apenas o terminares, desembarcaremos.

— Mas, meu pai, Rachel e eu estamos tremendo!

— Que medo então é esse? não vês que estamos a dous palmos de distancia da terra? . . . canta. . . canta.

Nesse momento uma pequena canôa, guiada por duas unicas pessoas, approxinou-se dos batelões, e deu fundo.

— Oh! temos companheiros? disse Hugo.

— Quem sabe se será o nosso cantor de hontem? . . .

— Em todo o caso não faz mal reconhecê-lo, disse Octavio; remadores. . . para junto daquella canôa. . .

— Remadores, repetio Manduca no batel em que estava, para junto daquella canôa. . .

— Mas o que eu não sei, murmurou Bras-mimoso, é o que temos nós de ir entender com quem está quieto.

— Oh Sr. Bras! até disto tem medo? . . .

— Quem? . . . eu? . . . medo? . . . as senhoras ainda me não conhecem a fundo.

No entanto os bateis se tinham chegado até encostarse á canôa: Octavio e Manduca pozerão-se a examina-la em pé sobre a borda de seus batelões, e todos os outros fitarão os olhos dentro della. Estavam lá duas unicas pessoas: um velho pobremente vestido, e com a cabeça toda branca, e um negro, que era talvez seu escravo: dentro da canôa vião-se todos os objectos proprios de uma pescaria.

— E' um pescador, disse Octavio.

— Sim, fallou o velho com voz tremula, um pobre

pescador, que vai fugindo da tempestade, que se aví-sinha.

— Mas, meo velho, quem foge, não pára.

— E' que eu ouvi uma voz bem suave ! . . .

— É portanto esqueceu-se da tempestade . . .

— Porque desde então, senhores, todos os meus sentidos . . . toda a minha alma se passou para meos ouvidos . . .

— Pois então, disse Hugo, escuta de novo, meo pescador !

O canto soou talvez mais docemente ainda ; porque a voz de Honorina estava levemente tremula do medo, que sentia do temporal que se approximava.

Mas ella não pôde acahar

Um relampago deslumbrador pareceo abrir uma fenda de fogo horrivel no horisonte ; um trovão medonho e estalante rebentou terrivelmente, e um tu-fão desesperado rugio sobre o mar, que se levantou eucapellado e hravo

Um grito geral prorompeo de dentro dos trez bateis . . .

Ao já fraco clarão da lua succedeo a mais completa escuridade : a dous passos ninguem podia vér um companheiro.

O baêl, em que ia Honorina ficou cheio d'agoa. Ouvindo a custo os gritos de Hugo, de Felis, e das duas moças, os outros dous bateis e a canoa do pescador, accudirão promptamente : aquelle, em que vinha Octavio foi o primeiro, que se encostou ao de Hugo, que tomando sua filha nos braços inclineu—

se para depól-a no batel, que os soccorera; mas... nesse momento a borrasca rugio de novo... o fuzil... o trovão... o raio!... os bateis cedendo a força das vagas, que cavavão sumidouros debaixo delles, affastarão-se jógando terrivel e desordenadamente. Hugo caio sobre os bancos dos remeiros, e Honorina escapando de scos braços desapareceo no abismo do mar...

Um novo grito horrivel... desesperado... arrancado das entranhas se ouvio, apezar da tempestade, sair do triste batel. . . .

Felis agarron pela cintura a Hugo, que se queria lançar no meio das ondas. . .

Sentio-se o baque de um corpo, que caia n'agoa..

Tudo isso foi obra de um rapido instante.

No auge da maior dor, do mais cruel desespero, entre mil idéas sem ordem, sem nexo, tudo se perguntando, e nada se fazendo, a companhia ainda ha pouco tam alegre, e tam afflicta agora, deixava perder momentos de valor inqualificavel. . . .

Mas um brado de vida se levantou na praia.

— Salva!... salva!... salva!....

Oh!... quando se diz a um pai, que cré sua filha já morta—salva!.. salva!.... tua filha está salva!..—tem-se como uma voz de anjo... como um poder de providencia. . .

— Salva!... exclamou Hugo; a praia!... a praia!..

E os bateis atirarão-se para a praia.

Tinhão-se passado apenas breves minutos depois da fatal catastrophe!

Com effeito Honorina tinha sido arrancada do seo das ondas.

O velho pescador apenas ouviu o grito de Hugo, atirou-se n'agoa; desgraçadamente esteve a ponto de sucumbir; pois que um dos bateis foi em seo tempestuoso jogo de encontro a elle no instante mesmo, em que acabava de cair no mar.

Depois...

É enfim e de uma vez para sempre necessario convir, que o dedo de Deos guia continuamente o homem na pratica das boas acções.

O velho mergulhou... e a providencia divina fez, com que sua mão tocasse o corpo de uma mulher: então elle nadou para terra com o seo precioso fardo.

Honorina devia a vida a esse homem, e tambem a sua propria organização.

O mesmo phenomeno, que se tem por muitas vezes observado, em idênticas circumstancias, n'aquelles em quem, predomina o systema nervoso, succedeo a moça: no momento da submersão, foi preza de uma syncope, e caio no fundo do mar.

Houve então um homem eminentemente bravo, que soube, arriscando a propria vida, salvar a filha de Hugo de Mendonça.

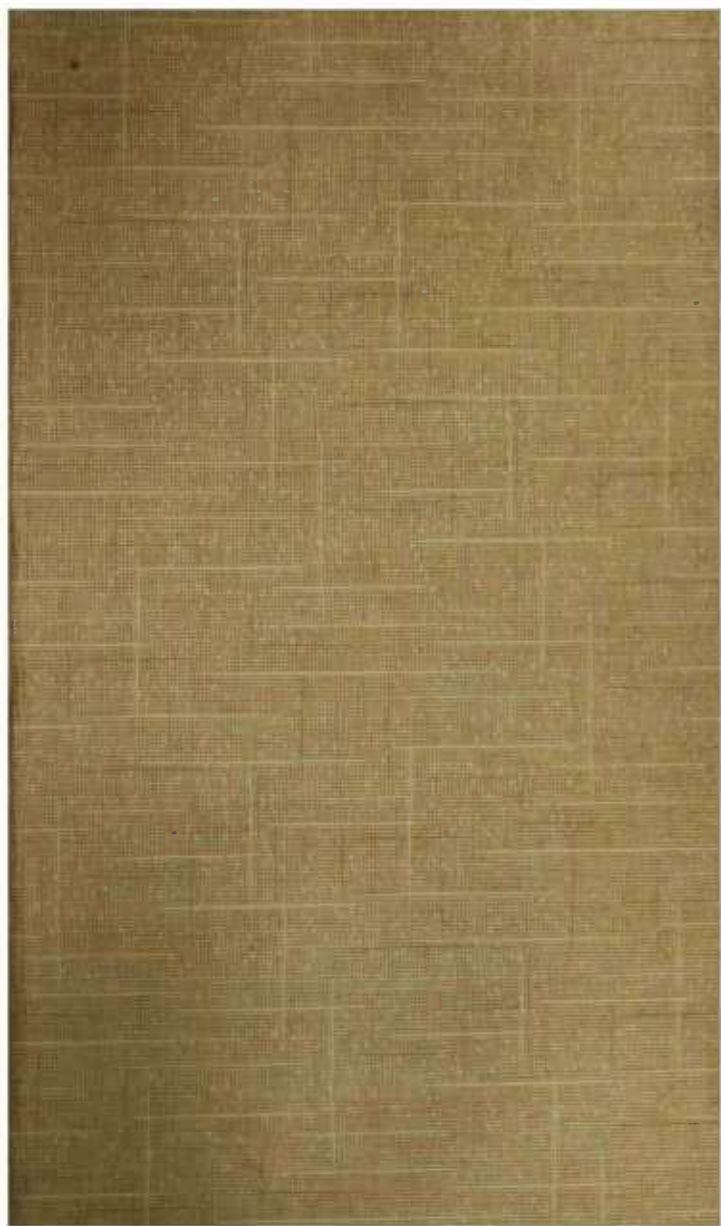
Quando o velho pescador surgiu do meio das vagas, trazendo a moça em seos braços, os espectadores levantarão seo brado de alegria e correrão a prestar a scena a luz de vellas e faxos, de que já se tinham munido.

ERRATA.

Pags.	Linh.	Erros.	Emendas.
11	9	Estão	Então.
11	10	Então	Estão.
13	7	octavio	Octavio.
18	4	estave	estava.
18	15	acompanhador	acompanhado,
20	24	taramellia	taramela
23	15	olhe fez	olhe, fez
23	17	o seo querido	o seo mais querido
23	28	parte	porta
24	26	mostrou	mostrava
50	13	facilitou, um	facilitou um
54	11-c-13	Indefirido-de- firir-defirir	Indeferido-deferir- deferit-
80	25	espalhou	espelhou
81	10	caio	caia
101	9	Cristo	Christo
101	10	Sacrilego	sacriligo
105	2	escutava	escutara
105	2	espalhou-se	espelhou-se
107	26	de	e
113	23	adormecestes	adormeceste
113	28	teos avós	tuos avô
120	13	con-	cons
124	9	peasas.	peças P..

127 tit. do cap. Noites		Noite	
130	13	sobremaneiras	sobremaneira
136	3	terta	testa
138	24	a Juca	ao Juca
138	30	o chá!	o chá.
139	24	póde	poude
144	17	comprimento	movimento
146	4	costumavas a embalar-me	costumavas embalar- me.
147	18	anciosa para	anciosa por
156	26	dos quaes	das quaes
160	16	como que	com que
161	24	da dona	de dona
162	8	póde	poude
165	17	graças	graça
171	3	humanos	humanas
171	5	moncebos	mancebos
171	16	a cingem	o cingem
170	20	risido-sinho	ruido-sinho







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).